



**Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC
Centro de Ciências Humanas da Educação-FAED
Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGE
Doutorado em Educação**

**SANGUE, RISCO E MEDO: GRAMÁTICAS DA AIDS NOS
LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO 6º AO 9º ANO DE
ESCOLAS MUNICIPAIS FLORIANÓPOLIS (2000 A 2011)**

CRISTIANE DE CASTRO RAMOS ABUD

Florianópolis, 2016

CRISTIANE DE CASTRO RAMOS ABUD

**SANGUE, RISCO E MEDO: GRAMÁTICAS DA AIDS
NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO 6º AO 9º ANO DE
ESCOLAS MUNICIPAIS DE FLORIANÓPOLIS (2000 A 2011)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como Requisito Parcial para a Obtenção do Título de Doutor em Educação- Área de Concentração: História e Historiografia da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Gladys Mary Ghizoni Teive

Florianópolis, 2016

A165s Abud, Cristiane de Castro Ramos
Sangue, risco e medo: gramáticas da AIDS nos
livros didáticos de Ciências do 6.º ao 9.º ano de
escolas municipais Florianópolis (2000 a 2011) /
Cristiane de Castro Ramos Abud. - 2016.
282 p. il.; 21 cm

Orientadora: Gladys Mary Ghizoni Teive
Bibliografia: p. 233-256

Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Florianópolis, 2016.

1. Didática das ciências. 2. Educação - Estudo e
ensino. 3. HIV (vírus). I. Teive, Gladys Mary
Ghizoni. II. Universidade do Estado de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação.
III. Título.

CDD: 372.3507 - 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

CRISTIANE DE CASTRO RAMOS ABUD

Sangue, Risco e Medo: Gramáticas da AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano de escolas municipais de Florianópolis (2000 a 2011)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como Requisito Parcial para a Obtenção do Título de Doutor em Educação-Área de Concentração: História e Historiografia da Educação.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Gladys Mary Ghizoni Teive (Orientadora) UDESC

Profa. Dra. Kira Mahamud Ângulo- UNED

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Schmidt- UFPR

Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve-UDESC

Profa. Dra. Gisela Eggert Steindel- UDESC

Prof. Dr. Norberto Dallabrida-UDESC

Florianópolis, 01 de Agosto de 2016

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos/as aqueles/as que estiveram presentes de forma direta ou indireta na elaboração dessa escrita, com suas sugestões, críticas, carinho, atenção, paciência e cuidado.

Agradecer aos colegas, professores e professoras, diretores e diretoras, orientadoras que fizeram parte da minha trajetória desde a graduação da pedagogia na UFRGS, do Mestrado do PPGH/UDESC, do Doutorado do PPGE/UDESC, do curso de Pedagogia à Distância do CEAD/UDESC. Aos/as profissionais das escolas em que atuei, à Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC.

À querida e competente orientadora Gladys Mary Ghizoni Teive pelo incentivo, motivação, partilha incansáveis e reconhecimento de sempre.

Aos membros da Banca de Qualificação, professores/as Kira Mahamud Angulo, Maria Auxiliadora Schmidt, Alexandre Fernandez Vaz e Maria Teresa Santos Cunha e Norberto Dallabrida, por suas diversas e riquíssimas sugestões e diálogo. Aos membros da Banca de Defesa, professore/as Kira Mahamud Angulo, Maria Auxiliadora Schmidt, Ana Maria Hoepers Preve, Gisela Eggert Steindel e Norberto Dallabrida, em aceitar o convite e promover um momento de (des)construção e partilha de conhecimentos e saberes.

Aos meus pais, irmã e demais familiares que fazem parte da minha formação intelectual, profissional e pessoal. Ao meu marido pelo companheirismo sem igual e ao meu filho à quem dedico essa Tese e que me inspira em uma escrita alegre, criativa e sonhadora.

Viver é rasgar-se e remendar-se.
Guimarães Rosa.

RESUMO

Os discursos textuais e imagéticos veiculados nos livros didáticos legitimam saberes e práticas específicas, tendo em vista a produção de subjetividades e de identificações também bastante específicas. O meu objetivo ao analisar uma série de 16 livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, adotados pelas escolas da região norte do município de Florianópolis, entre 2000 e 2011, foi o de desentranhar as gramáticas que os discursos selecionados acerca da AIDS pretendem produzir nos/as alunos/as, muito particularmente as relacionadas aos sentimentos e as emoções. Para alcançá-lo foram analisados desde o número de páginas dedicado ao tema, passando pelos títulos selecionados para os capítulos e unidades, as imagens escolhidas, os dados apresentados sobre o histórico da AIDS, os conceitos sobre a doença, até as versões sobre o vírus HIV e formas de transmissão/contágio. Foram analisadas, sobretudo, as estratégias discursivas e imagéticas adotadas pelos livros didáticos para qualificar o comportamento de risco e para a produção do medo. Através da metodologia da bricolagem busquei compreender as mudanças, continuidades, silenciamentos e contradições sobre a AIDS/HIV presentes nos livros ao longo do período estudado, entrecruzando os discursos legitimados nos livros com notícias publicadas em diferentes mídias. Como ferramental teórico para tais análises optei pelos conceitos de Discurso, na perspectiva dos Estudos Culturais, de *Affective Turn* e de Gramática Visual. Dentre as conclusões obtidas destacam-se a forte abordagem moral e de controle sobre o corpo presente nos livros, onde vontade e prazer são relacionados ao comportamento de risco; a relação

direta entre AIDS e morte; a feminização da doença; o estigma em relação a homossexualidade, etc.

Palavras-chave: Livro didático 1. Ensino de Ciências 2. AIDS 3. Sentimentos/emoção 4. Bricolagem 5.

ABSTRACT

The textual discourses and imagery conveyed in Scientific text books legitimize knowledge and specific practices, having in mind the production of subjectivities and identifications, which are also very specific. My objective, through the analysis of a series of 16 scientific text books from the 6th to the 9th year of basic education (middle or secondary school), adopted by the schools in the northern part of the municipality of Florianópolis, between 2000 and 2011, was to attempt to unravel and uncover the forms and structures that the selected discourses related to SIDA intended to produce on the students especially in relation to feelings and emotions. For this, the number of pages dedicated to the subject were analyzed, as well as the titles of the chapters and units, the images, the data presented about the history of SIDA, the concept of the disease, the versions of the HIV virus and forms of transmission and contagiousness. Mainly, the discursive strategies and imagery adopted in these text books to qualify risk behavior and fear creation were analyzed. Through the bricolage methodology, I sought to comprehend the changes, continuity, silencing and contradictions about SIDA/HIV found in text books during the period studied. I was able to intersect the discourse legitimized by the books with news reports published in different forms of media. As a theoretical tool for analysis, I opted for the concept of discourse, in the perspective of Cultural Studies, of Affective Turn and of visual grammar. Among the conclusions reached, the moral approach and control of the body can be highlighted, where desire and pleasure are associated with risk behavior; a direct relationship between SIDA, fear and death; the feminization of the disease; the stigma in relation to homosexuality, etc.

Key- words: Text books 1. Science Teaching 2. AIDS 3. Feelings/emotions 4. Bricolage 5.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Terminal de ônibus do Centro de Florianópolis. TICEN.	66	
Figura 2 - Capa do livro didático de Ciências, 2004. Editora Positivo	75	
Figura 3 - Capa do livro didático de Ciências, 2009. Editora FTD..	76	
Figura 4 e Figura 5 - Capas dos livros didáticos de Ciências de 2000, Ed. Ática e Ciências de 2005, Ed. Ática.....	77	
Figura 6 - Capa do livro didático de 2008. Editora Moderna.....	79	
Figura 7 - Capa do livro didático de 2011. Editora Moderna.....	80	
Figura 8 - Capa do livro didático de 2005. Editora Positivo	85	
Figura 9 - Capa do livro didático de 2008. Editora Positivo	86	
Figura 10 - Capa do livro didático de Ciências, 2006. Ed. Saraiva..	87	
Figura 11 - Capa do livro didático de Ciências, 2002.Ed. FTD	89	
Figura 12 - Capa do livro didático de Ciências, 2009. Ed.FTD	90	
Figura 13 - AIDS	99	
Figura 14 - A luta pela saúde.....	105	
Figura 15 - A vida	105	
Figura 16 - Conservando a espécie: o sistema genital.....	112	
Figura 17 - Reprodução e sexualidade	114	
Figura 18 - A vida é a melhor opção	115	
Figura 19 - Saúde e cidadania	116	
Figura 20 - A nutrição: transporte e circulação do sangue	119	
Figura 21 - A luta pela saúde.....	120	
Figura 22 - Os microrganismos	Figura 23 - Investigando a vida ...	121
Figura 24 - Os organismos e a percepção do ambiente		122
Figura 25 - Representação do vírus HIV	Figura 26 – Vírus HIV..	133
Figura 27 - Vírus da AIDS		134
Figura 28 - A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida		135

Figura 29 - Representação do vírus da AIDS	136
Figura 30 - Cazusa. Uma vítima da AIDS agoniza em praça pública	152
Figura 31 - Formas de contágio da AIDS.....	167
Figura 32 - Atenção	173
Figura 33 - Prevenção da AIDS.....	174
Figura 34 - Folheto de prevenção à AIDS	177
Figura 35 - Doenças sexualmente transmissíveis	181
Figura 36 - Ir ao médico periodicamente.....	181
Figura 37 - Veja o que uma pessoa portadora do vírus da AIDS deve fazer	183
Figura 38 - Cartaz do Dia Mundial de Luta Contra a AIDS de 2005.	185
Figura 39 - Reprodução humana e responsabilidade.....	189
Figura 40 - Doenças sexualmente transmissíveis: DSTs	197
Figura 41 - Reprodução humana e responsabilidade.....	199
Figura 42 - Adultos e crianças vivendo com HIV em 2007	206
Figura 43 - A epidemia no Brasil	207
Figura 44 – Dados da AIDS No Brasil	208
Figura 45 - Número de casos da AIDS, segundo diagnóstico Brasil 1996-2006.....	209
Figura 46 - Sátira	213
Figura 47 - Sátira	214

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Levantamento das obras analisadas (Continua)	69
Quadro 2 - Levantamento do número de obras escolhidas por editora	81
Quadro 3 - Levantamento por série, editora e ano dos 16 livros didáticos de Ciências escolhidos pelos professores entre 2000 a 2011 em cinco escolas municipais de Florianópolis	82
Quadro 4 - Quadro comparativo de títulos sobre a AIDS presentes nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano (2000 a 2011) (Continua).....	94
Quadro 5 - Formas de transmissão do HIV/AIDS (Continua)	137
Quadro 6 - Frequência do endereçamento do conteúdo da AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano (2000 a 2011).....	220

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Casos de AIDS em SC.	101
Gráfico 2 - Proporção por idade em 2014.	102
Gráfico 3 - Percentual dos casos de AIDS segundo categoria de exposição, Santa Catarina, 1984 a 2012.....	103
Gráfico 4 - Total de mortalidade (por 100.000 hab.) dos casos de AIDS, Santa Catarina e Brasil, 1984 a 2012.....	104

SUMÁRIO

1	CONTATOS INICIAIS: PRAZERES E TENTAÇÕES (INTRODUÇÃO)	21
1.1	Percurso metodológico - riscos, perigos e desafios	29
1.2	Percurso teórico	34
1.2.1	Discurso como prática produtiva	36
1.2.2	O <i>Affective Turn</i> - afetos que atravessam os corpos	38
1.2.3	A Gramática Visual: corpos (in)visíveis	46
2	LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS: (DES)CAMINHOS E ESTRATÉGIAS DE CONTAMINAÇÃO	55
2.1	A escolha dos livros didáticos nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.....	64
2.1.1	Sobre os títulos dos livros didáticos selecionados	72
2.1.2	Sobre os autores/as das obras selecionadas.....	73
2.1.3	Sobre as editoras dos livros didáticos selecionados	81
2.1.4	Sobre as concepções sobre o ensino de Ciências subjacentes as capas dos livros didáticos.....	84
3	INFEÇÃO AGUDA: CONTEÚDOS SOBRE AIDS/HIV E FORMAS DE APRESENTÁ-LOS AOS/AS ALUNOS/AS	93
3.1	Sobre o número de páginas dedicadas ao tema do HIV/AIDS	94
3.2	Sobre os títulos dos Capítulos ou Unidades- gramática enunciativa	107
3.3	Imagens selecionadas para ilustrar as páginas introdutórias dos Capítulos e das Unidades	111
3.4	Modo como o histórico do HIV/AIDS é apresentado	124

3.5	Definições legitimadas sobre AIDS	128
3.6	O vírus HIV e suas formas de transmissão.....	131
3.7	Discursos sobre os sintomas da AIDS- corpos em agonia ...	145
4	GRAMÁTICA DE PREVENÇÃO: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS RELACIONADAS AO RISCO DE CONTAMIANÇÃO.....	159
4.1	Corpos vigiados: gramáticas prescritivas relacionadas ao risco	162
4.2	A feminização da AIDS nos livros didáticos de Ciências	179
5	GRAMÁTICA DO TERROR: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E IMAGÉTICAS PARA A PRODUÇÃO DO MEDO	193
5.1	Epidemia quantificada: a AIDS em números	203
5.2	Corpos em batalha contra o vírus: a gramática da guerra.....	211
6	EXPECTATIVAS E POTENCIALIDADES: CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CONTEÚDO DA AIDS PRESENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	225
	REFERÊNCIAS	233
	ANEXO A - DOCUMENTOS REFERENTES À ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO	258
	ANEXO B – CARTA SENHA	270
	ANEXO C – NORMAS DO PROCESSO DE ESCOLHA	274
	ANEXO D - MODELO DE ATA PARA REUNIÃO DE ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO-FNDE.....	278
	ANEXO E - CAPAS DOS LIVROS DE CIÊNCIAS ANALISADOS.....	279

1 CONTATOS INICIAIS: PRAZERES E TENTAÇÕES (INTRODUÇÃO)

Enfiar-se na leitura é enfiar-se no texto, fazer com que o texto trabalhe, fazer com que o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir tramas, escrever de novo ou de novo: escrever (LARROSA, 1998, p.183).

Livros-objetos cênicos, suportes que aglutinam conteúdo, forma, linguagens que contam múltiplas histórias, pontos de vista. O livro pode ser de vários formatos, escrito em pedras, pergaminhos, tomos, de bolso e de várias categorias, científica, literária, ficção, informativa, romântica, marginal. Quando se abre a página os olhos são atraídos pela imagem das letras, das formas, dos versos, das figuras. O traçado da página guia, localiza o leitor, dá sentido ao texto, um manuscrito de possibilidades, além da própria escritura. Margens, limites, fronteiras, pontos, cores que encarnam mensagens, personagens, histórias, pensamentos, culturas, mundos, lugares, habitantes, paisagens.

Ao segurar-se um livro nas mãos diferentes emoções, sentimentos são produzidos, o cheiro, o peso, a textura, o formato tudo irá desprender um tipo de cena, uma necessidade, um local para leitura, as vezes silenciosa, as vezes em voz alta, uma forma de segurá-lo, folheá-lo, rabiscá-lo ou guardá-lo:

A leitura reconhece seus sabores. Aos poucos. Vagarosamente. A princípio, não sabe: mas cheira. Cheira o nariz dentro do livro, cheira o movimento das páginas, cheira esse cheiro misterioso do que se compreende e não se compreende de uma só vez. E aspira o vendaval da escrita (SKLIAR, 2014, p.63).

Um aprendizado cultural e histórico que envolve práticas de leitura e sociabilidades, identidades próprias de escrita que se relacionam com uma intenção intelectual ou estética, com hábitos e técnicas forjados ao longo de sua evolução estabelecendo uma série de experiências entre o leitor e a obra, “um investimento afetivo e intelectual” (CHARTIER, 1999, p.70). Portador e enunciador de culturas, entendendo-se aqui o conceito de culturas, atrelado ao livro didático, como sendo,

(...) artefatos, ideias, signos e símbolos, as linguagens e tudo o que permite e realiza as mediações dos e entre sujeitos, em relações sociais historicamente determinadas, onde estes sujeitos são produto e também produtores da cultura, podendo admitir-se também a existência de abordagens categoriais da cultura, tais como a cultura histórica e a cultura escolar (SCHMIDT, 2012, p.92-93).

O livro didático atua como um dispositivo de controle, aqui compreendido na perspectiva de Agambem (2010), como qualquer coisa que tenha a capacidade de capturar, moldar ou controlar as condutas e os discursos, o qual dispara imagens escritas, visuais, táteis, que carregam e misturam memórias e saberes históricos. Por conta disso, ele vem sendo

compreendido como “importante fonte de análise para se investigar a escolarização dos saberes, e de como seu ensino tem sido organizado e praticado no tempo (SILVA, 2000, p. 05). Os livros didáticos, historicamente, são um dispositivo fundamental para a transmissão de saberes, tempos, espaços, dos currículos, planos, da cultura e das práticas escolares, possibilitando formas de interpretação e estudo da “gramática da escola” (DUSSEL, 2003, p.13). É preciso criar estratégias para a sua leitura, sua análise, organizar a mesa, os livros, os/as autores/as, os conceitos. Corpo-escritura, corpo-mapa.

Para José Gimeno Sacristán o livro didático constitui-se na segunda fase do processo de construção curricular¹: “currículo apresentado aos professores”, e tem por objetivo,

traduzir para os professores o significado e os conteúdos do currículo prescrito, realizando uma interpretação deste. As prescrições costumam ser muito genéricas e, nessa mesma medida, não são suficientes para orientar a atividade educativa nas aulas. O próprio nível de formação do professor e as condições de seu trabalho tornam muito difícil a tarefa de configurar a prática a partir do currículo prescrito. O papel mais decisivo neste sentido é desempenhado, por exemplo, pelos livros-texto (SACRISTÁN, 1998, 104-105).

¹ Para Sacristán (1998) o processo de desenvolvimento curricular possui 6 fases, níveis ou momentos: 1) o currículo prescrito; 2) o currículo apresentado aos professores; 3) o currículo moldado pelos professores; 4) o currículo em ação; 5) o currículo realizado; 6) o currículo avaliado.

Objeto cultural didático, onde se “entrecruzam aspectos da História da Cultura e da História da Pedagogia” (GATTI JUNIOR, 2004, p.29), o livro didático colabora na transmissão de conteúdos de ensino com características específicas enquanto instrumento educacional em diferentes contextos históricos. Esses objetos, segundo Lawn (2013, p.225), “não são artefatos separados e desconectados, eles estão cingidos de valor social e são dinâmicos nos seus efeitos.” Foi a partir do século XIX, com a resolução do Ministério da Instrução Pública na França, de 1890 que o uso dos livros nas escolas primárias tornou-se obrigatório (MULLIER, 2008, p.61). No Brasil, nos finais do século XIX, os livros escolares circularam além dos espaços escolares, nas leituras de lazer e literárias tornando-se também objetos de controle das ações, hábitos, a moral dos cidadãos e da necessidade do sujeito escolarizado neste período,

(...) e se constituíram como produtos de grupos sociais que procuravam a partir destes, fazer circular valores, normas, condutas, tradições e representações de uma determinada época (CUNHA, 2011, p.83).

O conceito de manual escolar está relacionado ao livro didático e aos seus usos, sendo ele compreendido como documento da cultura escrita que no meio pedagógico escolar possui características próprias, tanto de edição como de sua composição (OSSEMBACH, 2001, p.21). Nesse sentido, o livro didático será aqui analisado enquanto documento histórico, condutor de significados mercadológicos, editoriais, políticos que adentram o espaço escolar através de sua materialidade, linguagem e estética, objetivando produzir

subjetividades e identificações. Objeto atravessado por múltiplas possibilidades de leituras, interpretações, usos e com material impresso, utilizado para o “desenvolvimento de processos de ensino e de formação, e que, desde o processo de concepção é produzido tendo em vista as finalidades escolares” (BATISTA, 1999, p.542).

É no espaço da escola, que o livro ganha um sentido “escolar”, produzindo informações podendo, ainda, ser fonte de análise para se perceber tanto as práticas, as táticas, como os processos históricos da escolarização e dos aspectos que envolvem o campo da cultura escolar, ou seja, seus objetos materiais, espaços, tempos, histórias cotidianas, ritos, códigos, práticas e condutas, prescrições, processos disciplinares, cuidados com o corpo, linguagens, identidades, subjetividades (VIÑAO FRAGO, 1995). Sua importância está tanto como dispositivo do saber e da cultura escolar, como de suporte das disciplinas escolares, demarcado por uma multiplicidade de funções², de usos e práticas ainda adotado de forma efetiva nas escolas.

Os materiais que dão à escola um caráter escolar e pedagógico, atuam como artefatos que marcam os corpos que por ela passam, os objetos que foram utilizados e descartados, as didáticas enunciadas, prescritas, aplicadas e normalizadas, os ritmos da aprendizagem os quais contribuem para produzir

² Segundo Choppin (2004) e Bittencourt (2008), o livro didático possui a *função curricular/referencial*- que coloca o livro didático como privilegiado suporte sistematização de conteúdos escolares; a *função instrumental*-apresenta o livro didático como suporte de métodos e técnicas de aprendizagem, tais como exercícios, questionários, leituras, etc; a *função ideológica* ou cultural- como portador de valores e ideologias, permeadas por concepções, conceitos e preconceitos históricos.

identidades, saberes, sentimentos, dores, odores e sabores que compõem o universo cultural e histórico da escola. Para Escolano Benito (2012, p. 2), o livro escolar tem como características principais quanto a sua impressão: “*el formato*” que comporta a estrutura física do objeto, estrutura, tamanho; “*la cubierta*”, representa as apresentações e tipografia estética e simbólica que servem também como atrativos da leitura; “*la maqueta de las páginas interiores*” que demonstra a organização e distribuição espacial e gráfica do conteúdo que irão orientar a leitura; “*las estrategias ilustrativas*” que comporta toda a iconografia relacionada a leitura e escrita e por fim, “*el implícit reader que subyace bajo su textualidad*”, onde está implícito um determinado tipo de sujeito leitor.

Partindo-se destas premissas, o livro didático, objeto pertencente aos estudos da manualística³, do currículo e da cultura escolar, foi analisado nesta pesquisa em seus âmbitos discursivos, imagéticos, visuais e estéticos, com o intuito de desentranhar as subjetividades, os desejos, as percepções, práticas, sentimentos e emoções que pretendem produzir em seus leitores e leitoras. Pretendeu-se, pois, percorrer os caminhos investigativos acerca dos discursos legitimados acerca da AIDS encapsulados nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano utilizados em escolas utilizadas em escolas municipais de Florianópolis, localizadas no norte da ilha, no período de 2000 a 2011. Com o auxílio da técnica da bricolagem, no que se refere ao aporte metodológico, da

³. O campo da manualística, assim denominado pelo historiador Augustín Escolano Benito, conferiu aos manuais escolares uma abrangência política e histórica, sendo o livro escolar objeto pertencente a este campo e revelador de uma lógica editorial-escolar da cultura escolar, às práticas pedagógicas e didáticas e da cultura escrita (MAGALHÃES, 2008, p.15).

análise discursiva, do *affective turn* e da gramática visual, no que diz respeito aos aportes teóricos, pretendeu-se identificar, possíveis *gramáticas* sobre a AIDS, nos textos escritos e imagéticos e nas atividades propostas aos/as alunos/as. Gramáticas entendidas como enunciadoras de práticas e táticas que interpelam os sujeitos através de imagens e de textos escritos. Para Inés Dussel (2014), a gramática da escola refere-se ao tipo de linguagem, a forma de apresentação visual dos materiais e livros didáticos e as práticas de escolarização que ocorrem dentro ou fora da escola, nas que acabam por influenciar historicamente a organização dos objetos, espaço e tempos escolares que constituem a cultura material. Nesse sentido, trago esse termo para discutir como os discursos sobre a AIDS presente nos livros didáticos de Ciências, intencionam e tencionam práticas, saberes e sentimentos, através de uma linguagem e estéticas próprias.

Pretendeu-se, portanto, analisar como, por meio de textos, escritos, imagens e atividades propostas, os livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano, produzem gramáticas determinadas para abordar o tema da AIDS, as quais deverão produzir sentimentos, emoções, saberes e práticas sobre o vírus e também sobre os sujeitos. Assim, foi privilegiada a análise sobre como são apresentadas as informações acerca do vírus do HIV/AIDS, desde o número de páginas dedicado a este conteúdo; os títulos dos capítulos e unidades sobre o HIV/AIDS; as imagens escolhidas para ilustrar as páginas introdutórias das unidades e capítulos; o modo como o histórico da doença é apresentado; as definições legitimadas acerca da AIDS; os discursos sobre os sintomas da AIDS, e o vírus do HUV e suas formas de transmissão. A partir da metodologia da bricolagem, cada uma destas categorias foi analisada de modo a evidenciar as modificações, as

permanências e as contradições acerca da AIDS presentes nos livros didáticos, ao longo do período recortado para a análise. Neste sentido, o título da presente tese procura elucidar as gramáticas presentes nas análises tais como: gramática visual e estética representada pela palavra sangue, gramática da prevenção representada pela palavra risco e a gramática do terror representada pela palavra, medo.

As pesquisas acerca do livro didático são relativamente recentes, sendo intensificadas a partir da segunda metade do século XX. Choppin (2004, p. 14), ressalta que antes dos anos de 1970 não se tinha a compreensão necessária quanto ao valor simbólico e cultural dos livros didáticos, apenas “considerados objetos de consumo e produtos perecíveis”, acabando, muitas vezes, por serem poucos conservados. A partir dos anos de 1970 cientes da importância histórica dos livros didáticos, pesquisadores/as debruçaram-se sobre eles enquanto objetos de múltiplas possibilidades de investigação. Cassab & Martins (2008, p. 02), chamam a atenção para o fato de que a maioria dos estudos realizados abordam questões governamentais e legislativas em torno do livro, sendo poucos os enfoques acerca de seus usos junto aos professores/as e alunos/as.

A respeito de pesquisas relacionadas aos livros didáticos de Ciências e, especificamente, sobre a AIDS, foram encontrados o trabalho de conclusão de curso de Fabio Nei Teles, “AIDS nos livros didáticos: análise dos livros didáticos de Ciências aprovados pelo PNLD-2005”, do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro de 2006, onde foi feita a análise dos critérios utilizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 presentes nos livros didáticos de Ciências recomendados pelos PNLD de 2005 da 7ª série e os diferentes enfoques sobre a AIDS nestes livros. E a Dissertação de Mestrado de Priscila

Frasson, “AIDS, qual o seu significado nos livros didáticos?”, do Programa de Pós-graduação para a Ciência e o Ensino da Matemática da Universidade Estadual de Maringá de 2006, onde analisa as diferentes retóricas dos conceitos e conteúdos da AIDS em 10 livros didáticos de Ciências e Biologia do Ensino Médio.

Trata-se, portanto, de uma temática pouco visitada o que torna a pesquisa realizada instigante no sentido de trazer outras formas de se perceber e questionar os livros didáticos e os discursos que veiculam.

1.1 Percurso metodológico - riscos, perigos e desafios

São tantos os caminhos, as direções, os métodos, as metodologias possíveis, mas é preciso escolher. Segundo Rocha e Somoza (2012), a preocupação em relação à metodologia e ao estabelecimento de categorias teóricas precisas de investigação no campo da manualística evidencia-se em cada congresso, seminário ou encontro de profissionais deste campo. Historicamente, as análises dos manuais didáticos tem privilegiado o conteúdo textual dos livros, sendo bastante recente a preocupação com os seus aspectos iconográficos e ainda são raros os estudos que abordam ambas as perspectivas de maneira integrada e sistemática, tal como o que pretendi desenvolver nesta investigação.

Metodologicamente falando, o primeiro passo da pesquisa foi a realização do levantamento dos livros de Ciências que foram utilizados do 6º ao 9º ano em 6 escolas

municipais de Florianópolis localizadas no norte da ilha no período de 2000 a 2011⁴: sendo estas: E.B. M. Osmar Cunha (do bairro de Canasvieiras), E.B.M. Luiz Cândido da Luz (do bairro da Vargem do Bom Jesus), E.B.M. Aricomedes da Silva (do bairro Cachoeira do Bom Jesus), E.B.M. Professora Herondina Medeiros Zeferino (do bairro Ingleses), E.B. Maria Conceição Nunes (do bairro Rio Vermelho) e E. B. Antônio Paschoal Apóstolo (do bairro Rio Vermelho). A escolha do ano 2000 como marco inicial da pesquisa deu-se pelo fato de que foi a partir desse ano que os conteúdos acerca da AIDS começaram a ser veiculados nos livros de Ciências adotados nestas escolas. O marco final- 2011, justifica-se por possibilitar a visualização nas séries publicadas, ao longo deste período, das diferentes formas de abordagens quanto ao conteúdo da AIDS. Ademais as séries possibilitam detectar com mais profundidade as modificações e permanências que a temática da AIDS sofreu ao longo dos anos, a variedade da sua organização ou fragmentação, de que forma utilizam-se de uma “ordem não sequencial, pela utilização de múltiplos níveis de texto e variados recursos gráficos, etc.” (ROCHA & SOMOZA, 2012, p. 03). Assim, essa fragmentação, entre as séries em estudo, tornar-se potente na medida em que revela as variedades gráficas, os diferentes recursos adotados, os elementos visuais e gráficos em movimento nesse período.

⁴ Foram escolhidas as escolas do norte da Ilha de Florianópolis, por serem as que possuem o maior número de alunos, sendo estes em sua maioria alunos de famílias em situação de risco e de baixa renda. Esclarecendo que a ilha de Florianópolis é dividida em cinco regiões: **Central**, **Norte**, **Leste**, **Sul** e **Continental**, e os distritos de Santo Antônio de Lisboa, Canasvieiras, Cachoeira do Bom Jesus, Ingleses do Rio Vermelho e Ratonés juntos correspondem aos bairros da região Norte da Ilha.

Feito o levantamento das obras, procedi à leitura dos capítulos e das unidades dedicados ao tema e selecionei 7 variáveis para balizar as análises: 1) Espaço dedicado ao tema da AIDS nas obras selecionadas; 2) Títulos escolhidos para os capítulos e as unidades; 3) Imagens selecionadas para compor os capítulos e as unidades; 4) Modo como o histórico da AIDS é apresentado; 5) Conceituação da AIDS; 6) Versões sobre o Vírus HIV; 7) Versões sobre as formas de transmissão/contágio do vírus. Para a análise de cada uma dessas variáveis e de modo a estabelecer comparações sobre como cada uma delas foi tratada nos diferentes livros, optei pela metodologia da *Bricolagem*, utilizada pelos Estudos Culturais, a qual abre diferentes possibilidades para olhar o objeto, em diferentes ângulos e perspectivas.

O *bricoleur* ousa sobre seu objeto, monta e o desmonta, brinca de interpretar, de perguntar, de colocá-lo sob diferentes pontos de vista em determinados tempos e espaços históricos, através da “colagem de textos” (DERRIDA, 1971) para chegar sem pretensão alguma, a “união de vários elementos culturais que resultam em algo novo” (CERTEAU, 1994), confeccionando colchas com os retalhos que pareciam sem vida, sem uso, para criar, quebrar com “o parcelamento, a fragmentação e a neutralidade científica dos métodos positivistas, os quais legitimam as relações de poder desiguais” (KINCHELOE, 2007, p.290). A palavra *bricolagem* com raízes francesas, *bricolage*, como o ato de operar através de materiais fragmentários têm sido atualmente utilizada como método de pesquisa, o que significa tornar-se construtor, artesão ou artista (LÉVI-STRAUSS, 1970, p.38), um “arquiteto do acaso” (JACQUES, 2001), que tem o improvisado como peça fundamental.

Bricolar é, então ricochetear, enviezar, zigzaguear, contornar. O *bricoleur*, ao contrário do homem das artes (no caso, o arquiteto), jamais vai diretamente a um objetivo ou em uma direção à totalidade: ele age segundo uma prática fragmentária, dando voltas e contornos, numa atividade não planificada e empírica (Id., *ibid.*, p.24).

Uma metodologia ativa que ganha corpo dentre um mosaico de interpretações, olhares, questionamentos, assumindo os riscos, as relações de poder implicadas no processo da pesquisa, onde a subjetividade do próprio pesquisador contribui para o desenvolvimento da pesquisa, onde ele se torna um “auto-reflexivo com relação a seu próprio papel e ao dos outros pesquisadores em geral no processo de criação do conhecimento e da realidade” (KINCHELOE; BERRY, 2007, p.22). No método da bricolagem, as verdades tornam-se incertezas, a crítica torna-se uma realidade “que se manifesta como uma permanente reflexão e desconfiança radical frente a qualquer verdade dita, ou estabelecida” (VEIGA-NETO, 2000, p.47). As interpretações tecem relações com os discursos e os saberes emergentes dos espaços individuais, de grupos, coletivos ou das instituições, “saberes que significam muito mais um não-saber, uma ignorância necessária ao pesquisador, que sabe que nenhuma pesquisa poderá remediar” (CORAZZA, 2001, p.18). O texto produzido, através da bricolagem, torna-se uma colagem complexa, entrelaçando imagens, percepções, interpretações, críticas, contextos traçados para o exercício de análise. Transitar por essa metodologia, não significa adotar uma linha rígida, ela não é como aponta Oliveira (2012, p.282),

Um caminho para saber sobre as coisas do mundo, mas um modo de pensamento que se desdobra em diferentes disciplinas e que as toma como testemunhos de uma questão: a potência do pensamento.

Acredito que uma tese/escrita/arte é feita da costura dos retalhos formando múltiplas combinações, possibilidades, cores, formas, anotações, letras, pensamentos, devires, e de como advertiu Telles (2007, p. 10), trata-se de:

Varrer o lixo, vasculhar o lixo, refazer coisas a partir do que foi jogado fora- a bricolagem- são ações de revisão, discriminação; de separação do joio do trigo; do que pode ser metamorfoseado, do que deve ser jogado fora. Muitas vezes o fragmento jogado no lixo por parecer mudo, pode se mirado com atenção, suscitar perguntas, respostas, desafios.

Uma teia em que o objeto vai se entremeando em diferentes contextos, possibilidades até virar outro/os. Uma teia tecida por vários fluxos, linhas, dobras, enredamentos, acontecimentos, saberes; onde a cada linha tecida se enlaçam novos encadeamentos, criando novas superfícies, cores, texturas, tramas. Tecer a tese entremeando-a, improvisando através da dança das mãos na escrita, ou seja, construindo-a de forma crítica, questionadora, dialógica, imprevisível, instigante e interdisciplinar, influenciada por contextos sociais, culturais, econômicos, religiosos, tecnológicos, tendo como “produto final um conjunto de imagens mutáveis e interligadas” (NEIRA; LIPPI, p.2012, p.610).

Significa olhar nossos objetos e interrogá-los: o que posso fazer com isso, como ele foi produzido, funciona, que relações históricas podem ser estabelecidas em outros tempos e lugares, quais são suas continuidades e descontinuidades, “como as coisas funcionam e acontecem para ensaiar alternativas para que elas venham a funcionar e acontecer de outra maneira” (VEIGA NETO, 2003, p.22).

Através da técnica da bricolagem, pude zigue-zaguear por entre a série de livros selecionada de modo a compreender as mudanças, rupturas, continuidades, silenciamentos e contradições sobre o conceito da AIDS/HIV presentes. Pude, ainda, entrecruzar os discursos sobre a AIDS legitimados nos livros com notícias publicadas em diferentes mídias (revistas em geral, revistas científicas, campanhas publicitárias), acerca de pesquisas, estudos, avanços, dificuldades e, ainda, com dados quantitativos acerca do HIV/AIDS, tanto no contexto internacional como nacional e local, no período de publicação dos livros estudados.

1.2 Percurso teórico

Pretendi refletir a respeito da AIDS e da sexualidade não como uma questão privada ou individual, mas como uma construção histórica, implicada em sistemas de significação e relações de poder tal como propõem os Estudos Culturais e as suas vertentes pós-estruturalistas. Os Estudos Culturais caracterizam-se como campo de estudos e de intervenção que estuda os aspectos culturais da sociedade, enfatizando questões como cultura, significação, identidade e relações de poder. Desconfiam, colocam sob questão, os saberes tidos como

universalizantes que constituem respostas, caminhos e conceitos padronizados, invariáveis e definitivos.

Assim, trabalhar com Estudos Culturais, é falar de jogos de linguagem, de diferenças, de lutas sociais e políticas em meio a relações de poder, onde as representações são construídas discursivamente, manifestando-se em imagens, artefatos, objetos, códigos de conduta e narrativas a partir de redes de significados, instituídos e colocados em circulação através das linguagens - sons, palavras escritas, linguagem oral, imagens, gestos, músicas permeadas pelo exercício do poder. Podendo, através desta ferramenta “ampliar a imaginação de uma única narrativa, para oferecer espaço a uma multiplicidade de trajetórias” (MASSEY, 2008, p.24).

Em sintonia com este referencial teórico, parti do pressuposto de que as palavras e as imagens presentes nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano não são neutras. São carregadas de relações de poder, tensões, de ambivalências e de significados e ocupam um espaço legitimado no ambiente escolar, um poder de dizer, que se apresenta nas relações de poder estabelecidas em nossa sociedade, e, desse modo, condicionam as representações e atitudes relacionadas às diferentes identidades:

Para os Estudos Culturais, revelar os mecanismos de poder pelos quais se constroem determinadas representações é o primeiro passo para reescrever os processos discursivos e alcançar a formação de outras identidades” (NEIRA; LIPPI, 2012, p.609).

A contribuição, portanto, do campo de estudo dos Estudos Culturais para esta pesquisa, está no fato de que as imagens e a linguagem presentes nos livros didáticos de Ciências

apresentam relações históricas e culturais, como de gênero, raça, corpo, sexualidades, “naturalizadas” pelas diferentes formas de se abordar o tema da AIDS nestes livros, seja através da produção de estigmas ou de representações classificatórias e excludentes. Por conta desse entendimento, optei por analisar os livros didáticos a partir do conceito de discurso como prática produtiva, do conceito de Affective Turn e do de Gramática Visual.

1.2.1 Discurso como prática produtiva

Com a virada linguística, compreendeu-se que a linguagem não servia apenas para a comunicação, mas também enquanto prática discursiva que atua na produção de sujeitos, objetos e culturas, ou seja, é por meio dela que o sujeito conhece, interpreta e transforma seu contexto social, pois é a linguagem que atribui sentido ao mundo, seja para transformá-lo, criá-lo ou desconstruí-lo. Os sentidos da linguagem não estão nas coisas em si, eles são uma construção do sujeito a partir dos discursos que ouve, fala, pratica, discute. Nessa perspectiva, compreende-se que os discursos estão implicados no que as coisas e objetos são, é através da linguagem que se pode descrever os objetos e mais do isso, os instituir. Desta forma, os sentidos da linguagem não são fixos nem naturais, nem normais, já que são instituídos por um regime de relações a sistemas e redes de poder móveis, para Foucault (2004), o discurso não descreve simplesmente objetos exteriores a ele, ao contrário, ele “fabrica” os objetos quando fala sobre eles.

Discursos compreendidos nesta pesquisa, para além de um conjunto de signos e significados que se referem a determinadas representações, como “práticas que formam, sistematicamente, os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1995, p.56). Os significados que compõem os discursos só existem a partir do momento em que são enunciados, ou seja, os significados não existem antes de serem citados, os discursos, mais do que descrever as coisas do mundo, o fazem existir. Eles criam e dão sentido para a realidade em que nos encontramos, é através dos discursos que materializamos as verdades da nossa cultura. O discurso dá vida, dá movimento, sentimento ao corpo social e também ao corpo físico, seja através de instituições ou imagens produzidas por nossa cultura ao longo do tempo.

O tema da AIDS carrega informação, comunicação, educação e discussão, portanto trata-se de uma questão discursiva a ser analisada. Com isso, também podemos discutir sobre quais representações sobre o corpo estariam sendo negadas ou produzidas através das imagens e dos jogos de linguagem presentes nestes manuais ao abordar as formas de prevenção de DST, evidenciando seu caráter produtivo sobre os significados produzidos sobre a AIDS, pois, trazendo Weeks (2000, p.37), ela “tornou-se mais do que um conjunto de doenças; ela se tornou uma poderosa metáfora para nossa cultura sexual”.

A perspectiva da análise do discurso adotada tem por pressuposto um entendimento de que discurso é uma prática produtiva que fabrica saberes, sentidos, afetos, sentimentos, atuando como uma força constituinte que define, por relações de poder, o que pode ser dito, prescrito sobre um determinado saber. Trata-se trabalhar no interior do discurso, compreender e “estabelecer séries, distinguir o que é pertinente, descrever as

relações, definir as unidades enunciativas” e significativas (FOUCAULT, 2004, p. 7). De acordo com Foucault, o/a pesquisador/a precisa estar atento/a ao que os enunciados suscitam, a luta política que eles colocam em movimento e identificar a rede de enunciados que os constitui.

1.2.2 O *Affective Turn* - afetos que atravessam os corpos

A dimensão afetiva tem sido objeto de investigação neurológica, psicológica, educativa, principalmente no século XXI, com enfoque em seu tratamento, controle, observação em uma visão transdisciplinar dos sujeitos. Além do campo da emoção e dos sentimentos, a dimensão afetiva, atenta para outras formas de se pensar o mundo, a poesia, a arte, a linguagem, sensibilizando leitores/as, afetando-os em suas dimensões sociais, existenciais, estéticas. Cursos, palestras, livros de auto-ajuda, medicamentos, filmes, buscam cada vez mais interpretações, explicações, classificações para os sentimentos e as possíveis subjetividades produzidas a partir deles. Criam-se também, categorias e nomenclaturas para o que seriam os bons ou maus sentimentos para nossa sociedade em uma tentativa de controle de identidades e comportamentos. Prazeres, desejos, medos, vergonha, felicidade, pertencem a corpos com novos dispositivos de controle sob suas subjetividades.

Os sentimentos que experimentamos pertencem a rituais organizados conforme sua história e pertencimento sociais, as condições do seu surgimento inscrevem-se no rosto, no corpo, nos gestos, nas posturas daqueles que o elaboram de forma significativa. Atribuímos e incorporamos significados afetivos

as nossas ações ao longo da vida, com relação a pessoas, aos objetos, as atitudes, as concepções, etc., produzindo uma aprendizagem emocional embasada por valores, e por uma linguagem afetiva própria.

A afetividade humana, desperta interesse desde filósofos como Platão (427-347 a.C.), com os seus estudos sobre a alma e seus afetos e suas relações com a racionalidade humana. Já no Iluminismo, Leibniz (1646-1716), debruçou-se sobre a percepção e força viva do indivíduo. Hume (1711-1776), sobre moral como sentimento para a felicidade da social. William James e Carl Lange em 1884 propuseram a teoria fisiológica sobre a emoção relacionada ao comportamento humano e Darwin estudou sobre as emoções e a evolução da espécie e publicou o livro “Expressão das emoções no homem e nos animais”, em 1897.

Posteriormente, a afetividade passou a fazer parte de teorias como a psicanálise, o behaviorismo, a epistemologia genética, a psicologia cultural e a Gestalt. Piaget (1896-1980), por exemplo, investigou a afetividade como agente motivador da atividade cognitiva, Vygotsky (1896-1934), relacionou a linguagem e a interação para o aprendizado do conhecimento e das emoções e Wallon (1879-1962) trouxe a teoria de emoções com bases darwinistas, e a relação entre a inteligência e a afetividade.

As emoções também permearam os estudos sociológicos do começo do século XX, desde Durkheim (1858-1917), com as formas dos sentimentos e sentidos exteriores dos indivíduos e a formação da moral. Marx Weber (1864-1920), enfocou a necessidade da ciência em trabalhar com as emoções para compreender a ação social; Freud (1856-1939) trabalhou com diversos conceitos afetivos como narcisismo, culpa, amor, ódio. O enfoque psicossocial da segunda metade do século XX

foi marcado por estudos de Skinner (1904-1990) relacionados à necessidade do controle dos sentimentos e das emoções pelo ser humano; do psicólogo clínico Paul Ekman sobre o engano e mentira; pelas investigações do sociólogo Erving Goffman (1922-1982) sobre os sentimentos da vida cotidiana e de Norbert Elias (1897-1990), sobre as emoções como manifestações de conduta que constituem as relações político-sociais, na obra *“The Established and the Outsiders”*. Na área da educação destacam-se os estudos de Howard Gardner: *“Multiple Intelligences”*(1985), e do psicólogo Daniel Goleman: *“Emotional Intelligence”* (1995). Na área da neurociência Antonio Damasio sobre *“Affective neuroscience: the foundations of human and animal emotions”* de 1998 (MAHAMUD, 2012, p.133-142).

A dimensão afetiva ou “giro emocional” como objeto de interesse e investigação ganhou, a partir da década de 1990, um novo enfoque e um viés transdisciplinar enquanto teoria e método de estudo denominado *Affective turn* (CLOUGH, 2007). A chamada virada afetiva encontra-se entre as fronteiras dos corpos, entre a energia das suas capacidades de se atraírem, afetaram e serem afetados e tornarem-se mais “vivos” em suas capacidades físicas e emocionais, “afetando as superfícies corporais ou mesmo como superfície nos corpos”⁵ (MAHAMUD, 2012, p.36). Experimentando novas relações corporais, (i) materiais, orgânicas, tecnológicas e virtuais, de consumo, gênero, o afetivo torna-se mais um elemento na condição subjetiva do “homem do sentimento” (ATHANASIOU et. al, 2008, p.9).

⁵ Tradução minha.

A “virada afetiva” trouxe discussões até então pouco exploradas, com uma abordagem mais interdisciplinar e histórico-cultural, onde o afeto é entendido como uma oportunidade de pesquisa e reflexão teórica sobre o cotidiano através da relação entre os corpos, “forças corpóreas pré-individuais que aumentam ou diminuem a capacidade do corpo em agir” (CLOUGH, 2010, p. 207). Os afetos podem sensibilizar, comover, abalar, transmutar, por meio de imagens carregadas de conteúdo afetivo, levando seus observadores a reflexões estéticas, emocionais, uma potência de ações que afetam visceralmente, onde, “os espaços percorridos por nós também nos afetam, nossas memórias e discursos constituídas por relações históricas” (CAZETTA, 2013, p.20).

O corpo e suas possibilidades, seus agenciamentos e potências, são ressignificados no momento em que é atravessado pela virtualidade, pela intensidade de imagens digitais, por outros corpos, criando novas relações com o tempo, territórios, com o social e moldando novas subjetividades, ao mesmo tempo, “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem ser mais ocultadas” (BAUMAN, 2005, p.22). Vive-se intensamente o aqui e o agora, uma histeria cotidiana de se experimentar as emoções em seu sentido pleno, ao mesmo tempo trágico, nostálgico e atraente (MAFFESOLI, 2003, p.88). Afetos que intensamente atravessam os corpos, além de um conjunto de órgãos, corpos compostos de “ligações e disjunções entre superfícies de naturezas iguais e diferentes, corpos de devires e não mais um lugar de identidades” (ZORDAN, 2013, p.185).

O conceito de afeto, para Deleuza & Guatarri (1997, p.213), seria o lugar da fusão das forças pulsantes que ultrapassam a distinção entre sujeitos e objetos, que atravessam e cruzam os corpos produzindo uma rede entre o corpo e o

mundo, por meio do afeto e da sintonia entre os sujeitos, espaços e tempos, que se pode criar, produzir outros corpos, personagens, subjetividades, “devires-outros” (DELEUZE & GUATARRI, 1992, p.229). A emoção age sobre o corpo, se aproxima das paixões, sendo mais instantâneas, movidas por impulsos e instintos, ela pode ser pensada a partir da sua dimensão afetiva, ela seria determinada, para esses autores, por diversos laços e (des) encontros presa a uma significação, aquilo que nos move. Já o afeto é móvel, fonte de criação, como as “paixões da alma” (id. *ibid.*, p. 217), ou ainda,

O afeto é impessoal e distingue-se de todo o estado de coisas individuado: o que não o impede de ser singular e de poder entrar em combinações ou conjunções singulares com outros afetos. O afeto é indivisível e sem partes; mas as combinações singulares que forma com outros afetos formam por sua vez uma qualidade indivisível que só se dividirá mudando de natureza. O afeto é independente de todo o espaço-tempo determinado; mas isso não o impede de ser criado numa história que o produz como o exprimido e a expressão de um espaço ou de um tempo, de uma época ou de um meio (DELEUZE, 2009, p.153).

As paixões são complexas, efeitos necessários do fato dos sujeitos de alma é ética, naturalmente afetos e desejos (SPINOZA, 2009). É através da força propulsora do afeto que os sujeitos são atraídos ou não pelas ações e paixões, influenciando as suas formas de agir e ser, um afeto sucede, concomitantemente, no corpo, na alma, abalando tanto a matéria como o espírito (SPINOZA, 2009). Afetos, pensados como “desobediência epistêmica” (MIGNOLO, 2008, p.288),

que rompe com as fronteiras entre racional e emocional, portanto com uma abordagem mais ampla, que abalam, comovem, sensibilizam. Corpos carregados de força e potência que afetam e são afetados, criam representações e performances para suas emoções e sentimentos, sendo que a “emoção envolve estados físicos (calor e aumento dos batimentos cardíacos como raiva). Sentimentos são cadeias complexas de ideias que atravessam as emoções” (DAMASIO, 2004, p.28). Nesse sentido, as emoções captadas seriam a interpretação cultural das afecções, gerando sentimentos chaves, como: raiva, alegria, amor, vergonha, medo. Esses, por sua vez se derivam em outros, como: desprezo, felicidade, carinho, culpa, angústia (MAHAMUD, 2012, p.46).

Diversos países e universidades vêm se dedicado aos estudos dessa nova tendência sobre os sentimentos e a afetividade. Na Espanha a Universidade Camilo José Cela e a Universidade de Barcelona oferecem cursos na área da inteligência emocional, emoção e saúde. Em 2001 a Revista *American Psychological Association* publicou seu primeiro número intitulado *Emotion*; em 2005 a *Universidade d’Aix-Marseille* do *Instituit Universitaire de France* e a *Universidade de Québec* em Montreal coordenou, através de seus investigadores o programa francês “*Les Émotions au Âge*” de estudos das emoções medievais; a *Danisch School of Education* da *Universidade de Aarhus* ofereceu em seu curso de Doutorado 2010, o curso “*The Affective Turn: Na Invitation to New Analytical Engagements?*”; o Instituto *Cultura e Sociedad* da Universidade de Navarra possui o projeto “*Cultura Emocional e Identidad*” e em 2012 coordenaram o seminário internacional “*Emotional Management and Emotional Labor Graduate Seminar*”. (MAHAMUD, 2012, p. 117-118).

Outros estudos têm sido publicados na área, como o precursor dos estudos cognitivos do comportamento John Dewey, com “*The Theory of Emotion*” de 1894; Carlos Castilla Del Pinto em 2000 com “*Teoría de los sentimientos*”; Ignacio Morgado em 2012 com “*Cómo percibimos el mundo. Una exploración de la mente y los sentidos*” em 2012; Ramiro Antonio Calle Capilla com “*Ingeniería emocional*” em 2008; Sara Ahmed com “*The Cultural Politics of Emotions*” em 2004; Christian Von Scheve com “*Emotion and Social Structure. The Affective Foundations of Social Order*” de 2013; Antonio Damasio com “*The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness*” de 2000; Paul Schutz com “*Emotion in Educacion*” de 2007 e “*Advances in Teacher Emotion Research: The impact on Teachers’ Lives*” de 2009; Robert Solomon com “*What Is An Emotion?*” de 1989 (MAHAMUD, 2012, p.119-121). Leela Gandhi com “*Affective communities: anticolonial thoug, fin-de-siècle radicalism, and the politics of friendship*” de 2005, Toni Neto com “*Exílio seguido de valor e afeto*” de 2001, Kathleen Stewart com “*Ordinary affectos*” de 2007. Em 2012, a pesquisadora Kira Mahamud Ângulo do MANES, recebeu o Premio Elisa Pérez Vera, por sua tese de doutorado, “*Adoctrinamiento emocional y socialización política em el primer franquismo (1939-1959). Emociones e sentimientos em los manuales escolares de enseñanza primaria*”, pela *Universidad Nacional de Educación a Distancia de Madrid*, cujo foco foi revelar e analisar o presente conteúdo emocional em livros didáticos de estágio primário durante o período do primeiro franquismo (1939-1959).

No Brasil, os estudos e publicações sobre a temática do “*Affective turn*” são recentes, e a maioria dos pesquisadores é das áreas de cinema, artes e estética. Como exemplos têm-se, a

publicação de Denilson Lopes da Silva professor da Escola de Comunicação da UFRJ, autor de “Afetos pictóricos ou em direção a transeunte Eryk Rocha” e o artigo “Afetos e Perceptos no Cinema da Luz de Clarissa Campolina”. O mesmo professor ministrou o curso “A virada afetiva” em 2012, no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRJ na linha de pesquisa Tecnologias da Comunicação e Estéticas e publicou no mesmo ano o livro “No Coração do Mundo: Paisagens Transculturais”. Orientou o trabalho de iniciação científica de Alex Nunes Francisco de Almeida, com o trabalho “Afetos e Relatos no Cinema Brasileiro Contemporâneo”, com início em 2013 do curso de Comunicação Social – Radialismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientou a mestranda Luciana Guimarães Dantas, do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRJ com a dissertação de mestrado intitulada “Variações da Atenção na Arte-dois percursos através dos trabalhos de Miguel Rio Branco e David Claerbout”, defendida em 2012. Ministrou a disciplina “Comunicação, Subjetividade e Espectatorialidade” em 2014 da linha de pesquisa Tecnologias da Comunicação e Estéticas do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRJ.

O professor e sociólogo Muniz Sodré, da UFRJ da Escola de Comunicação tem desenvolvido projetos sobre afetividade e emoções e publicou o livro “As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política” de 2006, para ele a dimensão afetiva têm uma ampla abrangência discursiva. Wagner Souza Silva, professor do Departamento de Jornalismo e Artes da Universidade de São Paulo, publicou em 2013 o artigo “Narrativas fotográficas confessionais e a estética da afetividade”. Os professores Maria Eliane Matão e Pedro Borges Miranda do Departamento de Enfermagem, Fisioterapia

e Nutrição da Universidade Católica de Goiás, publicaram em 2010 o artigo “Vínculos afetivos e o desejo de com(viver): representações sociais de soropositivos por HIV”. O doutorando Vinícios Kabral Ribeiro da UFRJ apresentou em 2012 o artigo “Eu quero uma vida-lazer.

O investimento na potencialidade das emoções constitui-se num instigante caminho para os estudos na área da História da Educação e sua relação com a constituição da cultura e das estruturas do poder sobre os sujeitos e as instituições escolares, sobre as diferentes formas históricas de constituição das identidades, sobre as diferentes formas de conhecimento desenvolvidas pelos currículos, programas e livros didáticos, suas formas de elaboração, transmissão e recepção. O livro didático constitui-se, tal como afirmou Escolano Benito (2009, p.37), num projeto didático, dotado de intenções, estratégias imagéticas, ilustrativas e estéticas, no qual circulam sentimentos e emoções, os quais desejei desentranhar.

1.2.3 A Gramática Visual: corpos (in)visíveis

Os corpos são transeuntes carregados de possibilidades territoriais, virtuais, passageiros do tempo, do infinito, transitam, deslizam, correm, caem, levantam, se encontram, se tocam, são tocados, observam, são observados. Historicamente, através de artefatos culturais, científicos, biológicos e tecnológicos, os corpos são a todo o momento desvelados, despídos, para que suas trajetórias possam ser compreendidas, estudadas, manipuladas. A sua imagem é o reflexo pela busca perfeição, da longevidade, da cura, do cuidado de si, do autocontrole. As representações imagéticas

que vimos dos corpos, em livros, revistas, filmes; carregam estereótipos, experiências, culturas, práticas, saberes, que prescrevem significados a serem incorporados para quem os observam, contemplam, decifram. As imagens produzem e veiculam saberes, elas não são independentes, pois sempre estão ligadas a um determinado regime de poder, organizando experiências, induzindo o espectador a ver algumas coisas e não outras, exercendo uma prática discursiva; produzindo e reproduzindo identidades, culturas e ideologias,

Aprender a olhar é racionalizar e estabilizar tanto o olhar quanto o espaço. É acostumar o olho a deslocar-se ordenadamente, a focalizar de forma conveniente, a capturar os detalhes significativos. É também converter o espaço, uma simples cintilação, em uma série de contornos, de formas reconhecíveis, de fundos e figuras, de continuidades e transformações. Um olhar educado é um olhar que sabe onde e o que deve olhar (LARROSA, 1995, p.80).

As imagens dos corpos nos livros didáticos possuem significados visíveis ou não, mas ambos, constituem uma linguagem própria, discursos que necessitam ser decodificados, colocados em questão, e até mesmo desnaturalizados, “o visível não existe senão subentendido pelo invisível” (MAFFESOLI, 2003, p.146). As ilustrações presentes nos livros didáticos, neste sentido, possuem características materiais com elaboração próprias,

(...) que responden a leyes, patrones y criterios implícitos de la gobernanza y de la vida em el aula, que se fueon sistematizando y estereotipando a lo largo del proceso de institucionalización de los sistemas públicos de

enseñanza, y que se extendieron mundialmente em forma de tendências pedagógicas transnacionales (BADANELLI, 2010, p.49).

Imagens audíveis, sonoras, gritantes, silenciadas, dizíveis, que como um texto a espera de serem lidas e interpretadas, possuem histórias e saberes produtores de sensibilidades, que brincam, normatizam, indicam, instauradoras de uma dada forma de ver e olhar o tempo, “uma comunicação sem palavras, mas repleta de ideias e memórias trazidas por elas” (BARTHES, 1990, p.41). A relação que produzimos da experiência vivida por meio de nossas leituras, das práticas em nível sintático, por exemplo, e as representações que estabelecemos a partir delas para darmos sentido a essas experiências dentro de um campo específico de estudo ou de um grupo, produzem marcas que serão nossas referências históricas e culturais. Nesse sentido a linguagem visual é “culturalmente definida” (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006, p.4), com padrões estéticos, visuais próprios que necessitam também de uma “leitura” e interpretação singulares que irão afetar seus significados, além de estabelecerem uma interação social e de linguagem.

Tanto o texto como a imagem presentes em um livro didático formam uma composição, que revela códigos, posicionamentos e regras para dar sentido, ordem, significado a cada parte do conteúdo, formando uma “função composicional” (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006). Segundo Kress & Van Leeuwen (2006), os elementos da informação integram em sua estrutura três significados essenciais: a) Valor informativo: valor estabelecido à imagem de acordo com seu posicionamento, esquerda/ direita (dado/novo), topo/base (ideal/real), centro/margem, onde a leitura é feita no eixo

horizontal da esquerda para direita. A mensagem já conhecida é a familiar, ocupa geralmente o lado esquerdo da página, já a mensagem ou o conhecimento novo ou algo que queira se destacar ocupa o lado direito da página. O topo expressa uma situação idealizada, um desejo de consumo distanciado do real, concreto situado na parte inferior da página, como um movimento de olhar o ideal e o real. O centro e a margem destacam a informação essencial em torno das consideradas periféricas na página; b) Saliência: quando a imagem ou texto ganha maior “peso”, destaque por conta do seu enquadramento, cor, contraste, tamanho ou dimensão (grande ou pequeno). definição/grau de modalidade (alta ou baixa); contrastes tonais (preto ou branco); cores (fortes ou suaves); perspectiva (primeiro plano ou plano de fundo); elementos culturais (mais ou menos densos, simbólicos); c) Enquadramento: refere-se à forma como são estruturados visualmente os elementos composicionais, interligando ou distanciando o contexto da informação. Quanto maior a fragmentação do espaço composicional maior o sentido de separação, o que é chamado de forte estruturação. Já, quanto menor a presença de quadros figurativos, mais fraca será a estruturação.

Esses conceitos foram utilizados para a análise das imagens presentes nos livros didáticos de Ciências, sendo fundamental nas informações sobre o conteúdo da AIDS, criando determinadas representações e conceitos sobre a síndrome, o/a portador/a do vírus, bem como as formas de controle e prevenção. Representações visuais e estéticas sobre o corpo que instauram uma gramática específica sobre a AIDS, que permitem aos seus/suas leitores/as apreender e reconhecer os seus “sinais”, ou seja, “imagem não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura” (MARTINS, 2007, p.26).

Essa inter-relação dos elementos constituintes da informação foi trabalhada como método de análise das imagens dos livros didáticos investigados, observando como esses elementos dispostos nas páginas do conteúdo referente à AIDS, constroem significados de acordo com os princípios estudados. Indagando, por exemplo, quais significados, quais intenções, contradições, silenciamentos/ocultamentos estão presentes nessas imagens e tornam perceptíveis práticas acerca do corpo e seus cuidados, como também os saberes e representações acerca da AIDS.

Além disso, possibilitaram diferentes formas de “olhar”, espreitar as imagens com relação a categorias como: quais ilustrações são mais utilizadas com relação ao vírus? Quais as imagens utilizadas para representar seus/suas portadores/as? Que imagens foram selecionadas para representar a prevenção? São utilizadas mais imagens de homens ou mulheres? Quais imagens permanecem e quais desaparecem ao longo dos anos, quais delas mais se repetem? Quais imagens ganham maior e menor destaque nas páginas dos livros, quais cores, formas, ilustrações mais se repetem? De que forma essas imagens e conceitos reproduzem a heteronormatividade? Através de quais discursos são construídas representações de gênero e da diferença? Que enunciações sobre as diferenças relativas ao gênero, sexualidades estas imagens desejam produzir?

Tal como as palavras, as imagens presentes nos livros didáticos não são neutras, estão carregadas de relações de poder, tensões, ambivalências e de significados, ocupam um espaço legitimado no ambiente escolar, um poder de dizer, que se apresenta nas relações de poder estabelecidas em nossa sociedade, e condicionam as representações e atitudes relacionadas às diferentes identidades. A observação de uma imagem, desperta sentimentos, desejos, repulsa, atração,

desinteresse, medo, sensações que produzem afetos relacionados a experiências vividas ou não. Marcas visíveis ou não que irão influenciar a constituição de subjetividades, investindo sobre a moral, os valores, os saberes e as práticas dos sujeitos que por ela são interpelados. As formas de comunicação sobre a AIDS irão influenciar a percepção que se têm sobre ela, suas formas de assimilação e, conseqüentemente, as atitudes e comportamentos frente a ela.

Os aportes teóricos da análise do discurso, do *Affective turn* e da gramática visual serão movimentados nas análises apresentadas nos próximos capítulos, os quais são nomeados a partir das fases da AIDS, antes e depois de se instalar no corpo, o que aqui, não teve uma conotação negativa, ou trágica, pelo contrário, visa celebrar a possibilidade de uma investigação da AIDS como um campo de saber a ser escrutinado, uma celebração, uma arte, que toma conta, contamina o corpo, corre pelas veias, causa sintomas de reflexão, dúvida, busca, que não têm um fim certo, anunciado, prescrito.

O Capítulo 2, **“Livros didáticos de Ciências: (des) caminhos e estratégias de contaminação”**, aborda as formas de produção dos livros didáticos, os caminhos por eles trilhados até chegarem às escolas, bibliotecas e, por fim, às mãos dos/as professores/as e alunos/as. Analisa a economia do mercado editorial, suas estratégias mercadológicas; os destinos dos livros didáticos nas escolas, seus usos e desusos, as mudanças imagéticas que as editoras realizaram ao longo dos anos, seus significados e representações discursivas para o ensino de Ciências e, ainda o processo de escolha dos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano pelas 6 escolas da Rede de Ensino Municipal de Florianópolis.

O Capítulo 3, **“Infecção aguda: conteúdos sobre AIDS/HIV e formas de apresentá-los aos/as alunos/as”** trata

de cada uma das variáveis selecionadas: espaço reservado ao tema da AIDS/HIV nos livros didáticos; títulos selecionados para os capítulos e unidades; imagens veiculadas nos capítulos e unidades; histórico apresentado sobre a AIDS; conceitos sobre a doença; versões sobre o vírus HIV e formas de transmissão/contágio. Trata, também, das atividades propostas aos alunos/as no final dos capítulos, de modo a compreender de que forma tais atividades buscam “fixar” uma determinada representação sobre a AIDS. Quais modificações são efetuadas ao longo dos anos no que se refere as atividades propostas aos alunos/as e quais relações haveria entre estas e os estudos e pesquisas realizados e divulgados nas mídias neste período.

O Capítulo 4, **“Infecções Oportunas: gramáticas prescritivas”**, evidencia as estratégias visuais, estéticas, discursivas adotadas pelos livros analisados para qualificar o comportamento de risco e, ao mesmo tempo, para contribuir para a produção do sujeito saudável e prevenido. Percorre as páginas dos livros demarcando a produção e as representações de corpo saudável/desejável e das práticas de prevenção da AIDS, objetivando responder a indagações do tipo: Que tipo de sujeitos, identidades, comportamentos, cuidados, riscos, deveres, são representados nos livros didáticos com relação a AIDS? Quais corpos-desejantes, corpos-doentes, corpos-disciplinados, são gerados entre as tramas discursivas dos livros didáticos? Como os gêneros (masculino/feminino) são representados nos textos e imagens, etc.

O Capítulo 5, **“Gramática do terror: estratégias discursivas e imagéticas para a produção do medo**, apresenta as estratégias discursivas que podem ser analisadas e exploradas a partir da leitura das informações estéticas e

iconográficas presentes nas imagens, cenários, cores, formas, gráficos, índices⁶ contidos nas páginas destinadas ao conteúdo da AIDS, através de uma *gramática da morte, do medo e da guerra*. Por fim, mas sem a pretensão de finalizar a discussão, o Capítulo 6, **“Expectativas e potencialidades” apresenta as considerações finais sobre o conteúdo da AIDS presente nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano**” das escolas do norte de Florianópolis, concluindo com uma reflexão sobre a necessidade da desconstrução de discursos estigmatizantes, contraditórios e preconceituosos presentes nos livros didáticos de Ciências.

⁶ A título de esclarecimento, os dados apresentados nos livros didáticos de Ciências acerca dos índices sobre o HIV/AIDS foram por mim verificados e comprovados junto aos órgãos e entidades referenciados.

2 LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS: (DES)CAMINHOS E ESTRATÉGIAS DE CONTAMINAÇÃO

A produção da mercadoria livro didático envolve uma série de mediações entre as questões econômicas, as concepções pedagógicas e as políticas educacionais. Essa produção é circunscrita a um lugar e a um momento histórico e traz as marcas deste momento. A seleção de autores e textos precisa ser analisada a partir das articulações entre as instituições envolvidas na sua produção: editora, Estado e escola (SAMPAIO, 2010, p.38).

Os livros didáticos constituem-se, na expressão operativa do currículo nacional. Neles são encapsulados os conteúdos legitimados pelo Estado, tendo em vista a produção de subjetividades e de identificações. Desse modo, tal como currículo oficial, os livros didáticos constituem-se em uma

(...) seleção, um recorte e uma organização particular do conhecimento, através da qual os indivíduos devem regular e disciplinar a si próprios, como membros de uma determinada sociedade (TEIVE, 2009, p. 61).

Como lembra Gimeno Sacristán (s.d., p. 81), as políticas de controle e produção do currículo, podem ser configuradas através da seleção de conteúdos que serão

sistematizados em materiais pedagógicos, “o controle cultural e pedagógico sobre o material chega a ser tão extenso como invisível à vista de qualquer usuário”.

Como uma das estratégias de regulação do mercado editorial, por exemplo, está a seleção prévia dos livros didáticos a serem adotados nas escolas, por alguma instância do governo, secretaria educacional ou instituição, de modo a “ordenar um mercado, afiançá-lo, criando oferta ajustada à ordenação do sistema escolar” (GIMENO SACRISTÁN, s.d., p. 99). A escolha dos livros didáticos por estas instâncias envolve a concordância, por parte dos/as autores/as e editora, de uma linha didática e pedagógica referendada pelo Estado, ou seja, os livros precisam estar em consonância com a proposta curricular em vigor, de modo a legitimar determinados saberes, conhecimentos e práticas.

No caso do município de Florianópolis, o currículo oficial encontra-se consubstanciado na “Matriz Curricular do Ensino Fundamental de 09 anos da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis”, datada de 2011, a qual estabelece para a área de Ciências Naturais a seguinte ementa:

Considerar os aspectos estruturais da ciência, tendo como ponto de partida a ciência natural, desenvolver competências que permitam compreender o mundo e atuar como indivíduo e como cidadão, utilizando-se de conhecimentos da natureza científica e tecnológica. MOTE REFERENCIAL DA ÁREA DO CONHECIMENTO: Conhecer a teoria e origem do universo relacionando-os com os elementos específicos da ciência e utilizar conceitos e informações tecnológicas operacionalizando, argumentando e representando de diversas maneiras os conceitos que a ciência oferece na compreensão

da saúde pessoal, social e ambiental como bens individuais e coletivos que devem ser promovidos pela ação de diferentes agentes. EIXOS NORTEADORES: EN1: Diversidade ambiental, cultural e social. EN2: Relações de produção e consumo. EN3: Sustentabilidade ambiental, cultural e social, EN4: Natureza, cultura e tecnologia. Eixos Temáticos: ET1: O indivíduo e suas percepções do ambiente. ET2: O ambiente, suas relações e transformações. ET3: O ambiente, saúde e tecnologia. ET4: A história das ciências e as revoluções tecnológico-científicas. ET5: Os seres, suas características e transformações. ET6: As temáticas ambientais e as relações no universo. ET7: O saneamento ambiental e seus aspectos político-ambientais. ET8: Legislação ambiental, ética e cidadania ET9: Elementos de astronomia. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO/PMF, 2011, p. 68).

Por tratar-se de uma ementa não há desdobramento acerca dos eixos temáticos apresentados, de modo que não há qualquer alusão aos conteúdos relacionados às Doenças Sexualmente Transmissíveis ou à AIDS, os quais poderiam fazer parte do Eixo Temático 3 dedicado a “O ambiente, saúde e tecnologia”, cujo objetivo pretendido é o de “Compreender a saúde pessoal, social e ambiental como bens individuais e coletivos que devem ser promovidos pela ação de diferentes agentes” (SME/PMF, 2011, p.53) e o de “Adotar hábitos saudáveis em relação ao corpo e ao ambiente e adoção de medidas preventivas em relação a doenças infecciosas” (SME/PMF, 2011, p.54). Os conteúdos desse eixo temático deverão ser observados pelos/as professores/as das escolas no momento da seleção dos livros didáticos.

Além do aspecto pedagógico, a escolha do livro didático tem um caráter político e econômico e, portanto, é marcada por questões de poder. Em 1929 o governo brasileiro criou um órgão específico para legislar sobre as políticas do livro didático, o Instituto Nacional do Livro (INL), objetivando com esta medida contribuir para dar maior legitimidade ao livro didático nacional e, conseqüentemente, auxiliando no aumento de sua produção. Um ano após a criação do INL, através do Decreto lei no. 19.402 (Brasil), o Ministério da Educação regulamentou a produção e distribuição dos livros didáticos nas escolas brasileiras e com as reformas “Francisco Campos” (1930-1942) e “Gustavo Capanema” (1942-1945), foram tomadas diversas medidas com relação à frequência obrigatória dos/as alunos/as, a seriação curricular, ao sistema de avaliação discente, divisão do ensino secundário nos ciclos Ginasial e Científico e organização do ensino secundário, as quais incidiram sobre a produção e a distribuição dos livros nas escolas. No Estado Novo foi criada a Comissão Nacional do Livro Didática (CNLD), através do Decreto no. 1006 de 1938 (MANTOVANI, 2009), a qual passou a normatizar as formas de importação, utilização e correção dos livros utilizados nas escolas brasileiras, caracterizou-se em compêndios, livros de texto, livro de classe, livro didático e manual.

Através da Portaria Ministerial n.23, de 24 de dezembro de 1940, foi criada uma comissão para avaliar os livros didáticos, a qual era composta por nove seções: redação; ciências físicas e naturais; matemática e desenho; história; geografia; línguas e literatura; filosofia, sociologia e pedagogia; metodologia das técnicas; materiais do ensino primário. Havia um roteiro padronizado para a análise dos livros abordando o formato, material, papel, tinta, feição gráfica, paginação, impressão, valor didático (noções

científicas), linguagem, gravura e ainda, orientações quanto ao julgamento através das notas, as quais deveriam levar em consideração aspectos gráficos, linguagem, conteúdos e metodologia das obras. No que se refere a seção de Ciências Físicas e Naturais, diretamente relacionada a área desta pesquisa, as avaliações então realizadas incidiam, segundo Fracalanza & Neto (2006) em críticas sobre a desatualização dos conhecimentos científicos presentes nos livros, bem a apresentação de conceitos e termos científicos abordados de forma incorreta.

Em 1945, depois da gestão de Gustavo Capanema e de fortes críticas à CNLD, o Estado delegou aos estados o controle do processo de adoção dos livros didáticos mediante a criação das comissões estaduais do livro didático. Em 1966 e em 1967 foram criadas a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED), e a Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME) para a edição, produção e distribuição de materiais didáticos, mas, por falta de recursos financeiros não atingiram seus objetivos.

Na década de 1980, foram criados também, o Programa do Livro Didático, com abrangência nos níveis do Ensino Fundamental, Médio, Ensino Superior e o Ensino Supletivo, tendo como um de seus intuítos suprir as desigualdades sociais, vinculando o programa às crianças de baixo poder aquisitivo disponibilizando livros gratuitos as escolas que atendiam essa camada da população (FREITAG, 1993). Com a política de coedição dos livros e com o Estado financiando os livros, as editoras começaram a se firmar no mercado editorial e em 1984 foi finalizado o mercado de coedições, passando o MEC a ser o comprador dos livros didáticos das editoras que compunham o Programa do Livro Didático (HÖFLING, 2000). Em 1985, o PNLD, realizou mudanças pontuais, tal como a reutilização do

livro, influenciando o seu aperfeiçoamento e durabilidade, garantindo à Fundação de Assistência aos Estudantes (FAE) participação financeira e o direito de escolha do livro pelos/as professores/as, através do Decreto Lei n. 91.542(Brasil). A Constituição de 1988 conferiu ao estado brasileiro o Programa Nacional do Livro Didático como política educacional:

O dever do Estado como a educação será efetivado mediante a garantia de (...) VII- atendimento ao educando no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde (art.208).

No governo Collor (1990-1992), houve a redução dos fundos de financiamento do PNLD que passou a atender apenas o ensino fundamental. Com as políticas neoliberais do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), o FNDE vinculado ao MEC, começou a gerenciar o PNLD e os livros didáticos passaram a ser entregues às escolas no ano anterior ao do início do ano letivo, livros em braile passaram a ser distribuídos para alunos/as portadores/as de deficiência visual e foram distribuídos dicionários de língua portuguesa e atlas geográficos para os/as estudantes da 1ª a 8ª séries.

O direito de escolha do livro didático pelo/a professor/a foi garantido através do Decreto no. 91.542 de 19/08/1995 (Brasil), quando o Programa do Livro didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF) dá lugar ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Em 1997, o FNDE passou a assumir a responsabilidade política e de execução do PNLD com a extinção da FAE, contemplando as disciplinas de Geografia e História. Com a ampliação do programa, o MEC passou a

adquirir livros didáticos de Alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Estudos Sociais, História e Geografia para todos/as os/as alunos/as de 1^a a 8^a série (FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, 2012). Em 2002, as Universidades sob direção do SEB, passaram ser as responsáveis pela avaliação dos livros didáticos.

O FNDE é hoje o órgão responsável pela aquisição e a distribuição dos livros didáticos do PNLD, (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013). Através de ciclos trienais, o PNLD⁷ disponibiliza aos alunos/as do ensino fundamental correspondentes ao 1^o e 2^o ano livros didáticos de Alfabetização Linguística, Alfabetização Matemática, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Linguagens e Códigos. Do 3^o ao 5^o ano são disponibilizadas obras de Língua Portuguesa, Matemática, História, História Regional, Geografia, Geografia Regional e Ciências e do 6^o ao 9^o ano, obras de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e Língua Estrangeira (inglês/espanhol). Para os/as alunos/as do ensino médio do 1^o ao 3^o ano, o PNLD disponibiliza livros didáticos de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Biologia, Física, Química, Língua Estrangeira (inglês/espanhol), Filosofia e Sociologia (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013). A adesão das escolas no PNLD acontece via *internet*, no site do FNDE, sob o termo específico de “adesão ao programa”. Além disso, todo o

⁷ Antes da distribuição dos livros nas escolas, o MEC publica no Diário Oficial da União edital para inscrição das editoras, sendo que os livros didáticos inscritos são avaliados por uma triagem realizada pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo para verificar se tais obras atendem as exigências do edital (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013).

processo que visa o PNLD, desde o Gui do Livro Didático até o processo de escolha dos livros didáticos por parte da escola é disponibilizado e realizado no *site* (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013)⁸.

A partir de 2010, as escolas das redes públicas de ensino municipais, estaduais e federais aderiram ao PNLD para receber livros didáticos, sendo que este programa passou a ter influência na distribuição também de outros recursos destinados às escolas pelo MEC. Por esse breve histórico, pode-se observar que o livro didático constitui-se em “um produto cultural composto, híbrido, que se encontra no cruzamento da cultura, da pedagogia, da produção editorial da sociedade” (STRAY, 1993, p.78).

As pesquisas sobre o processo de escolha do livro didático de Ciências no Brasil são recentes e abrangem diversas temáticas, como os seus usos, impactos, formação de professores/as, qualidade do livro, etc. Como exemplos, estão as pesquisas desenvolvidas por Pretto (1985) em nível de Mestrado e de Fracalanza (1993) de Doutorado, com ênfase nos aspectos da política brasileira do livro didático e as condições de produção do livro nos períodos estudados. Lima e Perrelli (2011) constataram na base de dados da CAPES 1.845 resultados dentre as palavras Livro Didático e PNLD entre 1987 a 2009, tendo como foco pesquisas acerca do conteúdo do livro didático e, em menor grau, aos usos do livro. Sgnaulin

⁸ A título de conhecimento, O Dia Nacional do Livro Didático, no Brasil, é comemorado desde 27 de fevereiro, em 2005, neste dia, o MEC comunicou as últimas medidas que o Governo Federal tomou no sentido de garantir a qualidade e a distribuição de livros, dicionários e obras literárias às escolas públicas do país.

(2012, p.20) identificou em sua pesquisa de mestrado 14 trabalhos presentes em anais da ANPED, 20 artigos sobre a escolha e uso do livro didático de Ciências, publicados entre 2000 a 2011 sobre o livro didático, sua escolha e uso; pela Revista Ensaio Pesquisa em Educação e Ciências entre 2007 a 2009, segundo dados da mesma pesquisa, e 2 artigos relacionadas à temática da escolha do livro.

No que se refere à Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, encontramos o artigo intitulado “O livro didático na biblioteca da escola - fonte de pesquisa e memória(s) no campo da biblioteconomia e educação” que trata da pesquisa coordenada pela professora Gisela Eggert Steindel da UDESC-Florianópolis, sobre a guarda e manutenção dos acervos⁹ didáticos nas bibliotecas nas escolas estaduais de Florianópolis; a Dissertação de Mestrado de Marcelo D’Aquino Rosa “Seleção e uso do livro didático na visão de professores de Ciências: um estudo na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis”, defendido no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC, em 2013, onde, por meio de entrevistas orais com professores/as, é analisado o processo de escolha dos livros didáticos de Ciências. E, ainda, o artigo “Proposições de critérios para análise do conteúdo de parasitores nos livros didáticos utilizados na Rede Pública Municipal de Ensino de Florianópolis”, de Elisa Margarita Orlandi e Adriana Mohr, que analisa o conteúdo de parasitores abordados nos livros didáticos utilizados nas escolas da rede pública de Florianópolis no 6º ao 9º ano de 2011.

⁹ Os acervos compõem-se em um conjunto de obras e suportes que disponibilizam informação, podendo ser livros ou formas impressas, auditivas, audiovisuais, sonoras, entre outras (ARRUDA; SILVA, 1998).

2.1 A escolha dos livros didáticos nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis

A escolha dos livros didáticos nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2000 a 2011) ocorre a partir de reuniões pedagógicas entre os/as professores/as e a equipe diretiva da escola, as quais são registradas em atas¹⁰, momento em que os/as professores/as têm um contato prévio com o Guia do Livro Didático¹¹, disponibilizado pelo *site* do Ministério da Educação (MEC), do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Os/as professores/as têm contato com o Guia do Livro Didático também em reuniões mensais de formação realizados pela Secretaria Municipal de Educação em cada área de conhecimento. A escolha ocorre a cada três anos e obedece a regras específicas determinadas pelo MEC. Dentre estas, está o comprometimento com a transparência do processo de escolha; possuírem mais de 100 alunos/as; estarem cadastradas no censo escolar; promoverem ações eficazes para garantir o acesso, o uso, a conservação e a devolução dos livros didáticos reutilizáveis pelos/as alunos/as; promoverem o remanejamento

¹⁰ Documento em anexo.

¹¹ O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1929. Ao longo desses 80 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve diferentes nomes e formas de execução. Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil. O PNLD é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o FNDE adquire e distribui livros para todos os alunos de determinada etapa de ensino e repõe e complementa os livros reutilizáveis para outras etapas. Fonte: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-apresentacao>. Acessado em março de 2013.

de obras excedentes ou não utilizadas pela escola para atender a outras unidades com falta de material, sendo que a Direção deverá designar um responsável para efetuar o registro da escolha do PNLD na *internet*¹², geralmente o/a bibliotecário/a da escola. Após o registro da escolha dos livros didáticos no formulário *online*, com o acesso de senha enviada pelo FND¹³ à Direção da escola, as editoras enviam às escolas a quantidade de livros necessários. Esse processo logístico, envolve também os correios que distribuem os livros nas escolas diretamente das editoras até 30 dias após feita a solicitação. É também enviada à escola pelo FNDE/MEC uma carta de orientações sobre o recebimento e a conferência dos livros (BRASIL, 2011).

Ao chegarem às escolas e serem conferidos, os livros devem ser catalogados pelos/as bibliotecários¹⁴ e colocados à disposição de professores/as e alunos/as. De acordo com as normas da Resolução/CD/FNDE nº 60, de 20 de novembro de 2009, “Decorrido o prazo trienal de atendimento, o bem doado remanescente passará a integrar, definitivamente, o patrimônio da entidade donatária, ficando inclusive facultado o seu descarte, observada a legislação vigente”. No caso da Rede Municipal de Ensino e Florianópolis, os livros mais antigos são

¹² Compromissos relativos à moralidade e isonomia no processo de escolha: (conforme Portaria Normativa nº 7, de 5 de abril de 2007). Documentos em anexo.

¹³ Documento em anexo.

¹⁴ A biblioteca escolar também faz parte do processo de ensino, tendo como uma de suas funções, “disponibilizar serviços de aprendizagem, livros e recursos a todos os membros da comunidade escolar, tornando-os pensadores críticos e efetivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação (IFLA/UNESCO, 2006, p. 3)”.

devolvidos à Biblioteca Central da Secretaria Municipal de Educação que os envia para o “Projeto Floripa Letrada - A palavra em Movimento”, projeto firmado em parceria com a Secretaria Municipal de Transportes, Mobilidade e Terminais de Florianópolis, em 2010. O projeto tem por objetivo promover o acesso gratuito à leitura aos usuários do Sistema de Transporte Coletivo de Florianópolis, disponibilizando livros didáticos e de literatura nos terminais de ônibus de Florianópolis:

Figura 1 - Terminal de ônibus do Centro de Florianópolis. TICEN



Fonte: produção da própria autora.

É importante ressaltar ainda no que diz respeito ao modo como são escolhidos os livros didáticos na RME, que representantes das principais editoras do mercado dos livros, como a Ática¹⁵, a Moderna¹⁶ e o Positivo¹⁷, frequentemente às visitam as escolas para deixarem exemplares de livros didáticos de várias disciplinas, além de oferecem cursos e oficinas gratuitas para a formação dos/as professores/as. Todo o início de ano, os representantes destas editoras fazem uma primeira visita as escolas para obter informações sobre o número de alunos/as, de professores/as, nome e *email* da equipe diretiva, etc. Posteriormente, fazem nova visita, com a autorização prévia da direção, e no horário do recreio expõem os seus livros didáticos e de literatura. Entre um cafezinho e outro, os/as professores/as são convidados e seduzidos a folhear uma variedade de livros espalhados pela mesa da sala dos professores/as, estabelecendo uma série de experiências entre o

¹⁵ A Editora Ática foi fundada em 1965, com sede central em São Paulo, sendo a primeira a publicar o livro do professor, contendo as respostas para GATTI JÚNIOR, 2004, p.173).

¹⁶ A Editora Moderna foi fundada em 1968, tendo como início a venda de livros para o 2º Grau. Em 2001 passou a integrar o Grupo Santillana, com atuação na Europa e Américas, atingindo liderança nacional em vendas em 2007. A sede principal está localizada em São Paulo. Disponível em: <http://www.moderna.com.br/institucional/>.

¹⁷ A Editora Positivo foi fundada por um grupo de professores na década de 1970, onde os próprios professores produziam os livros didáticos a serem distribuídos. Também investiu no ramo educacional com a construção de escolas e Universidades sob o Grupo Positivo. Em 2003, por intermédio da Posigraf o Grupo Positivo obteve o licenciamento para editar, distribuir e comercializar o Dicionário Aurélio, firmando-se no mercado de livros didáticos a partir de 2008. Possui sede na cidade de Curitiba no Paraná. Disponível em: <http://www.positivo.com.br/pt/historia>.

leitor e a obra, “um investimento afetivo e intelectual” (CHARTIER, 1999, p.70) e, neste caso, mercadológico também. A partir dessa estratégia mercadológica as editoras garantem a manutenção de sua linha editorial nas escolas. Tal como afirmou Carvalho (2007, p. 91),

(...) se faz necessário situar o impresso relativamente às estratégias que presidem a sua produção e distribuição, por outro modo, é necessário pensar que, uma vez produzido e distribuído, o impresso pode ganhar vida própria, com usos não previstos.

Quanto mais venderem mais as editoras se consolidarão no mercado editorial e ganharão visibilidade ao se manterem no Guia do Livro Didático do MEC e quanto maior o número de exemplares produzidos menor, também, será o seu preço. Não é sem razão o fato de que as editoras mais escolhidas pelos/as professores/as da RME, a Moderna e o Positivo, são as que visitam as escolas e que tem um mercado econômico já estabelecido.

No quadro abaixo é apresentado um levantamento com a relação dos títulos dos livros de Ciências do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, escolhidos pelas escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis no período de 2000 a 2011, bem como alguns dados sobre os seus autores/as, ano da publicação, série a que são destinados e editora:

Quadro 1- Levantamento das obras analisadas (Continua)

TÍTULO	AUTORES	SOBRE OS AUTORES	ANO	SÉRIE/ ANO	EDITORA
Nosso corpo	Fernando Gewandsznajder	Licenciado em Biologia UFRJ; Doutor em Educação pela UFRJ; Professor de Biologia do Colégio Pedro II.	2000	7ª série	Ática
Vivendo Ciências	Maria de La Luz; Magaly Teresinha dos Santos	Maria formada em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco; Magaly Formada em Biologia pela Unesp.	2002	7ª série	FTD
O corpo humano	Daniel Cruz	Licenciado em Física pela UERJ. Professor concursado de Ciências do Magistério Público do Rio de Janeiro.	2003	7ª série	Ática
Vida e ambiente	Cecília Valle	Licenciada em Ciências Físicas e Biológicas pela Universidade Mackenzie de São Paulo, Licenciada em Matemática pela Unifran. Professora da Rede Pública de São Paulo por 27 anos.	2004	6ª série	Positivo
Ciências Naturais no dia-a-dia	Alvarenga Jenner; José Luiz Pedersoli; Moacir D'Assunção Filho; Wellington Caldeira Gomes.	Alvarenga é Licenciado em História Natural pela UFMG, professor de Ciências e biologia, zoologia na UFMG; José Luiz Bacharel e Licenciado em História Natural pela UFMG, professor de Ciências e biologia, botânica na UFMG; Moacir Bacharel e Licenciado em História Natural pela UFMG, professor de ciências e biologia; Wellington Bacharel e Licenciado em História Natural pela UFMG, professor de ciências e biologia.	2005	7ª série	Positivo
Ser humano e saúde	Cecília Valle	Licenciada em Ciências Físicas e Biológicas pela Universidade Mackenzie de São Paulo, Licenciada em Matemática pela Unifran. Professora da Rede Pública de São Paulo por 27 anos.	2005	7ª série	Positivo
Ciências a vida na terra	Fernando Gewandsznajder	Licenciado em Biologia UFRJ; Doutor em Educação pela UFRJ; Professor de Biologia do Colégio Pedro II.	2005	6ª série	Ática

Quadro 1 - Levantamento das obras analisadas (Continua)

TÍTULO	AUTORES	SOBRE OS AUTORES	ANO	SÉRIE/ANO	EDITORA
Ciências Naturais	Olga Santana; Aníbal Fonseca	Olga licenciada em Biologia pela USP, professora de biologia da rede particular de ensino de São Paulo. Aníbal, licenciado em Física pela USP, Mestre em Ciências e Ensino de Física pela USP.	2006	6ª série	Saraiva
Projeto Araribá	José Luiz Carvalho da Cruz	Licenciado em Ciências pela USP.	2008	7ª série	Moderna
Coleção Ciências e interação	Alice Costa	Graduada em Engenharia Química pela USP.	2008	6ª série	Positivo
Ciências Naturais	Olga Santana; Aníbal Fonseca; Erika Mozena.	Olga licenciada em Biologia pela USP, professora de biologia da rede particular de ensino de São Paulo. Aníbal, licenciado em Física pela USP, Mestre em Ciências e Ensino de Física pela USP. Erika, licenciada e bacharel em Física pela Universidade de Campinas. Mestre em Ciências pela USP, professora da rede pública e particular de Campinas-SP	2008	8ª série	Saraiva

Quadro 1 - Levantamento das obras analisadas (Continua)

TÍTULO	AUTORES	SOBRE OS AUTORES	ANO	SÉRIE/ANO	EDITORA
Ciências: atitudes e conhecimento	Maria Teresinha Figueiredo; Maria Cecília Guedes Condeixa	Maria Teresinha-Licenciada em Ciências Biológicas pela USP. Professora de Ciências e Biologia na rede pública e particular de São Paulo por 30 anos. Maria Cecília-Licenciada e bacharelada em Ciências Biológicas pela USP. Professora de Ciências e Biologia na rede pública e particular de São Paulo por 10 anos.	2009	9º ano	FTD
Ciências: atitudes e conhecimento	Maria Teresinha Figueiredo; Maria Cecília Guedes Condeixa	Maria Teresinha-Licenciada em Ciências Biológicas pela USP. Professora de Ciências e Biologia na rede pública e particular de São Paulo por 30 anos. Maria Cecília-Licenciada e bacharelada em Ciências Biológicas pela USP. Professora de Ciências e Biologia na rede pública e particular de São Paulo por 10 anos.	2009	8º ano	FTD
Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano	Eduardo Leite do Canto	Licenciado em Química pela Universidade Estadual de Campinas. Doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas	2011	7º ano	Moderna

Quadro 1 - Levantamento das obras analisadas (Conclusão)

TÍTULO	AUTORES	SOBRE OS AUTORES	ANO	SÉRIE/ANO	EDITORA
Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano	Eduardo Leite do Canto	Licenciado em Química pela Universidade Estadual de Campinas. Doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas.	2011	6º ano	Moderna
Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano	Eduardo Leite do Canto	Licenciado em Química pela Universidade Estadual de Campinas. Doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas.	2009	9º ano	Moderna

Fonte: produção da própria autora, a partir do levantamento catalográfico dos livros.

2.1.1 Sobre os títulos dos livros didáticos selecionados

Observa-se que com o passar dos anos os títulos dos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano selecionados pelas escolas da RME apresentam uma crescente preocupação no sentido de relacionar os conteúdos à realidade prática, às experiências vividas pelos/as alunos/as, como pode ser observado nos títulos das obras: “Ciências Naturais no dia-a-dia” (JENNER, et.al., 2005); “Vivendo Ciências” (LUZ & SANTOS, 2002); “Coleção Ciências e interação” (COSTA, 2008); “Ciências Naturais, Aprendendo com o cotidiano” (CANTO, 2011). A representação da Ciência como forma de cuidado consigo mesmo e com o ambiente, observação e

prevenção da saúde, está presente nos títulos: “Ser humano e saúde” (VALLE, 2005); “Ciências: atitudes e conhecimento” (FIGUEIREDO & CONDEIXA, 2009/2009) .

No que se refere a utilização da palavra corpo – tema no qual se insere o objeto desta investigação – constata-se que aparece como central nos títulos de apenas dois livros didáticos: “Nosso corpo” (GEWANDSZNAJDER, 2000) e “O corpo humano” (CRUZ, 2003). A relação da Ciência com a natureza e o ambiente, seus cuidados e manutenção, está presente em quatro dos títulos, “Vida e ambiente” (VALLE, 2004); “Ciências Naturais” (SANTANA & FONSECA, 2006/2008); “Ciências a vida na terra” (GEWANDSZNAJDER, 2007). A Ciência como forma de cuidado consigo mesmo e com o ambiente, observação e prevenção da saúde, está presente nos títulos: “Ser humano e saúde” (VALLE, 2005); “Ciências: atitudes e conhecimento” (FIGUEIREDO & CONDEIXA, 2009/2009) .

2.1.2 Sobre os autores/as das obras selecionadas

Quanto aos autores/as das obras escolhidas pelas escolas da RME, constata-se que entre 2000 a 2004 a sua formação, destacada na contracapa do livro, era ao nível de graduação em bacharelado e em licenciaturas de áreas relacionadas as disciplinas de caráter científico e de pesquisa, como Biologia, Engenharia Química, Física, História Natural, Medicina, sendo 10 mulheres e 7 homens. As universidades de formação são as consideradas tradicionais, localizadas em grandes centros, como a USP, a Universidade Estadual de Campinas, a UERJ, a UFRJ e a UFMG. Após este ano,

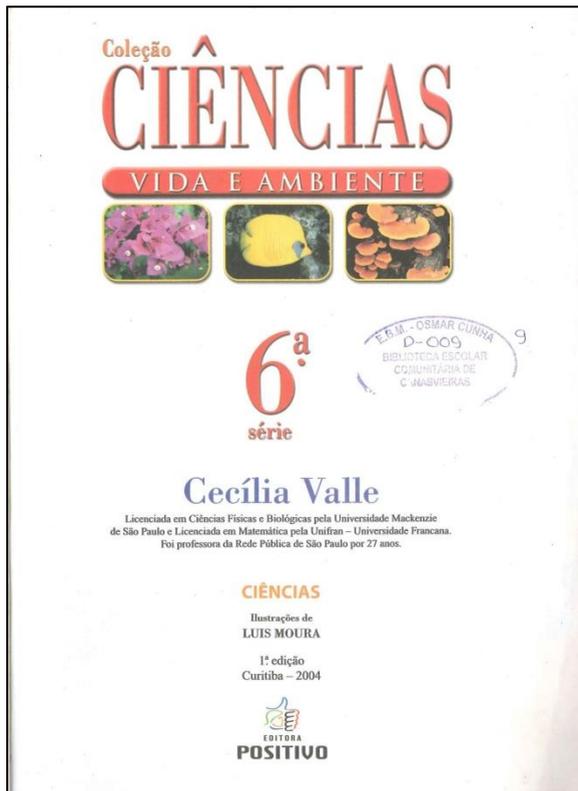
começam a aparecer autores/as com licenciaturas nas áreas de Ciência Biológicas, sendo também, a partir deste período, que os cursos de licenciatura começam a ter maior procura, número de vagas e acesso, como, por exemplo, pelo Exame Nacional do Ensino Médio-Enem, criado em 2009 como mecanismo de acesso ao ensino superior.

Os/as autores/as que mais se repetem nas escolhas têm a seguinte formação: Fernando Gewandsznajder (Licenciado em Biologia UFRJ; Doutor em Educação pela UFRJ; Professor de Biologia do Colégio Pedro II), Cecília Valle (Licenciada em Ciências Físicas e Biológicas pela Universidade Mackenzie de São Paulo, Licenciada em Matemática pela Unifran. Professora da Rede Pública de São Paulo por 27 anos), Olga Santana (Licenciada em Biologia pela USP, professora de biologia da rede particular de ensino de São Paulo), Maria Teresinha Figueiredo juntamente com Maria Cecília Guedes Condeixa (Licenciada em Ciências Biológicas pela USP. Professora de Ciências e Biologia na rede pública e particular de São Paulo por 30 anos). Maria Cecília- Licenciada e bacharelada em Ciências Biológicas pela USP, (Professora de Ciências e Biologia na rede pública e particular de São Paulo por 10 anos) e Eduardo Leite (Licenciado em Química pela Universidade Estadual de Campinas. Doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas). Autores/as que conseqüentemente passam a legitimar as publicações com sua formação e experiência, sendo os mais escolhidos pertencentes respectivamente às editoras Ática, Positivo, Saraiva, FTD e Moderna, formados/as em universidades dos grandes centros do país.

A partir de 2004 constata-se que o/a professor/a de Ciências começa a aparecer como autor dos livros, sendo incluída a informação sobre os anos que possui experiência

como professor/a nas redes municipal ou particular, o que em geral é igual ou maior de 10 anos, como pode ser constatado nas figuras 2 e 3:

Figura 2 - Capa do livro didático de Ciências, 2004. Editora Positivo



Fonte: Ciências Vida e Ambiente. Valle (2004).

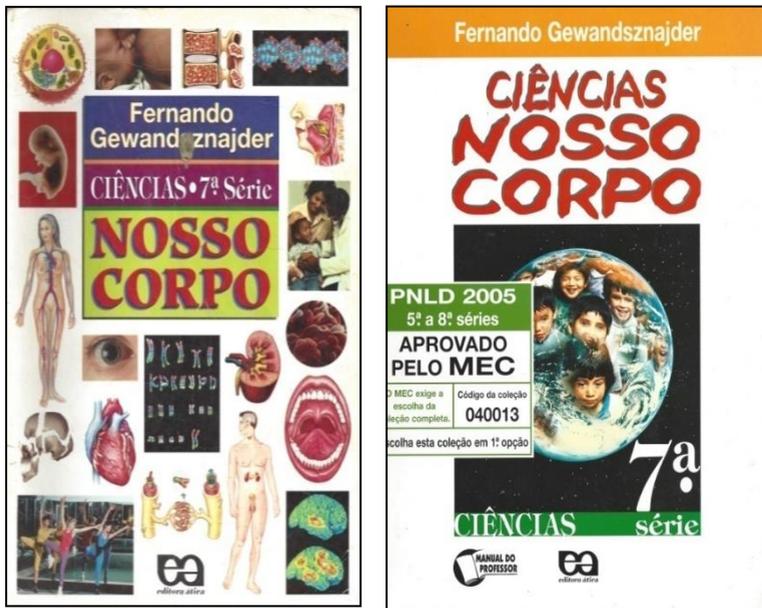
Figura 3 - Capa do livro didático de Ciências, 2009. Editora FTD



Fonte: Ciências: atitude e conhecimento. Figueiredo & Condeixa (2009).

A inclusão do dado acerca da experiência do/a autor/a em sala de aula sugere que o livro didático está mais relacionado à realidade do espaço e da linguagem escolares, ou seja, mais próximo da realidade e experiência escolar vivenciada pelo/a professor/a que irá escolher este livro. Mesmo assim, pode-se observar nas capas dos livros analisados, que o nome dos/as autores/as tem perdido espaço ao longo dos anos, tanto para o título, como para o nome da disciplina, da editora ou da série a que se destina; como pode ser verificado nas figuras 4 e 5:

Figura 4 e Figura 5 - Capas dos livros didáticos de Ciências de 2000, Ed. Ática e Ciências de 2005, Ed. Ática



Fonte: Nosso Corpo. Gewandszajder (2000) e Ciências. Nosso Corpo. Gewandszajder (2005).

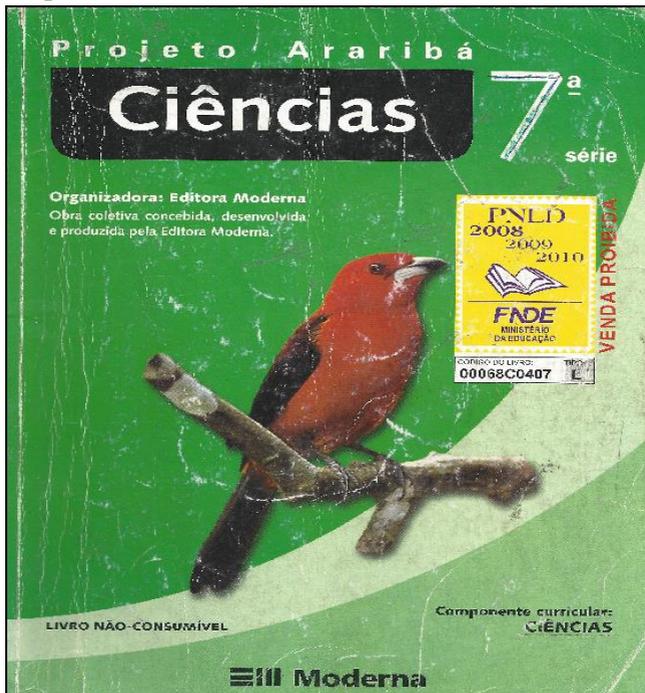
O nome do/a autora que antes ocupava o local central da página junto com o título da obra (fig.04), passa para a parte superior da página, separado do título e da disciplina com uma cor em menor destaque. O número indicativo da série passa para o lado direito da página, acompanhado do nome da disciplina abaixo (fig. 05). As figuras ilustrativas que antes ocupavam todo o livro (fig. 05), agora são centralizadas na página com uma cor diferenciada das outras informações ganhando maior foco, saliência e enquadramento (fig.5). A informação que se quer chamar a atenção, a nova, portanto, é enquadrada do lado direito da página; já o que já é conhecido, a informação dada, como o selo do MEC está no lado esquerdo da página (fig. 05). Mudanças que nos dão indícios de estratégias editoriais aliadas ao consumo e ao avanço tecnológico gráfico como é descrito por Rocha & Somoza (2012, p.21):

É fácil comprovar como seu desenho gráfico vem passando, nos últimos anos, do domínio do texto para o das imagens; da cor única ou do bicolor ao multicolorido; do papel de baixa qualidade ao de altíssima qualidade. Quanto à produção editorial, os livros escolares vêm deixando de ser "obras de autor" para tornar-se obras de uma "equipe editorial", muitas vezes anônima ou quase; ao mesmo tempo, vêm deixando de ser produzidos por pequenas empresas especializadas, para converter-se em alvo dos interesses de grandes grupos econômicos editoriais e/ou de multimídia

Também pode-se perceber mudanças nas capas dos livros didáticos, como a partir de 2008, onde a capa ganha maior colorido, as figuras ficam mais detalhadas e visíveis. O

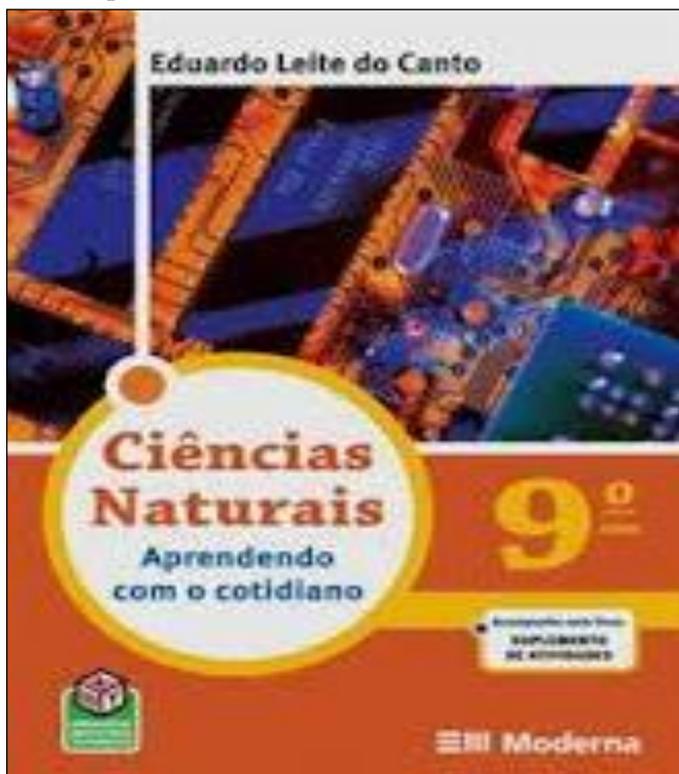
selo de identificação da editora também adquire maior destaque no centro da imagem e com cores escuras contrastando com as demais. Começa a ter um padrão na formatação da capa, como o número da série na parte de cima, o título no centro, o nome do autor continua na parte de cima da imagem em destaque pela cor vermelha. Outro recurso utilizado é o da Editora Moderna, que passa a adotar uma capa padronizada a partir de 2010, atribuindo uma marca às publicações da editora, como pode ser observado nas imagens abaixo:

Figura 6 - Capa do livro didático de 2008. Editora Moderna



Fonte: Projeto Araribá. Cruz (2008).

Figura 7 - Capa do livro didático de 2011. Editora Moderna



Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2011).

2.1.3 Sobre as editoras dos livros didáticos selecionados

A relação da editora com o livro é muito significativa e reveladora, o editor tem uma importância ímpar na história do livro (CHARTIER, 1999), principalmente no que diz respeito a questão econômica, posto que um número reduzido de editoras vem se confirmando ao longo do período. Desta forma, podemos observar no quadro 2, que a Editora Positivo permanece no ano de 2005 e 2008 como a mais escolhida pelos professores/as de Ciências da RME e a partir de 2009 outras editoras passam a ganhar mais destaque como a Moderna e a FTD, talvez por terem investido nos últimos anos em livros com mais ilustrações, imagens fotográficas, cores e figuras com melhor *design*, sugestões de atividades de corte e colagem, estímulo à pesquisa, exercícios ao final de cada capítulo, *boxes* mais informativos, materiais anexos aos livros como CDs interativos, livros de literatura infanto-juvenil, etc. Com isso, também foi possível perceber o que número de páginas dos livros analisados de 2000 à 2005 passasse de 150 à 200 páginas e, de 2005 à 2011, de 250 à 350 páginas.

Quadro 2 - Levantamento do número de obras escolhidas por editora

EDITORAS	NÚMERO OBRAS ESCOLHIDAS	ANOS
MODERNA	4	2008/2009/2011/2011
POSITIVO	4	2004/2005/2005/2008
ÁTICA	3	2000/2003/2005
FTD	3	2002/2009/2009
SARAIVA	2	2006/2008

Fonte: Produção da própria autora.

Quadro 3 - Levantamento por série, editora e ano dos 16 livros didáticos de Ciências escolhidos pelos professores entre 2000 a 2011 em cinco escolas municipais de Florianópolis

Série	Editora	Ano
6 ^a	Positivo	2004
6 ^a	Ática	2005
6 ^a	Saraiva	2006
6 ^a	Positivo	2008
7 ^a	Ática	2000
7 ^a	FTD	2002
7 ^a	Ática	2003
7 ^a	Positivo	2005
7 ^a	Moderna	2008
7 ^a	Moderna	2011
8 ^a	Saraiva	2008
6 ^o ano	Moderna	2011
8 ^o ano	FTD	2009
9 ^o ano	FTD	2009
9 ^o ano	Moderna	2009

Fonte: Produção da própria autora.

Segundo dados do FNDE¹⁸, no ano de 2010, a Editora Positivo encontrava-se em 6^o lugar no número de tiragens de livros didáticos no país, um *ranking* liderado pela FTD, Moderna, Ática, Saraiva, Scipione. Em Santa Catarina, neste

¹⁸ Dados disponíveis em: <http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/3010?Itemid=1296>, acessado em março/2013.

mesmo ano, o número de alunos/as beneficiados pelo PNLD chegou a 4.123.728, o que representou um aumento significativo, haja vista que em 2009 o número de alunos/as era de 2.950.14. Em 2011 a Editora Moderna passou a liderança, justamente o ano em que a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis escolheu dois de seus livros didáticos. Segundo o *ranking* da consultoria *Rüdiger Wischenbart Content and Consulting* publicado pela Revista Exame em 2013, no mercado mundial. As editoras com mais alto faturamento são o Grupo Abril, a Saraiva e a FTD.

O número de atendimento de alunos/as nas escolas municipais¹⁹ de Florianópolis também teve um aumento significativo nos últimos anos, o que influenciou o aumento de tiragens de livros didáticos. Em 2005 eram 13.653 alunos/as atendidos nas escolas de ensino fundamental e, em 2010, passou para 14.817 alunos/as, o que impactou no aumento da tiragem dos livros didáticos. Ademais, no ano de 2010, a Secretaria Municipal de Educação firmou convênios com o MEC executando programas nas escolas para maior permanência, atendimento, e formação dos/as alunos/as, tais como “Mais Educação”, “Saúde na Escola e “Floripa Letrada”, o que certamente deve ter impactado no aumento dos livros adquiridos pela RME.

¹⁹Dados

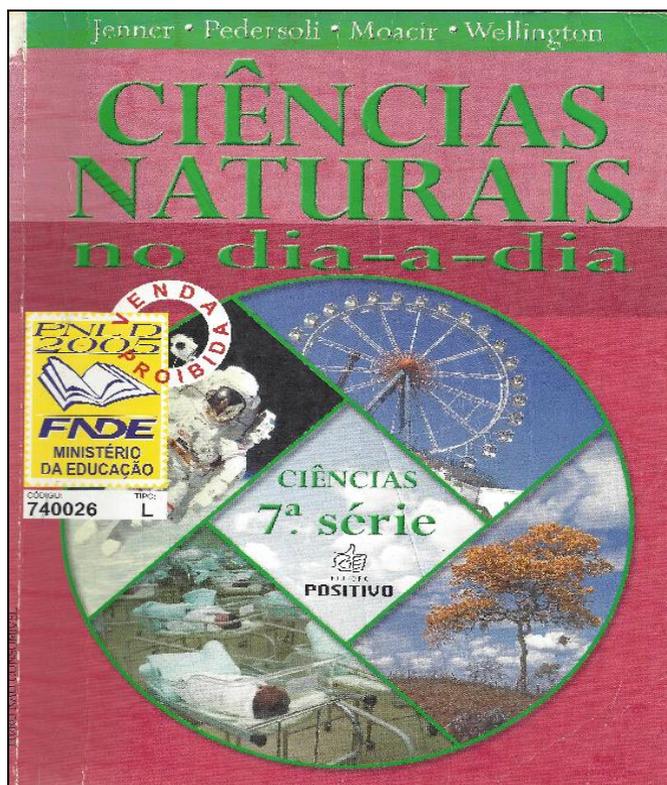
<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=indicadores+educacionais&menu=11>, acessado em junho/2013.

2.1.4 Sobre as concepções sobre o ensino de Ciências subjacentes as capas dos livros didáticos

Analisando as capas ao longo dos anos 2000 a 2011, também podemos identificar transformações no que tange a concepção do ensino de Ciências. O modelo tradicional enfocando a ciência relacionada ao conteúdo exato, conceitual como atividades em laboratório e figuras em microscópio pode ser constatado na edição de 2000 do livro “Nosso corpo” (fig. 04). Com a influência do pensamento educacional crítico cada vez mais forte no currículo escolar, passaram a ganhar maior importância os critérios de relevância social e cultural na seleção dos conteúdos, entre eles o cotidiano e as concepções de ciência e ambiente. Incentivou-se que a ciência deixasse de ser apresentada apenas do ângulo de seus produtos e técnicas e passasse a enfatizar a sua história, seu processo de produção e as suas relações com a sociedade, visando com isso apresentar a Ciência como uma atividade humana. A chamada Educação Ambiental, em suas diversas categorias curriculares ganha espaço e importância, sendo apresentada na totalidade das relações entre o ser humano e a natureza (AMARAL, 2006).

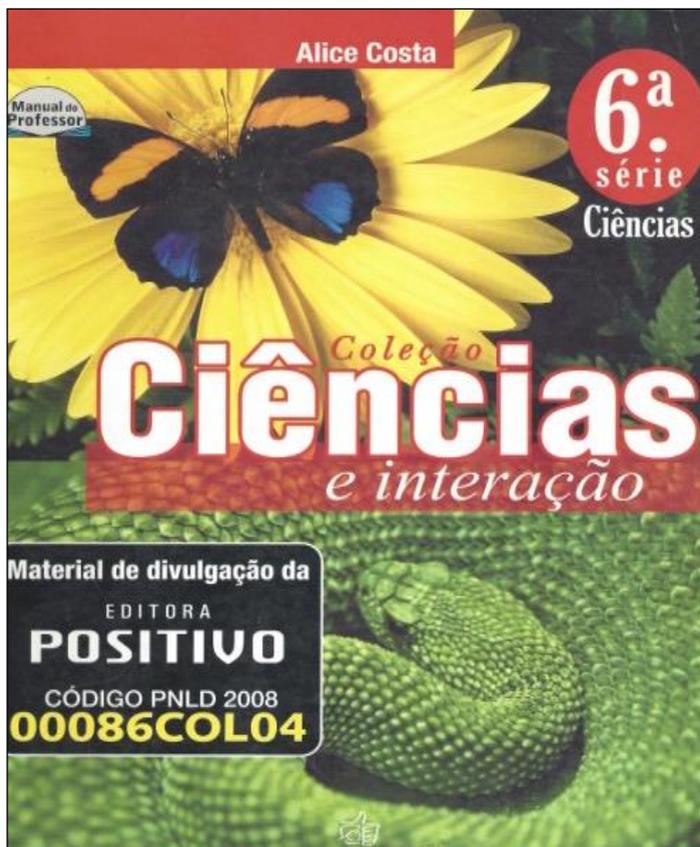
Pode-se verificar essa mudança nas capas dos livros didáticos de Ciências a partir de 2005, quando são inseridas imagens relacionadas com o meio ambiente, a relação com a Terra e o homem, a poluição e seus impactos (fig. 08). Os animais, antes somente em seus ciclos de vida ou “habitat” passam a interagir com diversos meios em adaptação, e com outras espécies como em um ecossistema (figs 09, 10). O contraste entre a natureza, a ocupação urbana e a tecnologia é representado pelas imagens da natureza, de uma cidade, um pôr-do-sol e ao seu lado aviões decolando (fig.10).

Figura 8 - Capa do livro didático de 2005. Editora Positivo



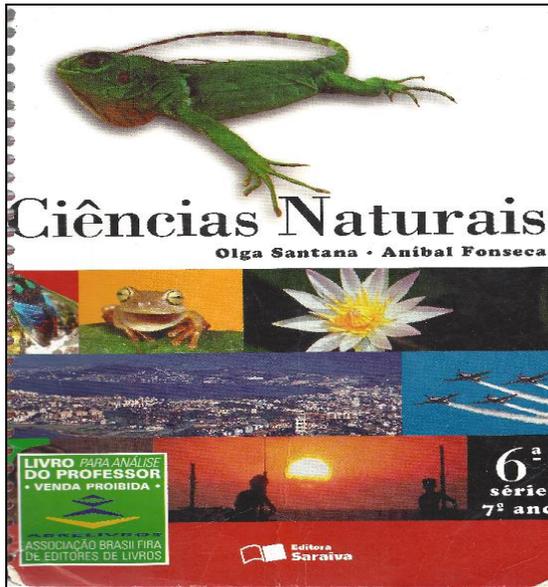
Fonte: Ciências Naturais no dia-a dia. Jenner et.al. (2005).

Figura 9 - Capa do livro didático de 2008. Editora Positivo



Fonte: Coleção Ciências e interação. Costa (2008).

Figura 10 - Capa do livro didático de Ciências, 2006. Ed. Saraiva



Fonte: Ciências Naturais. Santana & Fonseca (2006).

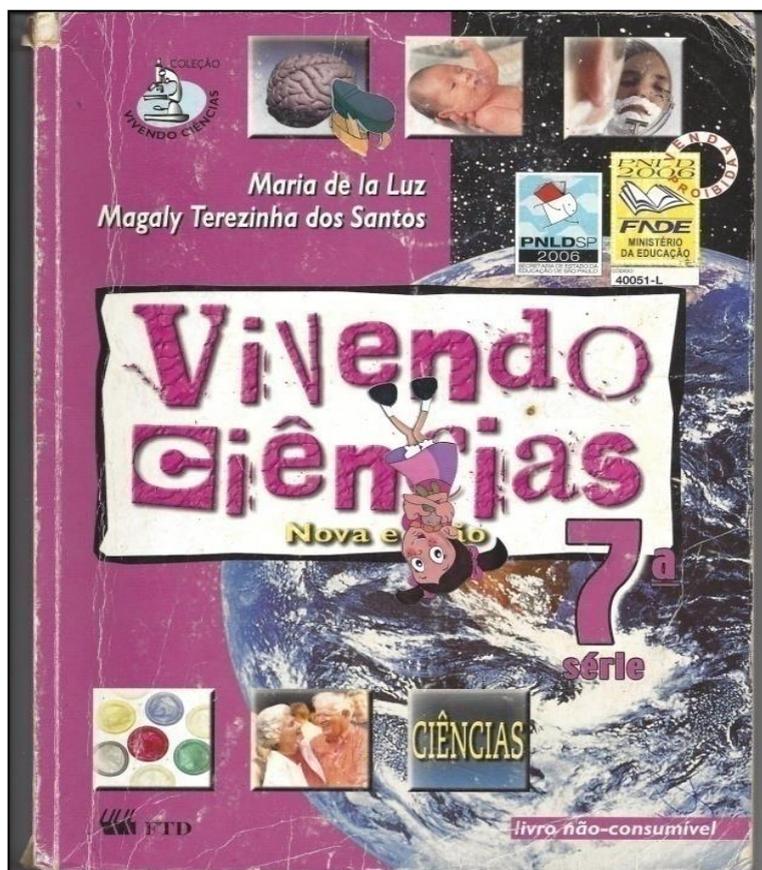
O corpo enquanto objeto histórico e científico, suscetível a intervenções, estudos, dissecações que atraí olhares, curiosidade, consumo; apresenta-se em partes em uma das capas analisadas (fig.04), tornando visível o seu interior, suas entranhas, mistérios, corpo colonizado, corpo habitado. A “cultura da dissecação”, que teve evidência e especulação desde do século XX, onde o corpo e suas partes passaram a ter um caráter de controle fornecido pelas tecnologias de visualização com objetivo de controlá-lo e nome de um modelo normativo de corpo, saudável, jovem (Ortega, 2008, p.176). Como podemos observar na figura 04, um corpo é apresentado em sistemas, partes de órgãos, ossos,

observado/vigiado pela imagem de um olho ao centro da página. Um corpo que necessita constantemente de exercícios físicos para sua longevidade representados por mulheres fazendo ginástica, e que ao mesmo tempo, expõe sua fragilidade, seus riscos com a figura da boca aberta por onde penetram doenças e vírus, o que justificaria a necessidade do seu cuidado constante, “já não se trata mais do corpo que extrai energia, mas do corpo que consome e que pode ser consumido, corpo-produto e como tal deve ser administrado e gerido” (GODOY, et. al., 2007, p. 3). De acordo com Santos (2007, p.102), “os livros-didáticos apresentam um corpo que não tem sexo, um corpo que não sente necessidades, não come, não fala...um corpo que deixa de ser humano e passa a ser didático”, ao mesmo tempo, esquadrinhado, medicalizado, idealizado, objeto de investimentos disciplinares e normativos, submetido a um “ritual diário de comportamento em que partes do corpo são acionadas para o seu aprendizado (PREVE; CORRÊA, 2000, p.2)”.

Discursos que também são representados por práticas como o cuidado com o corpo, higiene, prevenção, longevidade, representados por imagens como por exemplo um homem fazendo a barba, um casal da terceira idade, um bebê sendo segurando um bebê ou, ainda, por algumas camisinhas coloridas, como pode ser visto nas figuras 11 e 12.

Percebe-se que a imagem da camisinha ganha destaque a partir do ano de 2002 nas capas dos livros didáticos (figura 11) de Ciências, mesmo ano em que começam a ser veiculadas campanhas na mídia, principalmente, no carnaval com o *slogan* “ Sem camisinha nem pensar”, o que denota a íntima relação entre os conteúdos legitimados nos livros didáticos e os conteúdos veiculados pela mídia.

Figura 11 - Capa do livro didático de Ciências, 2002.Ed. FTD



Fonte: Vivendo Ciências. Luz & Santos (2002).

Figura 12 - Capa do livro didático de Ciências, 2009. Ed.FTD



Fonte: Ciências: Atitudes e Conhecimento. Figueiredo & Condeixa, (2009).

Na perspectiva do *Affective Turn*, pode-se afirmar que as capas dos livros didáticos também “disparam” possíveis sentimentos e emoções, como por exemplo, a do medo pelo desconhecido, representado pelo homem pisando na lua pela primeira vez, pela chegada de um bebê à maternidade e da roda gigante na figura 08. A pureza e fragilidade em contraste com o risco e o perigo, representados pela figura da borboleta em

cima do girassol e abaixo uma cobra pronta para o bote na figura 09. O sentimento do cuidado, da proteção, representados pela imagem dos pais segurando um bebê em baixo de uma árvore na figura 12.

Livro- máquina, construído, planejado, fabricado, revestido por engrenagens repletas de intenções e contradições, que em seus movimentos captura, corrompe, saberes e desejos. Corpo- livro. Através do acompanhamento e análise do percurso dos livros didáticos, infere-se que desde a saída dos depósitos das editoras/gráficas até chegarem às escolas eles envolvem pessoas, infraestrutura, espaço, organização. Problematizá-los nesse seu percurso permite refletir sobre outras dimensões além da educacional propriamente dita, podendo caracterizá-lo como produto mercadológico, uma vez que está inscrito em uma lógica mercantil de produção e circulação, obedecendo, deste modo, às técnicas de fabricação e comercialização inerentes ao processo de mercantilização (APPLE, 1995).

Além disso, têm-se a possibilidade de percebê-lo como documento histórico imbuído de representações e estratégias de poder; dotado de vestígios enquanto objeto cultural complexo; interdisciplinar e mediador de relações sociais e históricas como documento revestido de diversas possibilidades de pesquisa e análises.

3 INFECÇÃO AGUDA: CONTEÚDOS SOBRE AIDS/HIV E FORMAS DE APRESENTÁ-LOS AOS/AS ALUNOS/AS

(...) da maneira como um texto dá a si mesmo o corpo de sua encarnação para escapar do destino de letra abandonada no mundo, para mimar seu movimento próprio entre o lugar de pensamento, de espírito, de vida de onde vem e aquele qual se dirige; esse teatro humano em que a palavra se torna ato, se apropria das almas, arrasta os corpos e imprime ritmo a sua marcha (RANCIÈRE, 1996, p.10)

Os conteúdos sobre a AIDS/HIV e as formas como foram apresentados nas páginas dos livros didáticos de Ciências analisados, objetivam, segundo o ferramental teórico escolhido para analisá-los nesta pesquisa, contribuir para a produção de subjetivações nos/as alunos/as, espalhando-se por seus corpos, pelas suas veias. Como numa das fases da AIDS - a infecção aguda - os conteúdos e as formas de apresentá-los aos alunos/as, discreta e silenciosamente, almejam contribuir para a sua multiplicação, para o estabelecimento de conexões, causando, sintomas, marcas, lesões, estigmas, contribuindo para legitimar determinadas representações.

Para melhor analisá-los, tais conteúdos foram divididos em 7 categorias: 1) Espaço destinado ao conteúdo do HIV/AIDS, ou seja, o número de páginas dedicados ao tema nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano; 2) Títulos dos capítulos e unidades sobre o HIV/AIDS; 3) Imagens selecionadas para ilustrar as páginas introdutórias das unidades e capítulos; 4) Modo como o histórico da doença é apresentado; 5) Definições legitimadas acerca da AIDS; 6) O

vírus HIV e suas formas de transmissão; 7) Discursos sobre os sintomas da AIDS. Através da metodologia da bricolagem, cada uma destas categorias foi analisada de modo a evidenciar as modificações, as permanências e as contradições acerca da AIDS presentes nos livros didáticos, ao longo do período recortado para a análise.

3.1 Sobre o número de páginas dedicadas ao tema do HIV/AIDS

Uma das possibilidades de análise sobre a importância atribuída à AIDS nos livros didáticos de Ciências refere-se ao espaço destinado ao seu conteúdo nos livros analisados, entre 2000 a 2011. No quadro abaixo pode-se observar como tal espaço aparece em cada uma das obras analisadas:

Quadro 4 - Quadro comparativo de títulos sobre a AIDS presentes nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano (2000 a 2011) (Continua)

Título da Unidade	Título do Capítulo	Título da Seção	Ano	Número de páginas
Sexo e reprodução	Doenças sexualmente transmissíveis	AIDS	2000	3
Conservando a espécie: o sistema genital	Doenças sexualmente transmissíveis	AIDS	2002	2
Os microrganismos	Doenças causadas por vírus	AIDS	2004	3
Sexo e reprodução	Doenças sexualmente transmissíveis	AIDS	2005	3
Vírus, monera, protista	Os vírus	A AIDS	2005	3

Quadro 4 - Quadro comparativo de títulos sobre a AIDS presentes nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano (2000 a 2011) (Conclusão)

Título da Unidade	Título do Capítulo	Título da Seção	Ano	Número de páginas
A luta pela saúde	A manutenção do estado da saúde	A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida	2005	8
Investigando a vida	A reprodução humana	Doenças sexualmente transmissíveis	2006	1
A nutrição: transporte e circulação do sangue	O sistema imunitário	AIDS e racismo	2008	2
Vírus, moneras, protistas e fungos	Víroses	AIDS	2008	1
Os organismos e a percepção do ambiente	Cuidando da saúde: as drogas e o sexo na nossa vida	Doenças sexualmente transmissíveis	2008	1
Saúde e cidadania	A promoção da saúde	Doenças infecciosas e epidemias	2009	1
Ser humano e saúde	Reprodução humana e responsabilidade	AIDS	2009	1
Reprodução e sexualidade	Reprodução e saúde sexual	Doenças sexualmente transmissíveis	2009	2
Ser humano e saúde	A vida é a melhor opção	As drogas e a saúde	2011	1
Ser humano e saúde	Sexo, saúde e sociedade	AIDS	2011	2
Ser humano e saúde	Reprodução humana e responsabilidade	AIDS	2011	1

Fonte: produção da própria autora, de acordo com levantamento realizado nos livros didáticos em estudo.

Como pode-se depreender, o número de páginas destinadas ao conteúdo da AIDS nos livros didáticos analisados é emblemático, sendo interessante analisar suas mudanças ao longo do período 2000 -2011. Observa-se que entre os anos de 2000 a 2005 há um padrão no número de páginas, sendo a maioria de três (3). Com um pico de 8 páginas no ano de 2005. Deduzo que esta ênfase dada ao tema esteja diretamente relacionada ao fato de que tais livros foram publicados logo após a descoberta do vírus -entre 1989 a 2000 - período em que houve grande investimento em campanhas publicitárias divulgadas na mídia e em campanhas governamentais²⁰ sobre a AIDS, haja vista a preocupação com suas formas de prevenção. Atentas aos novos sentidos e significados produzidos nas relações sociais, as editoras também investiram na questão, dando significativa ênfase à temática nos livros didáticos de Ciências.

O Estado de Santa Catarina, por exemplo, no ano de 2000, apresentava 170 municípios atingidos pela epidemia (MALISKA, 2011), além disso, destacou-se desde o início do diagnóstico da AIDS no país, por apresentar municípios com altos índices de contaminação. O primeiro caso de AIDS ocorreu em 1984, no município de Chapecó, e a partir daí a sua disseminação progressiva fez com que alcançássemos em 2011 o patamar de 26.057 pessoas com AIDS no estado (MALISKA, 2011, p. 148). A partir da segunda metade da década de 1980, a sociedade civil catarinense passou a se organizar mais fortemente, criando as primeiras organizações não

²⁰ A esse respeito consultar: <http://www.aids.gov.br/campanhas>.

governamentais (ONGs). O Grupo de Apoio e Prevenção da AIDS/Santa Catarina (GAPA/SC), fundado em 1988, foi a primeira ONG catarinense a atuar na prevenção e no controle da AIDS, empunhando a bandeira da defesa dos direitos civis e apoio às pessoas com HIV/AIDS. A Fundação Açoriana para o Controle da AIDS (FAÇA) foi fundada em 01 de dezembro de 1991, desenvolvendo atividades de caráter social e científico, mantendo-se atuante no Estado com diversas ações de controle e prevenção da AIDS. O impacto destas organizações na sociedade também pode ter contribuído para que as editoras incluíssem nos livros de Ciências as questões relacionadas a nova “epidemia”.

A partir de 2001, as campanhas televisivas no país passaram a investir em campanhas relacionadas a importância do uso da camisinha (SANTOS, 2002), o que de certa forma atingiu os livros didáticos, já que houve uma permanência no número de páginas nos livros quanto ao conteúdo abordado sobre a AIDS, entre 2002 a 2004, duas (2) a três (3) páginas. Salta aos olhos o ano de 2005, quando o número de páginas dedicado ao tema quase triplica, passando para 8 páginas, o que pode estar relacionado ao vertiginoso crescimento da doença no país e no mundo, cujos números passaram a ser divulgados com maior frequência.

Além disso, ocorreu também nesse período, o avanço dos estudos científicos sobre a doença, os quais, a exemplo dos números de infectados, passaram a ser divulgados com relativa frequência. Especificamente no que tange ao Estado de Santa Catarina, em 2005 o Plano de Saúde Municipal da Gestão de Florianópolis, passou a investir “nos sistemas de informação quanto ao diagnóstico do território e dos problemas, identificando a AIDS como um problema de saúde pública”, propondo-se a necessidade de organização da Vigilância em

Saúde em Florianópolis (BASTIANI; PADILHA, 2012, p.572). Segundo Maliska (2011, p.148),

Visando criar novas medidas estratégicas de enfrentamento, o Estado de Santa Catarina selecionou 15 municípios em 2005 e, posteriormente, mais 10 em 2007, somando-se 25 municípios que passaram a ser chamados de “municípios prioritários”, os quais, de acordo com o perfil epidemiológico e estrutura organizacional, passaram a receber recursos do estado destinados a ações preventivas em DST/AIDS, o que contribuiu para melhora na qualidade dos serviços, reduzindo as taxas de internações por AIDS.

A partir de 2007, com o acesso ao tratamento e aos medicamentos distribuídos pelo SUS, houve um certo “silenciamento” das campanhas publicitárias, alicerçado no discurso de que havia uma estabilidade nos índices de soropositivos. Em sintonia com este silêncio, a presença do conteúdo da AIDS nos livros didáticos analisados diminuiu de 2008 a 2009 para 1 e 2 páginas, o que prevaleceu até o ano de 2011. No livro, “Ciências: atitudes e conhecimento”, de Figueira & Condeixa (2009, p. 220), por exemplo, é destinado apenas um pequeno espaço no canto superior esquerdo da página para o conteúdo da AIDS, como pode ser visualizado abaixo:

Figura 13 - AIDS

O Guia de identificação de doenças infecciosas deve ser lido simultaneamente com outros textos conforme a necessidade.

Guia de identificação de doenças infecciosas

Doenças causadas por vírus, bactérias e protozoários.

Capítulo 8 A promoção da saúde

Aids

A Aids é causada pelo vírus HIV e suas variações. Passou a infectar o ser humano a partir da década de 1970 na África. Atualmente, um coquetel de remédios mantém a vida do doente, mas a Aids continua sendo fatal: pois o portador perde a resistência e a defesa contra qualquer outra doença. A transmissão se dá por contágio direto: pelo sêmen do homem, pelas secreções sexuais femininas e pelo sangue contaminado que entra no corpo são.

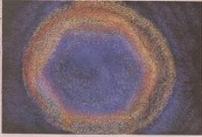


© Dennis Nazareno/PhotoDisc/Getty Images

Vírus da Aids sendo absorvidos por uma célula (com ampliação de aproximadamente 103 000 vezes e colorido artificial).

Dengue

A dengue é causada por vírus e transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*. Depois de o mosquito se alimentar com sangue infectado, o vírus se dirige para as glândulas salivares do mosquito, onde fica até o final de sua vida, que dura de seis a oito semanas. Não há contágio entre pessoas. Fica-se doente ao ser picado por um mosquito infectado. Há vários tipos de manifestação da dengue, conforme a idade e o estado de saúde da pessoa, mas os principais são febre alta, diarreia abundante, dores no corpo e até hemorragias.



LUIS M. DE LA HERRERA/PhotoDisc/Getty Images

Vírus da dengue (com ampliação de aproximadamente 80 000 vezes e colorido artificial). Se o mosquito *Aedes aegypti* fêmea estiver contaminado, ao picar uma pessoa, transmitirá a ela o vírus causador de dengue.

Cólera

A cólera é causada por bactéria, o *Vibrio cholerae*, e transmitida principalmente por água contaminada, pelas fezes e pelo vômito do doente. Os sintomas variam: há casos que chegam à diarreia abundante, câibras e infecção generalizada, levando à morte; há casos sem sintoma. Há estudos que mostram que frutos do mar, como mexilhões e ostras, guardam o micro-organismo em seus corpos, tornando-se reservatórios ambientais e infectando quem os consome.

O *Vibrio cholerae* chegou ao Brasil em 1991, na região do Alto Solimões, na Amazônia, quando apresentou características epidêmicas. Hoje é uma epidemia sob controle.



NBS/CPL/Latroteck

Bactérias *Vibrio cholerae* (com ampliação de aproximadamente 10 000 vezes e colorido artificial).

Doença de Chagas

A doença de Chagas foi descrita pela primeira vez em 1909 pelo pesquisador brasileiro de Osvaldo Cruz, o médico Carlos Chagas. Este cientista descobriu que a doença era um micro-organismo que denominou *Trypanosoma cruzi*, em homenagem ao seu professor. Fez a descoberta examinando o intestino de insetos barulheiros em um morro de Minas Gerais, local onde estava sendo construída uma estrada para trabalhadores que se encontravam doentes. O barulheiro, furão ou chupim, que onde pica; nas fezes infectadas estão os protozoários. A doença pode matar o doente e vai modificando os músculos do coração, do esôfago ou do intestino, que morre, por exemplo, de insuficiência cardíaca. Hoje se sabe que os principais vetores do *Trypanosoma cruzi*, que tem como reservatório vários mamíferos silvestres.



© AP/Wide World

Trypanosoma cruzi, causador da doença de Chagas (com ampliação de aproximadamente 10 000 vezes e colorido artificial).

220 Unidade 3 – SAÚDE E CIDADANIA

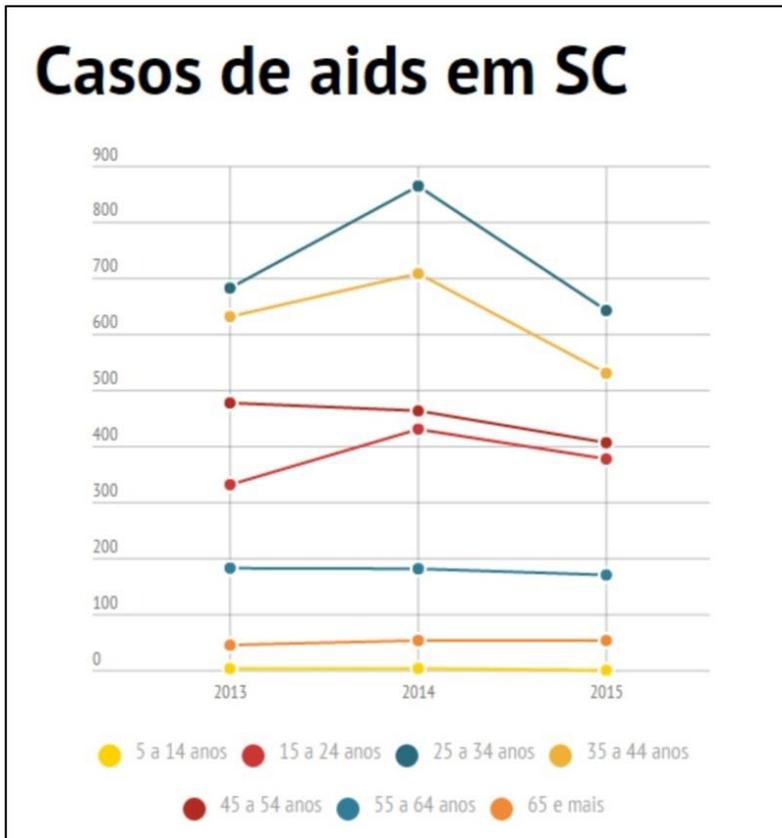
Fonte: Ciências: atitudes e conhecimento. Figueira & Condeixa (2009, p. 220).

Talvez, por conta desse silenciamento, tanto por parte das campanhas publicitárias como de outros meios de informação e também dos próprios livros didáticos, houve um aumento gradativo e progressivo do número de casos de jovens soropositivos em todo país. De acordo com o relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância intitulado “Atualização das Estatísticas sobre Crianças Adolescentes e AIDS”, de 2015 o número de mortes de adolescentes em decorrência da AIDS triplicou nos últimos 15 anos. Divulgado em Addis Abeba, capital da Etiópia, durante a 3ª Conferência Internacional sobre o Financiamento para o Desenvolvimento, o relatório “Como a AIDS Mudou Tudo - ODM 6: 15 anos, 15 Lições de Esperança da Resposta à AIDS”, elaborado pelo Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV e AIDS (UNAIDS), apresenta que em 2000 no Brasil eram 560.000 pessoas entre 15 a 50 anos vivendo com AIDS e em 2014 esse número passou para 990.000 pessoas. O ano de 2014 marcou um recorde de infecções pelo vírus da AIDS (HIV) na Europa e Ásia central, segundo a União Europeia e a Organização Mundial da Saúde, sendo 350 mil adolescentes infectados.

A região Sul do Brasil destaca-se na segunda posição quanto ao número de casos e óbitos pela doença no país. Florianópolis é a segunda capital do Brasil com mais casos de AIDS, segundo o Boletim Epidemiológico AIDS/DST de 2011 com 57,9 casos a cada 100 mil habitantes. Entre 2013 e 2014, o número de soropositivos entre 15 e 24 anos saltou quase 30% em Santa Catarina, o maior percentual entre as faixas etárias, como pode ser demonstrado nos gráficos abaixo. E em 2015, até outubro deste ano, foram 378 novos casos entre os jovens, segundo entrevista concedida ao Jornal Diário Catarinense (01/12/2015), pelo infectologista Fábio Gaudenzi de Faria,

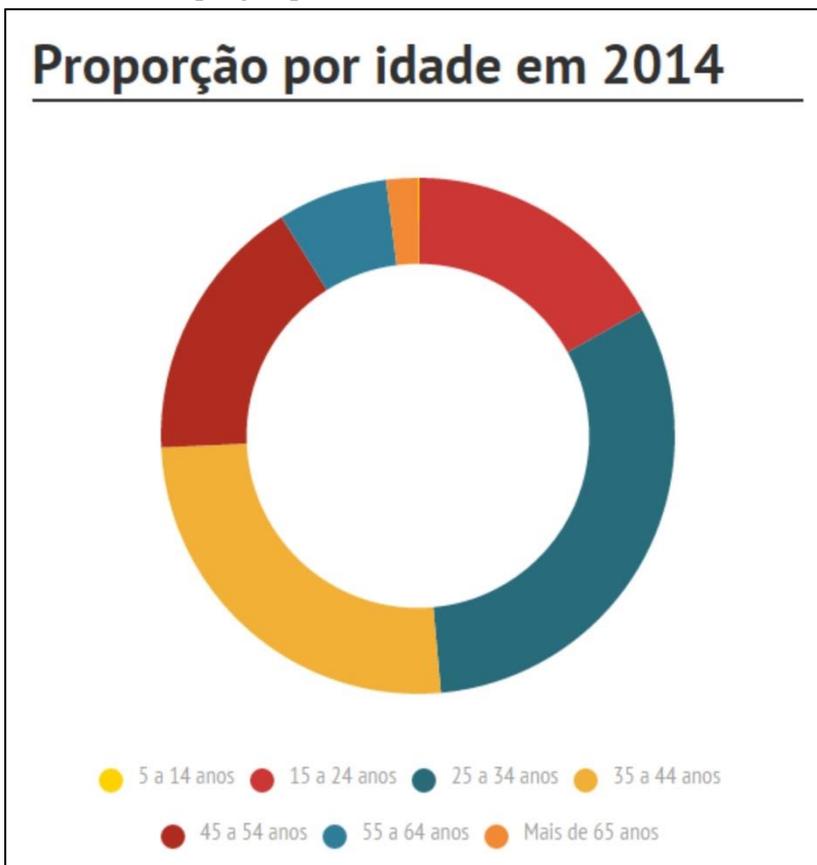
superintendente de Vigilância em Saúde da Secretaria de Estado de Saúde. O gráfico 1 mostra os casos de AIDS no estado de Santa Catarina e o gráfico 2, a proporção por idade em 2014:

Gráfico 1 - Casos de AIDS em Santa Catarina



Fonte: Diário Catarinense, de 01/12/2015.

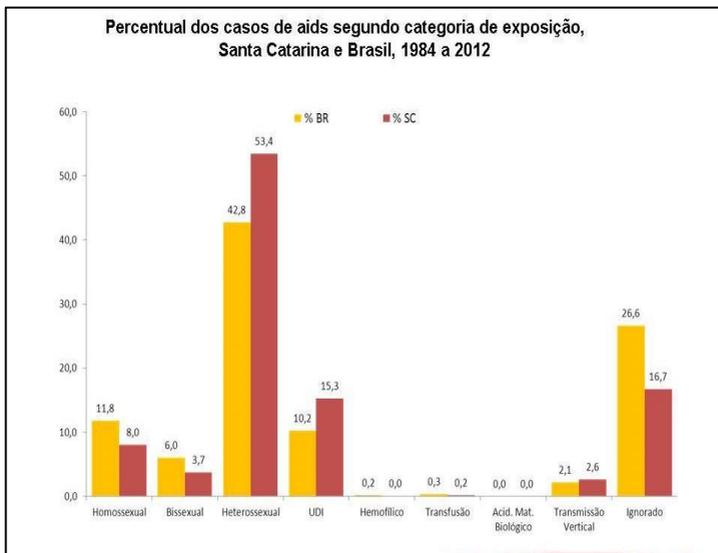
Gráfico 2 - Proporção por idade em 2014



Fonte: Diário Catarinense, de 01/12/2015.

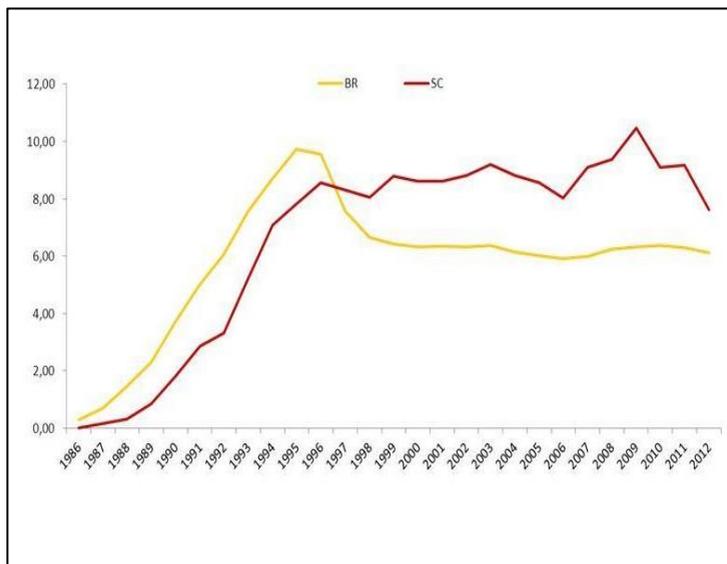
Os gráficos 3 e 4, a seguir, também demonstram que Santa Catarina, em relação ao Brasil, mantém altos índices de soropositivos e de óbitos:

Gráfico 3 - Percentual dos casos de AIDS segundo categoria de exposição, Santa Catarina, 1984 a 2012



Fonte: Departamento de DST/AIDS Hepatites virais, Ministério da Saúde, Brasil, de 25/04/2014.

Gráfico 4 - Total de mortalidade (por 100.000 hab.) dos casos de AIDS, Santa Catarina e Brasil, 1984 a 2012



Fonte: Departamento de DST/AIDS Hepatites virais, Ministério da Saúde, Brasil, de 25/04/2014.

Com o número de infectados pelo vírus aumentando ao longo dos anos, órgãos de saúde, a mídia em geral, mudaram o discurso de que a AIDS somente acometia um grupo específico, passando a preocupar-se também com os jovens, mulheres e com a terceira idade. Começaram a aparecer, aos poucos, nos livros didáticos analisados, imagens de jovens de

ambos sexos, casais de jovens; ainda que heterossexuais e casais de idosos, como podemos observar nas Figuras 14 e 15:

Figura 14 - A luta pela saúde



Figura 15 - A vida



Fonte: Ciências Naturais no dia-a-dia. Fonte: Ciências Naturais. Jenner (2005, p.116). Canto (2011, p. 160).

A partir das edições de 2005, começam a ser selecionadas imagens fotográficas de jovens nas páginas dos livros didáticos ao abordar o conteúdo da AIDS, com o objetivo de

fazer com que os/as alunos se identifiquem com as idades dos jovens representados. Regra geral, as imagens selecionadas são de jovens aparentemente felizes, sorrindo, conversando em grupos.

3.2 Sobre os títulos dos Capítulos ou Unidades- gramática enunciativa

Além do número de páginas dedicadas a AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano, questão que como visto está diretamente relacionada à importância a ela concedida pela sociedade nos diferentes momentos, os títulos dos conteúdos ou unidades bem como as imagens selecionadas para compô-los, contribuiu para nos dar pistas sobre como a linguagem utilizada nos livros visa produzir gramáticas específicas sobre a AIDS, uma *gramática enunciativa*,

Assim os enunciados fazem mais do que uma representação do mundo; eles produzem o mundo. O que importa não é saber se existe ou não uma realidade real, mas, sim, saber como se pensa essa realidade. O que interessa é o sentido que damos ao mundo e esse sentido só pode ser dado por meio de enunciados (GURUDI; CAZETTA, 2014, p. 9).

O termo enunciativo aqui é compartilhado da função enunciativa dos discursos desenvolvida por Foucault (1997, p. 135). Para o filósofo francês, os discursos possuem

determinados conceitos de acordo com a relação histórica em que são enunciados, representam, pois, o conjunto dos enunciados, de maneira “em que se apoiem na mesma formação discursiva; constituídos de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (Id., Ibid.).

Foram identificados nos títulos dos “Capítulos” de 6 dos 16 livros analisados a questão da sexualidade atrelada ao sexo enquanto reprodução, sendo esta objeto de responsabilidade, cuidado e controle: “A reprodução humana” do livro “Ciências Naturais” (SANTANA & FONSECA, 2006, p.149); “Cuidando da saúde: as drogas e o sexo na nossa vida” do livro “Ciências Naturais” (SANTANA, 2008, p.183); “Reprodução humana e a responsabilidade” do livro “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”(CANTO, 2009, p.264); “Reprodução e saúde sexual” do livro “Ciências: atitudes e conhecimento” (FIGUEIREDO & CONDEIXA, 2009, p. 116); “Sexo, saúde e sociedade” do livro “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano” (CANTO, 2011, p. 207) e “Reprodução humana e responsabilidade” do livro “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano” (CANTO, 2011, p. 264). Nota-se um reforço no uso de palavras que indicam determinadas atitudes em relação ao cuidado com o corpo, como “aprendendo”, “atitudes”, “conhecimento”, “responsabilidade”.

Em sintonia com tais discursos foram localizados também nos títulos das “Unidades” de 4 livros a relação entre sexualidade e sexo atrelados à reprodução e a manutenção da espécie (Quadro 5), são eles: “Sexo e reprodução” do livro “Nosso corpo” (GEWANDSZNAJDER, 2000, p.187); “Conservando a espécie: o sistema genital” do livro “Vivendo Ciências” (LUZ & SANTOS, 2002, p.93); “Sexo e

reprodução” do livro “Ciências a vida na Terra” (GEWANDSZNAJDER, 2005,p.188); “Reprodução e sexualidade” do livro “ Ciências: atitudes e conhecimento” (FIGUEIREDO & CONDEIXA 2009, p.116).

Em 3 títulos de “Capítulos” a AIDS é relacionada às doenças sexualmente transmissíveis, como nos títulos, “Doenças sexualmente transmissíveis” do livro “Nosso corpo” (GEWANDSZNAJDER, 2000, p. 220); “Doenças sexualmente transmissíveis” do livro “Vivendo Ciências” (LUZ & SANTOS, 2002, p.103); “Doenças sexualmente transmissíveis” do livro Ciências a vida na terra” (GEWANDSZNAJDER , 2005. p. 220).

Os cuidados com a saúde enquanto objeto de investigação, intervenção e controle objetivando o bem estar de todos, estão presentes em 5 títulos das “Unidades”: “A luta pela saúde” do livro “Ciências Naturais no dia-a-dia” (JENNER, 2005, p. 103); “Investigando a vida” do livro “Ciências Naturais” (SANTANA & FONSECA, 2006, p. 90); “Saúde e cidadania” do livro “Ciências: atitudes e conhecimento” (FIGUEIREDO & CONDEIXA, 2009, p. 199); “Ser humano e saúde” do livro “Ciências Naturais. Aprendendo com cotidiano” (CANTO 2009, p.264); “Ser humano e saúde” do livro “Ciências Naturais. Aprendendo com cotidiano” (CANTO, 2011, p.205; p.160).

O termo vírus relacionado à AIDS, foi encontrado em 3 dos títulos das “Unidades” e “Capítulos”: “Os microrganismos/ Doenças causadas por vírus” do livro “ Vida e ambiente” (VALLE, 2004, p.41,42); “Vírus, monera, protista/Os vírus” do livro “Ciências a vida na terra” (GEWANDSZNAJDER, 2005, p. 63,64); “Vírus, moneras, protistas e fungos/ Viroses” do livro “ Coleção Ciências e interação” (COSTA, 2008, p. 74,80).

Os enunciados das “Unidades” e “Capítulos” analisados, incitam discursos de autocuidado, governo e vigilância atrelando a AIDS a uma relação baseada na gestão cotidiana por parte dos sujeitos. Com efeito, a sexualidade em tempos de AIDS passa a ser medicalizada, observada, por várias instâncias que passam a participar da empresa de prevenção e controle. Jacir Pasternak (2011, p.23), analisando a história da epidemia apontou algumas instâncias sociais que sofreram o impacto da AIDS, como a medicina, a sexualidade, a vivência da morte e da doença, a ciência, as representações, a economia, a arte, a educação e a política. Desta forma, o campo da Educação Sexual passou a ser compreendido como campo disciplinar, na medida em que se criam verdades que são legitimadas quanto a prescrições, cuidados com o corpo, consultas médicas e recomendações de especialistas, práticas de medicalização e autoconhecimento do corpo, discursos constituídos através dos efeitos dos sentidos atribuídos por seus interlocutores, onde através da linguagem, esses significados acabam por ser perpetuados e naturalizados.

Estes discursos que passaram a circular na escola nos livros didáticos objetivam contribuir para constituir sujeitos, identidades, condutas e corpos. Pretendem, pois, ter efeitos de verdade sobre seus interlocutores - professores/as e alunos/a - na medida em que objetivam atingir determinados objetivos, sugerindo comportamentos e valores considerados socialmente adequados,

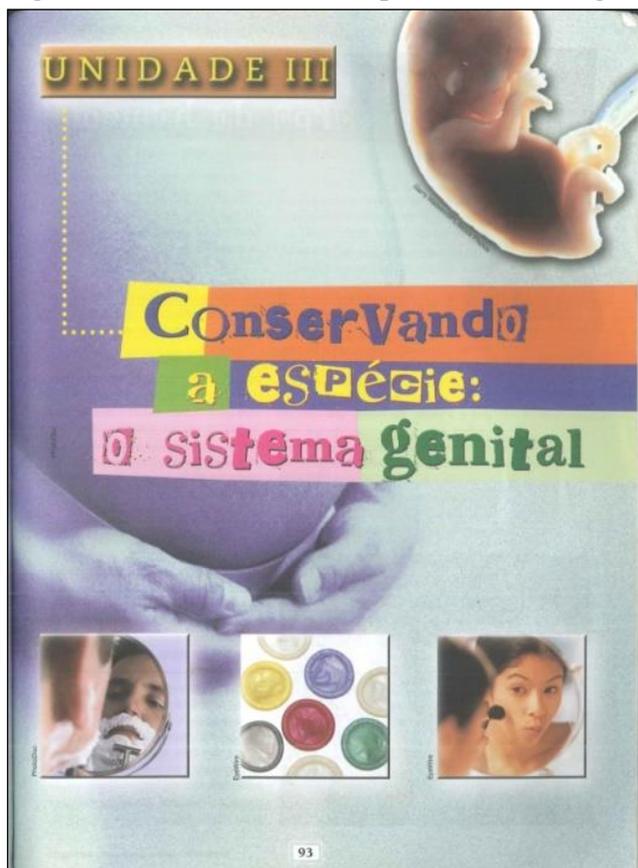
Nessa direção, as práticas escolares passam a falar sobre a sexualidade a partir de discursos médicos e biologicistas, no intuito de regular a forma como os indivíduos e a população devem viver suas sexualidades (SILVA; RIBEIRO, 2011, p.524).

São discursos que produzem gramáticas que irão demarcar identidades, desejos e vontades em nome da norma e do que é considerado um comportamento socialmente desejável.

3.3 Imagens selecionadas para ilustrar as páginas introdutórias dos Capítulos e das Unidades

As imagens de abertura das Unidades e dos Capítulos, também enunciam discursos sobre a ciência, o corpo, a doença, a sexualidade, as relações de gênero, etc., como se pode observar nas figuras abaixo:

Figura 16 - Conservando a espécie: o sistema genital

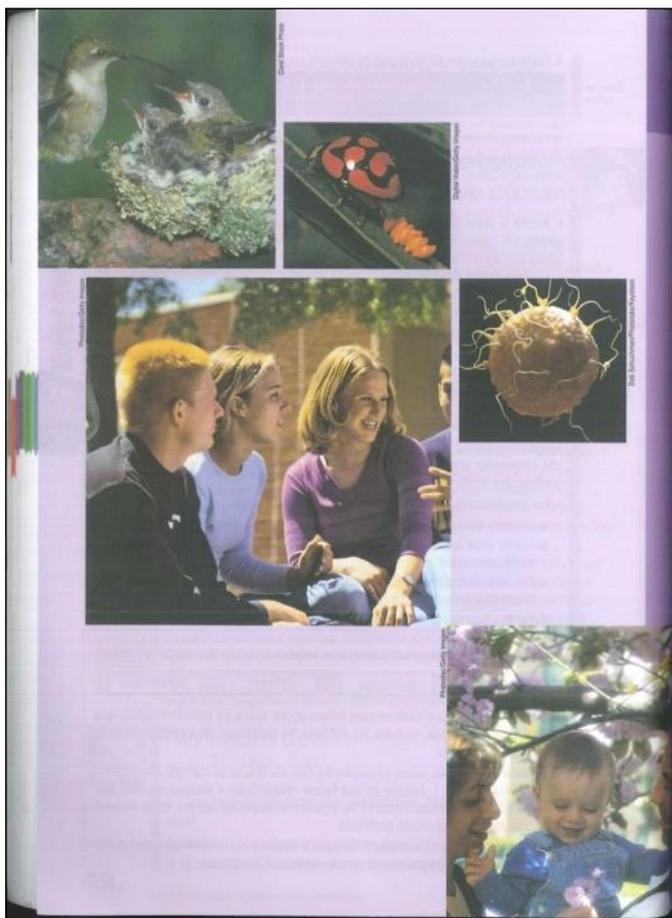


Fonte: Vivendo Ciências. Luz & Santos (2002, p. 93).

Nesta imagem observa-se na parte de baixo, dentro de três pequenos quadros, a figura de um homem fazendo a barba e de uma mulher se maquiando, e entre ambos um quadro com algumas camisinhas coloridas, o que parece sugerir o que poderia ser a preparação para um possível encontro entre ambos. Os dois estão em frente ao espelho, onde vê-se refletida as suas imagens e, talvez, suas dúvidas, seus desejos. A imagem das camisinhas entre os dois parece sugerir a escolha que em breve deverão fazer. No alto, à direita, se encontra a imagem de um feto, a qual pode ser relacionada ao resultado de uma escolha feita, ou seja, caso a camisinha não seja usada, o ato sexual poderá resultar na gravidez. Tal imagem parece sugerir as consequências de um encontro “casual”, como a gravidez indesejada, a camisinha entre o homem e a mulher algo que merece atenção e ao mesmo tempo perigo ou risco.

Na figura 17 vê-se um conjunto de imagens, nas quais mais uma vez ao sexo parece ser atribuído o caráter apenas biológico, de manutenção e conservação da espécie. Vê-se no alto à esquerda a imagem de um pássaro alimentando seus filhotes, seguida de uma joaninha expelindo seus ovos e de espermatozoides tentando penetrar em um óvulo. Na figura maior dois garotos e duas garotas estão conversando, o que poderia sugerir dois futuros casais e abaixo a imagem de uma jovem mulher com um bebê ao colo, talvez o possível destino das meninas da imagem. O sexo, mais uma vez, passa a ser algo com consequências, e neste caso, para a mulher.

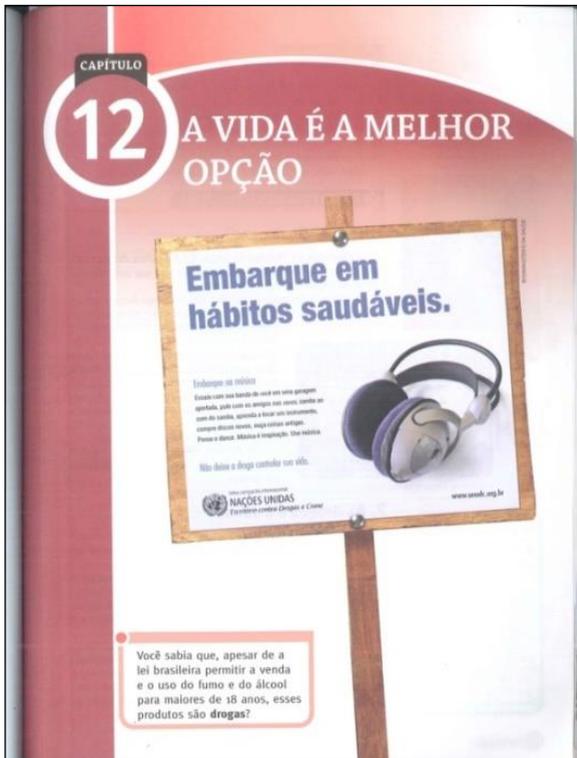
Figura 17 - Reprodução e sexualidade



Fonte: Ciências: atitudes e conhecimento. Figueiredo & Condeixa (2009, p.90).

A imagem de abertura do Capítulo 12, intitulado, “A vida é a melhor opção”, do livro “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”, de Canto (2011), apresentada na figura 18, sugere que apesar da suposta condição de liberdade e de escolha contemporâneas, onde são oferecidas a todo o momento várias opções de sentir-se livre, é preciso ter moderação e cuidado:

Figura 18 - A vida é a melhor opção



Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2011, p. 159).

Sob o título “Embarque em hábitos saudáveis” é apresentado o seguinte texto:

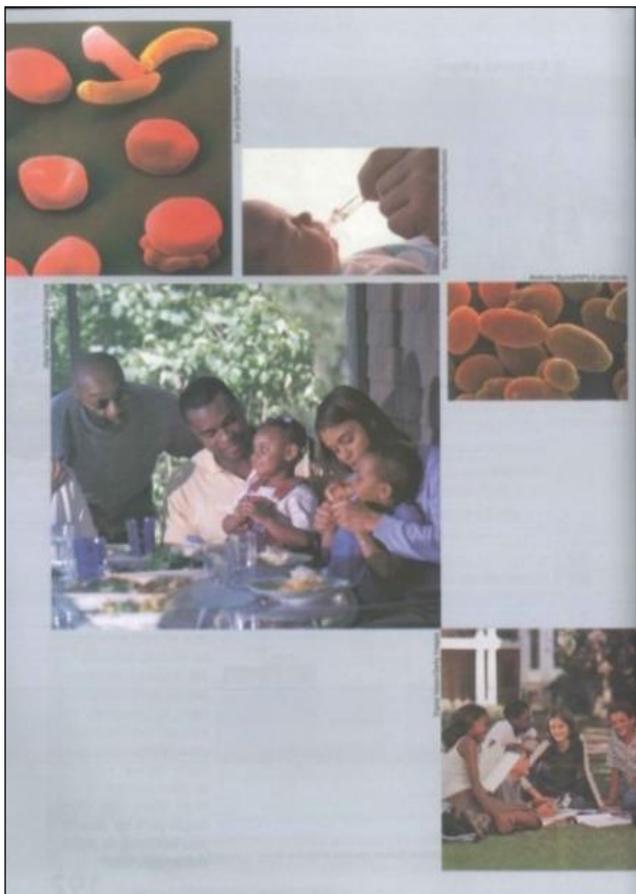
Ensaie com sua banda de *rock* em uma garagem apertada, pule com os amigos na *raves*, sambe ao som do samba, aprenda a tocar um instrumento, compre discos novos, ouça coisas antigas. Pense e dance. Música é a inspiração. Use a música.

E, no canto inferior esquerdo da página, aparece o texto: “Você sabia que, apesar de a lei brasileira permitir a venda e o uso do fumo e do álcool para maiores de 18 anos, esses produtos são drogas?”, adverte que a liberdade requer a obediência de normas e de regras, enfim, de limites, tal como nos adverte Rose,

A saúde entendida como um imperativo, para si mesmo e para os outros, para maximizar as forças e as potencialidades do corpo vivente, tornou-se um elementos decisivo nos regimes éticos contemporâneos (ROSE, 2013, p.41).

Imagens de famílias também são bastante utilizadas para ilustrar a abertura dos capítulos e unidades dos livros didáticos de Ciências. Nestas é reforçado o modelo de família heterossexual, padronizada, com papéis definidos entre homens/pais e mulheres/mães e em lugares que legitimam essa união, como no espaço do lar (casa, cozinha, sala), como revela a figura 19:

Figura 19 - Saúde e cidadania



Fonte: Ciências: atitudes e conhecimento. Figueiredo & Condeixa (2009, p.198).

Imagens desse tipo legitimam discursos relacionados a importância do indivíduo constituir uma família, estabelecer laços, procriar, além de transmitirem o sentimento de acolhimento e proteção, já que todos os personagens da figura 19 estão reunidos e sob os olhos voltados para as crianças nos braços do que representaria seus pais. Ao mesmo tempo, as outras imagens que compõem a página, juntamente a da família – central e maior que as demais - sugerem que devemos estar atentos aos cuidados com nosso corpo, a importância das vacinas, medicamentos e tratamentos preventivos, pois os vírus, as bactérias nos empreitam, cercam, aterrorizam, “corpo como obra de arte em perigo” (LE BRETON, 2003, p. 9), discursos biomédicos de atenção, controle e disciplinamento da vida. Nesta imagem destaca-se, ainda, o reforço ao modelo de família heterossexual, padronizada, com papéis definidos entre homens/pais e mulheres/mães e em lugares que legitimam essa união, como no espaço do lar (casa, cozinha, sala):

Tais ditos e imagens parecem representar a preocupação (pedagógica) com os efeitos que a instituição família tem para com a sociedade de um modo geral, pois se supõem que as famílias sejam responsáveis pela manutenção social, da ordem, da ética, etc. (CORRÊA, 2008, p.3).

Destaco ainda, no que se refere as imagens selecionadas para compor as páginas iniciais dos capítulos e ou unidades relacionados ao tema da AIDS, aquelas que representam corpos cujos órgãos, sistemas, células, são alvo de observação, manipulação e estudo (figura 20). Um corpo que precisa a todo o momento ser visível, tornar o dentro-fora alvo de técnicas de intervenção, modificação, exposto a aparelhos, raios, de

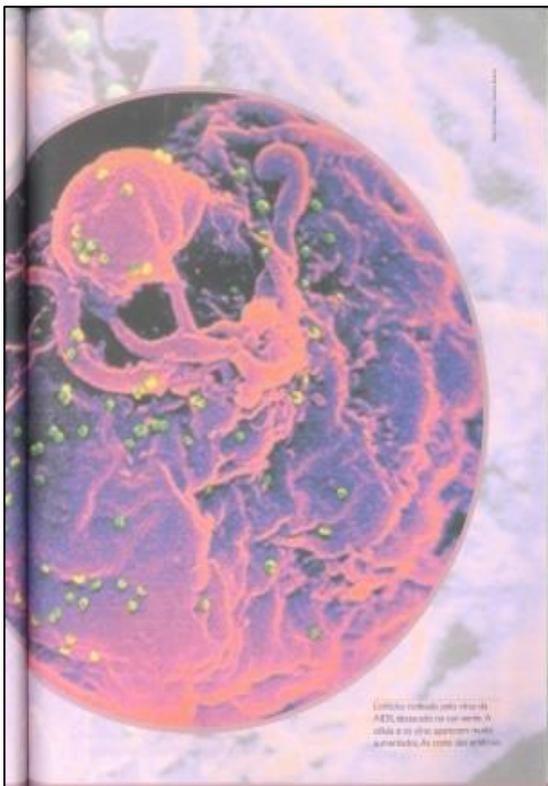
cuidados de especialistas, em nome da boa saúde ditada pelo discurso biomédico. O conhecimento interior do corpo, representando a necessidade do conhecimento de si cada vez mais eficaz, completo e transparente, tecnologias da imagem do corpo que “funcionam como uma antecipação da morte: vejo meu próprio cadáver em vida, obrigando-me a encarar a realidade de minha morte” (ORTEGA, 2008, p. 83). Um corpo onde seus órgãos, sistemas, células, são alvo de observação, manipulação, estudo. Um outro corpo, molecular, que já não nos pertence mais.

Figura 20 - A nutrição: transporte e circulação do sangue



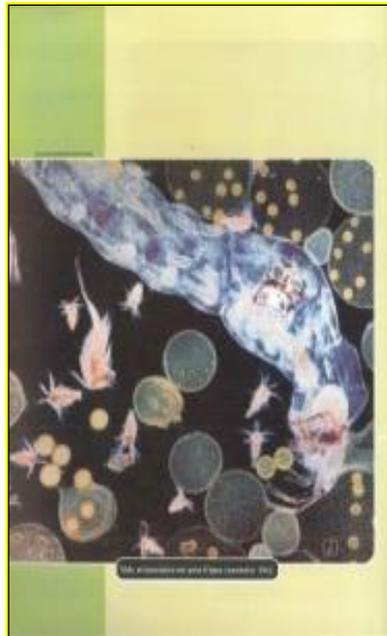
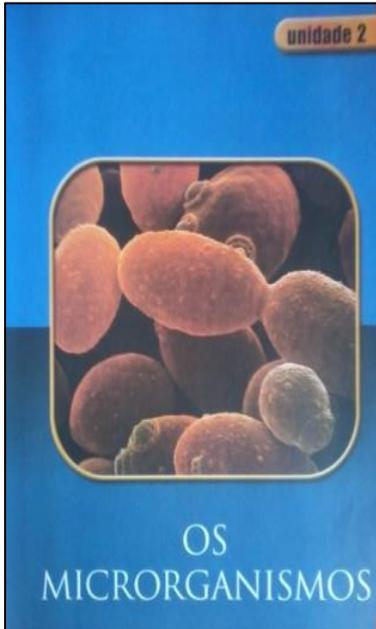
Fonte: Projeto Araribá. Cruz (2008, p.60).

Figura 21 - A luta pela saúde



Fonte: Ciências Naturais no dia-a-dia. Jenner (2005, p.103).

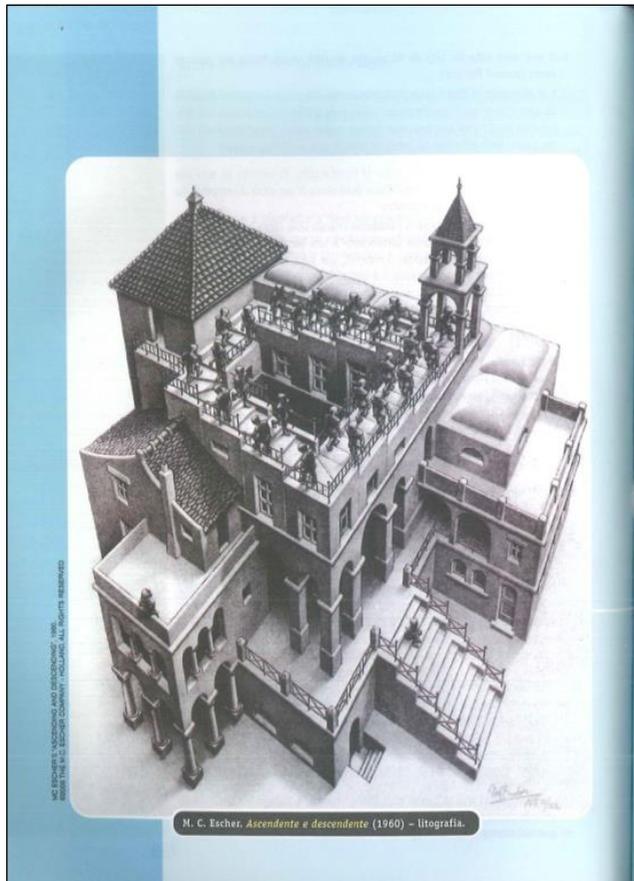
Figura 22 - Os microrganismos Figura 23 - Investigando a vida



Fonte: Gewandsznajder(2005, p.41). Fonte: Santana & Fonseca(2006, p. 90)

Por fim e por considerá-la altamente emblemática no que se refere ao discurso veiculado nos livros didáticos de Ciências analisados, selecionei a imagem utilizada para ilustrar o capítulo sobre os “Organismos e a percepção do ambiente”, do livro “Ciências Naturais”, de autoria de Santana & Fonseca, de 2008:

Figura 24 - Os organismos e a percepção do ambiente



Fonte: Ciências Naturais. Santana & Fonseca (2008, p. 159).

Trata-se da obra “Ascendente e Descendente”, datada de 1960, de autoria de Maurits Corneles Escher, artista holandês que se utilizou da litografia, no caso desta imagem, para representar construções em segundo plano, indefinidas, infinitas, planos bidimensionais, paradoxais, sem um sentido único, como define o próprio autor,

Os habitantes desses quartos vivendo parece ser monges, adeptos de uma seita desconhecida. Talvez é seu dever ritual de subir aquelas escadas por algumas horas a cada dia. Parece que quando eles ficam cansados de serem autorizados a voltar e descer em vez de para cima. No entanto, ambas as direções, embora não sem significado, são igualmente inúteis (Escher, O trabalho Gráfico, 2001. Tradução da própria autora).

A opção pela utilização desta imagem na unidade que trata da AIDS parece uma estratégia no sentido de representar as dúvidas ao longo do percurso, os encontros e desencontros, o estar sozinho sentado à escada, e não ter para onde fugir, haja vista que a escada termina no nada e a porta está atrás, observando o sujeito, a espreita, esperando por ser adentrada, percorrendo o mesmo caminho sem volta. As dúvidas, os questionamentos, são representados pelas perguntas que compõem o enunciado desta Unidade: “O que você vê na figura? Tem certeza? Por quê? Você sabe o que são hormônios?; Como eles atuam? (SANTANA & FONSECA, 2008, p.161)”. Mas em seguida, o sujeito da imagem é capturado, direcionado, pois o próprio texto do livro responde

as indagações feitas: “Discutiremos comportamentos, características, uso e abuso de drogas, gravidez e métodos contraceptivos, que o ajudarão a fazer escolhas conscientes e preservar a saúde e o bem-estar (SANTANA & FONSECA, 2008, p. 161)”. O mistério se desfaz, se enunciam práticas e métodos em nome dos padrões do comportamento saudável e dentro da normalidade esperada.

3.4 Modo como o histórico do HIV/AIDS é apresentado

As informações sobre o histórico da AIDS, ou seja, sobre como se deu o seu aparecimento, são veiculadas em 5 dos 16 livros analisados. O livro “Nosso corpo” de Gewandsznajder (2000, p. 223), descreve sobre o surgimento do vírus como:

O vírus que causa a AIDS, o HIV, foi identificado em 1983 em Paris por cientistas do Instituto Pasteur e antes dos anos 50 em algumas regiões isoladas da África em chipanzés que tiveram sua carne manipulada por humanos que foram infectados.

Esta mesma informação está presente na edição do livro “Ciências a vida na terra” de 2005 (GEWANDSZAJDER, 2005, p. 223). O livro “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p. 114), informa que a AIDS: “Surgiu no início da década de 1980, restrita a homossexuais masculinos e

usuários de drogas injetáveis”. No livro “Vivendo Ciências”, de Luz & Santos (2002, p.114), encontra-se a informação de que: “O vírus seria a evolução de um tipo de vírus encontrado em chimpanzés na África”. Já o livro “Ciências: atitudes e conhecimento”, de Figueiredo & Condeixa (2009, p. 220) cita: “Passou a infectar o ser humano a partir de 1970 na África.

Nota-se que as informações são poucas e até desconstruídas, não transmitindo confiabilidade acerca do conteúdo proposto, com informações já ultrapassadas e que podem concorrer para produzir preconceitos e estigmas sobre a AIDS, tal como a sua atribuição a um grupo de pessoas com certos comportamentos, como a “representação de determinadas características estigmatizadas, com marcas internas que sinalizam uma diferença, um desvio em sua identidade” (HENRICH, 2008, p. 40).

Ocultada na maioria dos livros analisados (11), as informações presentes nas 5 obras revelam o lado obscuro, duvidoso e até contraditório, relacionado ao surgimento da AIDS, o que pode provocar nos/as alunos/as desde sentimentos de indiferença ao de medo. As concepções veiculadas refletem as versões que ao longo do tempo foram sendo divulgadas pela comunidade científica. A mais divulgada e reconhecida refere-se ao primeiro texto oficial publicado no *Morbidity and Mortality Weekly Report*, boletim oficial de *Center of Disease Control* dos EUA acerca de informações de saúde pública. Neste texto é relatado que cinco jovens homossexuais do sexo masculino, moradores de Los Angeles, apresentavam uma infecção pulmonar restrita a este grupo de pessoas, o que foi chamada pelos profissionais da saúde da época de *Wrath of God Syndrome*, síndrome da ira de Deus. Ainda em 1981, foram divulgados casos semelhantes denominando a doença com pneumonia gay, câncer gay, síndrome gay. Em 1982 o

mesmo boletim publicou que a nova epidemia chamava-se *Acquired Immunodeficiency Syndrome* (AIDS), síndrome da deficiência imunológica adquirida (NASCIMENTO, 2005, p.82). Outra versão, também presente nos livros, é a de que o HIV presente nos chimpanzés do oeste-africano teria infectado homens em um determinado momento. Não há comprovação disso, já que não só o vírus proveniente da região desta espécie de macacos poderia “contaminar o homem como ao que parece teria sido transmitido, de maneira igualmente acidental, a macacos de criações americanas nos anos 70” (MONTAGNEIR, 1995, p.93).

Há também outras versões divulgadas cientificamente a respeito do surgimento do HIV/AIDS, mas que não foram encontradas nos livros, como, por exemplo, a de que a AIDS já havia infectado pessoas antes de 1980, mas como eram casos esporádicos e isolados não foram investigados pela comunidade científica. Há também a hipótese publicada em 1999 no livro *The River* de Edward Hooper, de que “o vírus teria pulado para o homem por meio de vacinas contra a pólio aplicadas em massa nos anos 50 na República Democrática do Congo”, Burundi e Ruanda (AXT, 2006, p.68) ou ainda a de que o vírus habitava o corpo humano há mais de 100 anos, pois foi encontrado em tecidos de um marinheiro em 1940 (SIEMONS, 2008).

No Brasil, nos anos 1980, foram veiculadas pela mídia versões relacionando a AIDS e a homossexualidade. O Jornal do Brasil, por exemplo, publicou em 03 de setembro de 1981 uma matéria sob o título “Câncer em homossexuais é pesquisado nos EUA”. Neste mesmo ano, o jornal O Globo também publicou uma manchete reforçando a relação da AIDS com os homossexuais masculinos e usuários de drogas, e a partir de então começam a ser divulgados os primeiros casos da

AIDS no Brasil, sempre vinculados a este grupo restrito (NASCIMENTO, 2005, p.86). Considerando-se o período de incubação e manifestação do vírus, estima-se que o vírus tenha surgido no país na década de 1970. Especificamente em Santa Catarina, o jornal Diário Catarinense publicou a matéria intitulada, “Morte vem após eliminação da capacidade imunológica”, em 02 de agosto de 1987, ano em que haviam registrados 16 casos de AIDS no estado (AMORIM, 2006, p.28).

Sontag (2007, p. 133) cita um trecho da obra de Thomas Browne, “Carta a um amigo, por ocasião da morte de seu amigo íntimo” de 1657 em que atribui um caráter romântico à tuberculose, e ilustra essa impossibilidade da exatidão do surgimento das doenças e, ao mesmo tempo, a necessidade incessante por uma explicação esclarecedora:

Julgam uns que nenhuma moléstia é nova, e outros que muitas antigas já não existem; e que as consideradas novas ainda terão seu tempo: entretanto, a misericórdia de Deus dispersou a grande variedade de doenças, em vez de despejá-las todas num único país: umas podem ser novas em um, sendo velhas em outros. Novas descobertas na terra acarretaram descobertas de novas doenças (...) e se Ásia, África e América contribuísem cada qual com seu rol, a boceta de Pandora certamente haveria de crescer, e teríamos uma singular patologia.

Esta é, sem dúvida, uma necessidade que ainda se perpetua em nossa sociedade, na busca de explicações, da causa, da origem, do que é tido fora da norma e, de certa forma, fora do controle esperados.

3.5 Definições legitimadas sobre AIDS

O livro didáticos “Nosso corpo” de Gewandsznajder (2000, p.223), descreve a AIDS como “sigla para uma expressão em inglês que significa Síndrome da Imunodeficiência Adquirida”, e ainda descreve que:

Síndrome²¹ refere-se ao é um conjunto de sintomas provocados por uma única causa. No caso da AIDS, a síndrome é o enfraquecimento do sistema imunológico da pessoa infectada. O termo imunodeficiência expressa que as pessoas com AIDS passam a ter um sistema imunológico deficiente, incapaz de defender o corpo contra as mais variadas infecções. E o termo adquirida, indica que essa deficiência imunológica é adquirida pelo ataque do vírus da AIDS.

Trata-se de um discurso que evidencia o peso do estigma que uma pessoa soropositiva “carrega”, como “pessoa infectada”, “deficiente”, “incapaz”. Já a publicação de 2005 de “Ciências a vida na terra”, deste mesmo autor, traz mais explicações sobre a atuação do vírus no organismo:

²¹ Segundo o Dicionário Aurélio da língua portuguesa, Síndrome (do grego *syndromé*) em medicina significa estado mórbido caracterizado por um conjunto de sinais e sintomas, e que poder ser produzido por mais de uma causa; o que não diminui o caráter maligno e obscuro dado atribuído à AIDS.

O vírus da AIDS destrói certas células do sistema imunológico, que é o sistema encarregado de defender o corpo contra organismos invasores. O resultado é que a pessoa fica sem defesas contra uma série de germes, incluindo alguns que não prejudicam as pessoas com sistema imunológico normal” (GEWANDSZNAJDER, 2005, p.70).

No livro “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p.114), o significado de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, é relacionado a “uma doença causada por um tipo de vírus chamado HIV”. De forma genérica, não aborda maiores detalhes sobre as significações dos termos e das formas de atuação do vírus HIV. Os livros “Vida e ambiente”, de Valle (2004, p. 53) e “Ciências Naturais”, de Santana & Fonseca (2006, p.164), apresentam apenas o significado como sendo, “a AIDS é uma sigla da expressão inglesa *Acquired Immunological Deficiency Syndrome*, que significa síndrome da imunodeficiência adquirida”.

Os termos utilizados, regra geral, camuflam diferentes significados, como o de que o vírus pode se esconder, escapar ao olhar, enganar, ser traiçoeiro, pois “não manifesta sinais de sua presença logo que se instala no organismo”, e, ao mesmo tempo, do perigo e risco do vírus nos cercar a todo instante, já que

(...) nem todas as pessoas infectadas pelo HIV manifestam os sintomas da AIDS. (...) Porém, mesmo sem sintomas, essas pessoas tornam-se transmissoras desse vírus (FIGUEIRA & CONDEIXA, 2009, p. 145)..

O risco, o perigo e o medo da morte são evidenciados na definição encontrada no livro “Ciências Naturais. Aprendendo com cotidiano” de Canto (2009, p.275; 2011, p.276),

As siglas AIDS e sida são usadas para a síndrome da imunodeficiência adquirida. Síndrome é o conjunto de sintomas de indica que a pessoa tem uma doença. Imunodeficiência é a diminuição da capacidade do corpo de reagir a doenças causadas por microrganismos, que normalmente seriam combatidas com mais facilidade pelo próprio corpo, como um simples resfriado. Essas doenças podem ser mortais para quem tem a AIDS. Adquirida significa que foi contraída ao longo da gestação ou vida, ou seja, não foi herdada dos pais geneticamente.

A utilização de discursos como a “diminuição da capacidade de reagir” e “podem ser mortais”, contribuem para a produção de sentimentos relacionados ao medo e ao perigo. A culpa por algum comportamento ou prática fora da norma, também estão representadas em frases do tipo: “Adquirida significa que foi contraída ao longo da gestação ou vida”, onde a pessoa que saiu desse padrão, considerada doente é apontada, nomeada, como no termo, “indica que a pessoa tem uma doença”. Como um perigo, uma ameaça, o/a doente e sua doença carregam a sentença final, “estar doente significa ser nocivo ou indesejável, ou socialmente desvalorizado (CANGUILHEM, 1990, p. 93). A diferenciação conceitual entre doença e síndrome presente nos livros didáticos, atrelando ambas à AIDS, também, pode causar alguns equívocos,

A noção da doença pode encerrar o debate científico entre os alunos. Ou seja, uma vez adquirido o vírus HIV nada se pode fazer. Já a noção de síndrome indica um contexto de sintomas e sua complexidade, que exige um conhecimento do que é e como ocorre a interação do organismo com o vírus HIV (FRASSON, 2006, p.110).

3.6 O vírus HIV e suas formas de transmissão

Apenas seis (06) dos 16 livros didáticos analisados, não apresentam significados para o termo AIDS e também não abordam informações sobre o vírus HIV, interessante é o fato destes serem os livros mais atuais: “Ciências Naturais” de Santana & Fonseca (2008), “Projeto Araribá” de Cruz (2008), “Ciências Naturais” de Fonseca (2008); “Ciências: atitudes e conhecimento” de Figueiredo & Condeixa (2009), “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano” de Canto (2009) e sob mesmo título de Canto (2011), deixando os/as alunos/as sem informações sobre o vírus e a sua diferenciação com a AIDS.

O vírus, ao mesmo tempo em que têm sua invisibilidade por estar dentro do corpo, torna-se visível, seja pelos seus sintomas característicos, movimentos e fluxos, seja pela tentativa de identificá-lo, capturá-lo. Assim, apesar de causar a morte ele têm vida²². Objeto de medo e ao mesmo tempo

²² Em 03/10/2015, o especialista Walther Mothes postou um vídeo no canal *YouTube* no qual mostra o vírus causador da AIDS se mexendo em um corpo vivo, que nesse caso era o de um rato anestesiado. Na descrição do

interesse, desejo, aproximado, penetrado, perfurado, cortado em diferentes ângulos, formas, revela-se nos livros didáticos de forma múltipla, difusa, vírus-força.

Os 6 livros optaram por incluir a apenas a imagem do vírus. Quanto mais atual é a edição mais o vírus é apresentado em tamanho maior, com mais cores, profundidade, chamando a atenção na página, evidenciando suas diferentes possibilidades, mistérios, roupagens, transformações, mutações, como pode ser evidenciado nas imagens a seguir:

vídeo, o cientista explica sobre o alastramento do vírus pelo corpo. O estudo, que foi realizado por pesquisadores da Universidade de Yale (Estados Unidos), busca detectar a forma pela qual o HIV se movimenta e sugere que possíveis alvos moleculares podem reduzir ou aumentar a presença do vírus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cHlcZRB7EK8>.

Figura 25 - Representação do vírus HIV Figura 26 – Vírus HIV



Fonte: Nosso Corpo. Gewandznajder (2000, p. 223).



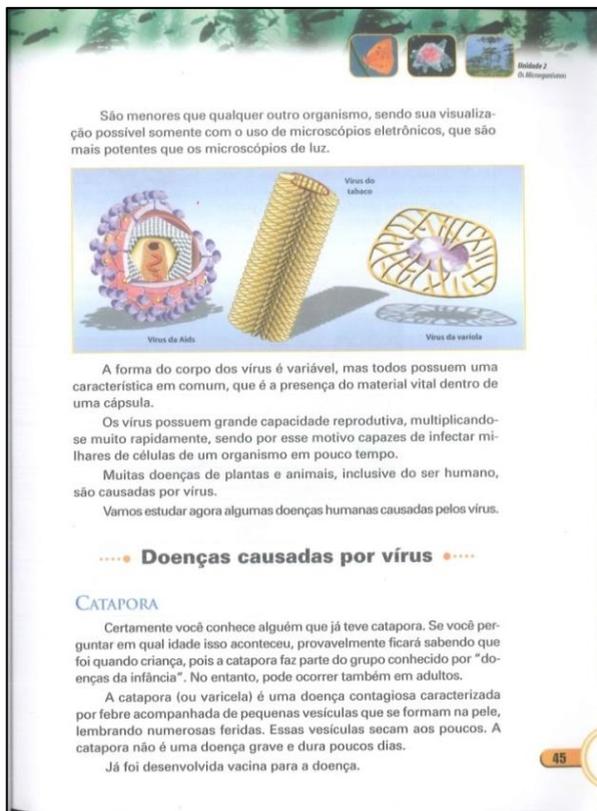
Fonte: Ciências Naturais. Jenner (2005, p. 114).

Percebe-se em ambas as figuras, representações do vírus HIV parecidas quanto ao desenho e estrutura física. As cores internas e externas se modificam, mas ainda prevalece os tons fortes, destacando-se nas páginas. As formas difusas e variadas como círculos, linhas, cones que representam o vírus, evidenciam seu diferencial com relação aos demais vírus comuns, sendo mais complexo, misterioso e perigoso.

Na figura 27, o vírus da AIDS novamente ganha destaque com relação aos outros ilustrados na página. Além do colorido, são evidenciadas suas diferentes texturas e ângulos, com a borda repleta de pequenos furos em cor lilás e no centro uma outra figura multicolor. Um vírus que apesar se fatal,

parece desejar atrair o olhar por sua complexidade e ao mesmo tempo pela sua beleza, destacando-se dos demais, como pode-se observar na figura 27.:

Figura 27 - Vírus da AIDS



Fonte: Vida e ambiente. Valle (2004, p.45).

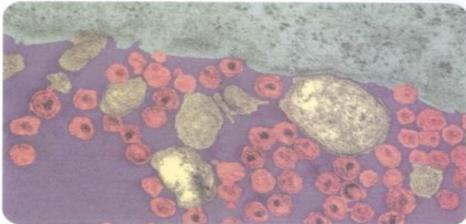
Na figura 28 o vírus é ilustrado através de uma ampliação em fotomicrografia, ou seja, cada vez mais são utilizadas técnicas científicas para ilustrá-lo, tentando

desvendá-los e ao mesmo tempo manipulá-los em busca da perfeição desejada.

Figura 28 - A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

Capítulo 1 - A Manutenção do Estado de Saúde

A SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA



Fotomicrografia eletrônica onde se vêem, muito aumentados e coloridos artificialmente, os vírus da AIDS (em vermelho).

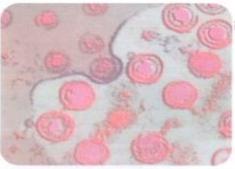
A propagação das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) está aumentando de maneira nunca vista. Tal fato, que está acontecendo até mesmo nos países desenvolvidos, está diretamente relacionado com as modificações dos costumes sexuais e com a inexistência de programas adequados de educação para a saúde.

Pensando sobre o assunto

Reunido com seu grupo, responda as questões abaixo:

1. A AIDS é a doença sexualmente transmissível mais freqüente no mundo?
2. Como podemos evitar as DSTs?
3. Como podemos evitar a AIDS?
4. Como é feito o diagnóstico da AIDS?
5. É possível identificar, pela aparência, a presença da infecção pelo vírus da AIDS?

Entre os agentes causadores das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), citam-se os vírus.



Os vírus, que aparecem na fotografia muito aumentados e coloridos artificialmente de cor-de-rosa, na verdade são tão pequenos que só podem ser vistos através do microscópio eletrônico.

Os vírus estão entre os menores agentes infecciosos que existem. Só se reproduzem no interior de células vivas, porque não têm metabolismo próprio. São, portanto, parasitas intracelulares obrigatórios. Muitos desses minúsculos seres causam doenças em plantas, nos humanos e em outros animais.

113

Fonte: Ciências Naturais no dia-a-dia. Jenner (2005, p.113).

Na figura 29, a ilustração da imagem aumentada do vírus em microscópio demonstra a possibilidade da sua observação, estudo e, ao mesmo tempo, de seus movimentos, formas, cores, de modo que o/a aluno/a perceba o quanto ele é “vivo” e “poderoso”.

Figura 29 - Representação do vírus da AIDS

7. Aids

As síndes *aids* e *sida* são usadas para a **síndrome da imunodeficiência adquirida**. **Síndrome** é o conjunto de sintomas que indica que a pessoa tem uma doença. **Imunodeficiência** é a diminuição da capacidade do corpo de reagir a doenças causadas por microorganismos, que normalmente seriam combatidos com facilidade pelo próprio corpo (por exemplo, um simples resfriado). Essas doenças podem ser mortais para quem tem *aids*. **Adquirida** significa que foi contraída ao longo da gestação ou da vida, ou seja, não foi herdada dos pais geneticamente.

A aids é causada por vírus

A *aids* é causada pelo vírus da imunodeficiência humana, o HIV (de *human immunodeficiency virus*).

Algum tempo após a contaminação, um exame clínico da parte líquida do sangue pode revelar a presença de substâncias produzidas pelo organismo humano em resposta ao HIV. Dizemos que um indivíduo é **soropositivo** quando é detectada a presença de tais substâncias em seu sangue.

Ser soropositivo não é o mesmo que ter *aids*. Uma pessoa soropositiva pode levar vários anos até manifestar a *aids*. Mesmo antes de a síndrome aparecer, o soropositivo pode transmitir o vírus para outras pessoas.

Considera-se que o soropositivo passa a ter *aids* a partir do momento em que o sistema de defesa de seu organismo, enfraquecido pelo HIV, não consegue mais se recuperar de doenças normalmente tratáveis e curáveis.

Prevenção da aids

Não se pega o HIV convivendo com pessoas portadoras do vírus ou que já apresentam *aids*. A transmissão ocorre no contato com sangue, sêmen ou fluido vaginal. O leite materno de mulheres soropositivas também transmite o HIV.

Um comportamento de risco é compartilhar seringas e agulhas, o que às vezes acontece com quem usa drogas e tem contato com o sangue de outras pessoas, o que favorece a contaminação com o HIV. Ao tomar injeções, devemos nos certificar de que a seringa seja descartável e **exigir** sempre que a embalagem seja aberta na nossa frente.

Da mesma forma que algumas DST, o HIV pode ser transmitido da mãe gestante para o filho, na gravidez ou durante o parto. Nem todos os filhos de mães portadoras de HIV nascem com o vírus, e já existem procedimentos médicos que reduzem bastante o risco de contágio, ainda que não o eliminem totalmente.

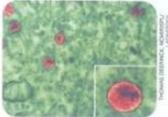
Até o momento não há notícia da cura definitiva para a *aids*, mas medicamentos recentes têm possibilitado reduzir os sintomas e retardar o progresso da infecção, aumentando a qualidade e a expectativa de vida de quem apresenta a síndrome.

O uso de preservativos é o único modo de se **proteger** do HIV em uma relação sexual.

Use a internet

Quer saber mais sobre *aids* e outras DST?

Visite o portal <http://www.aids.gov.br>, do Ministério da Saúde, e clique em "Aprenda sobre as DST" ou "Aprenda sobre HIV e aids" (acesso: abr. 2009).



Alguns vírus HIV (em laranja) dentro de uma célula T auxiliar (em verde), glóbulo branco especializado em ativar o sistema de defesa do organismo humano contra doenças infecciosas. Esse sistema é debilitado pela ação do HIV. Ampliação aproximada de 33 mil vezes, ao microscópio eletrônico, com corante artificial. O HIV no destaque está ampliado cerca de 120 mil vezes.

Use a internet

Em 2007, o UNAIDS (Programa das Nações Unidas para AIDS/HIV), estimou que 33,2 milhões de pessoas estavam infectadas com HIV em todo o mundo. Nesse mesmo ano, 2,1 milhões de mortes foram decorrentes da *aids* e ocorreram 2,5 milhões de novas infecções pelo HIV. Assim, a cada dia de 2007, cerca de 6.800 pessoas foram infectadas pelo HIV e 5.700 pessoas morreram em decorrência da *aids*.

Você pode saber mais sobre a situação da *aids* no mundo na seguinte página da ONU: http://www.onu-brasil.org.br/agencias_unaids.php (acesso: abr. 2009).

Capítulo 18 275

Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2011, p.275).

As formas de transmissão do vírus, por sua vez, aparecem de forma variada e por vezes contraditória, gerando dúvidas quanto alguns aspectos importantes para a informação de seus/suas leitores/as, como no quadro abaixo:

Quadro 5 - Formas de transmissão do HIV/AIDS (Continua)

AUTOR/ANO/PÁGINA	TRANSMISSÃO
Gewandsznajder,2000, p.223	Relação sexual sem camisinha; uso de drogas injetáveis com seringas e agulhas compartilhadas por pessoas com vírus; transfusão por sangue contaminado; de mãe para filho durante a gravidez, parto ou amamentação.
Luz & Santos, 2002,	Nada consta.
Jenner, 2005, p.117	Sexo não seguro, o HIV penetra através de pequenas lesões das mucosas da vagina, do pênis, da

Quadro 5 - Formas de transmissão do HIV/AIDS (Continua)

AUTOR/ANO/PÁGINA	TRANSMISSÃO
	boca; uso de agulhas e seringas contaminadas pelo HIV; transfusões sanguíneas não testadas; o beijo na boca entre um portador do HIV e uma pessoa não portadora pode trazer risco de transmissão, caso haja algum ferimento na boca do portador; as mães portadoras também podem transmitir o vírus através da placenta e do leite.
Gewandsznajder,2005, p.71	Relação sexual sem camisinha; uso de drogas injetáveis com seringas e agulhas compartilhadas por pessoas com vírus; transfusão por sangue contaminado; de mãe para filho durante a gravidez, parto ou amamentação; sexo anal e sexo oral; beijo de língua pode transmitir o vírus se os dois tiverem lesões na boca; objetos cortantes contaminados.
Valle, 2005,p. 53	Transfusão de sangue contaminado pelo vírus HIV; relações sexuais com portadores do HIV; uso de agulhas ou materiais cirúrgicos contaminados

Quadro 5 - Formas de transmissão do HIV/AIDS (Continua)

AUTOR/ANO/PÁGINA	TRANSMISSÃO
	pelo vírus HIV; de mãe portadora do vírus para o filho, via placenta ou leite materno.
Santana & Fonseca, 2006, p.164	Por via sexual; pelo sangue, esperma, muco vaginal e no leite materno contaminados, transfusões de sangue e uso de objetos contaminados.
Cruz, 2008	Nada consta
Costa, 2008, p.80	Contato sexual com pessoa portadora do vírus HIV; transfusão de sangue ou transplante de órgão contaminado pelo HIV; uso de seringa ou outro material cirúrgico ou cortante não esterilizado e contaminado; de mãe para o filho, durante gravidez ou amamentação.
Figueira & Condeixa, 2009, p.144	Apenas por via sexual, mas também por contato sanguíneo em transfusões de sangue, seringas compartilhadas ou pela placenta.
Figueira & Condeixa, 2009, p. 220	Por contágio direto: pelo sêmen do homem, pelas secreções sexuais femininas e pelo sangue contaminado que entra no corpo são.
Canto, 2009, p.275	Contato com o sangue, sêmen ou fluido vaginal. O leite materno de mulheres soropositivas também transmite o HIV e na gravidez.

Quadro 5 - Formas de transmissão do HIV/AIDS (Conclusão)

AUTOR/ANO/PÁGINA	TRANSMISSÃO
Canto, 2011, p.275	Contato com o sangue, sêmen ou fluido vaginal. O leite materno de mulheres soropositivas também transmite o HIV e na gravidez; uso de seringas contaminadas pelo vírus.
Canto, 2011, p.211	Contato com o sangue, sêmen ou fluido vaginal. O leite materno de mulheres soropositivas também transmite o HIV.

Fonte: Elaboração da própria autora, a partir dos dados presentes nos livros didáticos analisados.

Tal como são apresentadas, as formas de transmissão podem gerar dúvidas, como por exemplo, a afirmação de que o “beijo de língua pode transmitir o vírus se os dois tiverem lesões na boca”, veiculada no livro “Ciências a vida na terra”, de Gewandsznajder (2005, p.71). A partir desse tipo de afirmação, pode-se depreender que só haverá contaminação se ambos os parceiros tiverem lesões na boca. A transmissão por via sexual é apresentada através de diferentes termos: “Relação sexual sem camisinha”, em “Nosso corpo” e “Ciências a vida na terra”, de Gewandsznajder (2000, p.223/2005, p.71); “Sexo não seguro”, em “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p.117); “Relações sexuais com portadores do HIV”, em “Ser humano e saúde”, de Valle (2005, p. 53); “Contato sexual com pessoa portadora do vírus” em “Coleção Ciências e interação”, de Costa (2008, p.80); “Apenas por via sexual”, em “Ciências: atitudes e conhecimento”, em Figueira & Condeixa (2009, p.144). Não há preocupação com explicações mais

detalhadas, completas, sendo utilizadas expressões vagas como “por via sexual”, “contato sexual”, “sexo não seguro”.

A informação direta quanto ao tipo de relação sexual, se oral, anal ou vaginal aparece apenas no livro “Ciências a vida na terra”, de Gewandsznajder (2005, p.71). Outros livros didáticos trazem essa informação de forma mais imprecisa e generalizada, como nos livros: “Ciências Naturais”, de Santana & Fonseca (2006, p.164): “pelo sangue, esperma, muco vaginal”; “Ciências: atitudes e conhecimento”, de Figueira & Condeixa (2009, p. 220), “pelo sêmen do homem, pelas secreções sexuais femininas” e nos livros de Canto “Ciências Naturais. “Aprendendo com o cotidiano” (2009, p. 275; 2011, p. 275; 2011, p.211), “Contato com o sangue, sêmen ou fluido vaginal”.

A transfusão por sangue contaminado também é abordada de forma incompleta. Em “Nosso corpo”, de Gewandsznajder (2000, p.223) encontramos apenas a frase, “transfusão de sangue contaminado”; “transfusão de sangue contaminado pelo vírus HIV” em “Ser humano e saúde”, de Valle (2005, p. 53); “ transfusões de sangue” em “ Ciências Naturais”, de Santana & Fonseca (2006, p.164); “transfusão do sangue contaminado pelo HIV” em “Coleção Ciências e interação”, de Costa (2008, p.80); “por contato sanguíneo em transfusões de sangue”, em “Ciências: atitudes e conhecimento”, de Figueira & Condeixa (2009, p.144).

Regra geral, os livros analisados omitem a informação de que o sangue doado deve ser sempre testado e analisado

pelo órgão de saúde competente²³. Apenas no livro “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p. 117) consta que a transmissão ocorre em “transfusões sanguíneas não testadas”. A ausência desse tipo de informação nos livros pode ter contribuído para a diminuição de doadores de sangue ao longo dos anos em todo país. O termo “contaminado”, também é recorrente nas páginas dedicadas ao HIV e a AIDS nos livros, como pode ser observado no quadro 6, remetendo a ideia de que algo ou alguém deva ser alvo de cuidados para não ser tocado, encostado, ou seja, mantido à uma distância segura.

Outra informação apresentada pelos livros didáticos, conforme o quadro já citado, é a da transmissão de mãe para filho, na gravidez ou pelo leite materno. A esse respeito, apenas os livros de Canto “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano” (2009, p. 275; 2011, p.211), informam que,

Nem todos os filhos de mães portadoras de HIV nascem com o vírus, e já existem procedimentos médicos que reduzem bastante o risco de contágio, ainda que não o eliminem totalmente.

²³ Conforme a Lei nº 10.205, de 21 de março de 2001 (Brasil), que regulamenta o § 4º do art. 199 da Constituição, relativo à coleta, processamento, estocagem, distribuição e aplicação do sangue, seus componentes e derivados e estabelece o ordenamento institucional indispensável à execução adequada dessas atividades.

Informação importante, mas divulgada em apenas dois livros didáticos de um universo de 16, sendo que, segundo dados do Ministério da Saúde, desde 2007 houve redução de 44,4% nesse tipo de transmissão do vírus, e o risco de mulheres soropositivas transmitirem a doença para o bebê durante a gestação atualmente é mínimo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011).

A respeito das medidas preventivas que possam inibir essas formas de transmissão, o livro “Vivendo Ciências”, de Luz & Santos (2002, p. 104) apresenta como medida, “usar camisinha para o sexo com penetração”; o livro “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p. 118), adverte que “... a principal medida preventiva para a AIDS todo mundo já sabe: o uso de preservativo de borracha, isto é, a camisinha. E não compartilhar seringas e agulhas. “Ser Humano e saúde”, de Valle (2005, p. 53), apresenta como medidas que devem ser tomadas para não contrair a AIDS, “... usar agulhas descartáveis e material cirúrgico esterilizado; usar camisinha em relações sexuais; evitar a gravidez e amamentação, caso a mulher seja portadora da doença. “Ciências a vida na terra” de Gewandsznajder (2005, p. 72), informa que, “para evitar a AIDS, deve-se usar camisinha nas relações sexuais, não compartilhar seringas e agulhas”. “Ciências Naturais” de Santana & Fonseca (2006, p. 164), apregoa que “... a única maneira de evitar a AIDS é a prevenção. A camisinha é o único método que previne contra AIDS e doenças sexualmente transmissíveis”. Em “Projeto Araribá”, de Cruz (2008) não há nenhuma informação sobre as formas de prevenção da AIDS e “ Coleção Ciências e interação”, de Costa (2008, p. 81), traz como medidas preventivas:

Implantar controles rígidos em bancos de sangue, de leite materno e de órgãos, para que

não sejam disponibilizados materiais contaminados pelo HIV; Usar apenas seringas descartáveis e materiais cirúrgicos esterilizados; Conscientizar as mulheres grávidas portadoras dos riscos da contaminação ao filho durante a gravidez; Usar preservativo nas relações sexuais; Evitar contato direto com o sangue de outras pessoas, sem o uso de luvas descartáveis.

Em “Ciências Naturais”, de Santana & Fonseca (2006, p. 144), consta que “como qualquer doença, o melhor é a prevenção. O uso da camisinha combinado com espermicida vaginal é a melhor forma de se prevenir com a AIDS”, uma informação equivocada, por dois motivos: em primeiro lugar, porque a camisinha já vem com a quantidade de espermicida necessária para evitar a contaminação do HIV e das doenças sexualmente transmissíveis e, em segundo, porque, tal como adverte o Ministério da Saúde,

Na prática de sexo anal não deve ser usada camisinha com espermicida, mas sim com gel lubrificante comum. O espermicida pode ocasionar lesões na mucosa anal e isso serve como porta de entrada para o HIV (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, sd.).

Conclui-se que quanto mais atual é o livro didático, menos informações ou informações limitadas/incompletas são apresentadas aos alunos/as no que se refere as formas de transmissão do HIV, o que certamente contribui para a desinformação e para o fortalecimento de preconceitos e estigmas sobre esta questão. Não podemos esquecer que o número de jovens contaminados pelo HIV vem aumentando

assustadoramente em todo o mundo nos últimos anos. Segundo dados divulgados em 2015 pela UNICEF, a cada uma hora um jovem é infectado pelo vírus no mundo. Nesse sentido, o livro didático de Ciências pode ser de grande ajuda, desde que traga informações atuais e despidas de preconceitos e estereótipos.

3.7 Discursos sobre os sintomas da AIDS- corpos em agonia

Quanto aos sintomas aparentes ou não do HIV/AIDS e o tempo de incubação do vírus antes da apresentação dos sintomas, os livros didáticos analisados trazem informações variadas. O livro “Nosso corpo” de Gewandsznajder (2000, p.223), descreve que:

Muitas pessoas não apresentam sintomas nas fases iniciais da infecção. Outras têm inchações nos linfonodos (no pescoço, na axila e virilha), febre, dor de garganta e outros sintomas e que algumas semanas ou meses depois da infecção, a pessoa geralmente se sente bem de novo. Mas que o vírus continua a se reproduzir no corpo e a pessoa pode ficar um tempo variável, 2 a 15 anos, sem sintomas.

As fases da AIDS não são mencionadas²⁴, os sintomas são relacionados a questões visíveis no corpo, um corpo que

²⁴ E é na primeira fase, chamada de infecção aguda, que ocorre a incubação do HIV - tempo da exposição ao vírus até o surgimento dos primeiros sinais da doença. A próxima fase é marcada pela forte interação entre as células de defesa e as constantes e rápidas mutações do vírus. Esse período, que pode

“carrega” um vírus perverso e traiçoeiro, já que, “algumas semanas ou meses depois da infecção, a pessoa geralmente se sente bem de novo. Mas o vírus continua a se reproduzir no corpo”. O autor ainda adverte no mesmo livro que,

Chega um momento em que o número de linfócitos no sangue diminui, surgem os sintomas da AIDS, infecções variadas, perda de peso, problemas do sistema nervoso e casos raros de câncer. Os chamados micróbios oportunistas que acabam provocando a morte da pessoa com AIDS (GEWANDSZNAJDER, 2000, p.223).

É evidenciada a fragilidade e impotência do corpo e da saúde das pessoas com AIDS, provocadas por doenças tidas comuns ou “oportunistas”. O livro didático “Vivendo Ciências” de Luz & Santos (2002, p.104), apresenta uma lista dos sintomas:

Erupções na pele, febre, fadiga, perda de apetite, suores abundantes, perda de peso, diarreia, tosse seca, lesões na pele. Além da facilidade para pegar infecções, dificuldade para curar-se de qualquer infecção.

durar muitos anos, é chamado de assintomático. A fase sintomática inicial é caracterizada pela alta redução dos linfócitos T CD4 - glóbulos brancos do sistema imunológico. A baixa imunidade permite o aparecimento de doenças oportunistas, que recebem esse nome por se aproveitarem da fraqueza do organismo.

Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/sintomas-e-fases-da-aids.> .

Trata-se de um corpo que precisará de cuidados e de atenção constantes, pois sua vulnerabilidade poderá ser percebida pelos seus sintomas físicos, o que traz subjacente a ideia do medo social do isolamento e confinamento das pessoas com AIDS,

O sentimento de medo também se dá devido à preocupação com a confidencialidade e o receio de ficar totalmente dependente de outras pessoas, já que as doenças oportunistas podem resultar em incapacidade física ou mental. Há de considerar ainda que o portador do HIV/AIDS também convive com as chamadas mortes sociais, representadas pela discriminação, preconceito e isolamento do convívio familiar e/ou social, resultantes do forte estigma que ainda persiste na maioria das sociedades. (SANTOS & PAIVA, 2007, p. 10).

O livro “Ciências Naturais” de Santana & Fonseca (2006, p. 200), apresenta como sintomas: “Como a defesa do organismo fica comprometida, quando a doença se manifesta, o doente contrai facilmente infecções variadas. Emagrecimento. Manchas na pele”. E o livro “Ser humano e saúde” de Valle (2005, p. 53), destaca os seguintes sintomas:

Uma pessoa com o vírus do HIV contrai infecções com muito mais facilidade e seu organismo não consegue se defender adequadamente, pois suas defesas estão enfraquecidas. Assim, a pessoa pode vir a morrer em decorrência até mesmo de infecções relativamente simples.

Um corpo, portanto, que parece lutar em vão, “sem defesas”, contra um vírus vivo e violento, já entregue à morte. O livro “Ciências a vida na terra”, de Gewandsznajder (2005, p.70), traz a seguinte informação sobre o tempo de incubação do vírus:

Desde o momento em que a pessoa é contaminada pelo vírus até o aparecimento dos primeiros sintomas, pode levar até mais de dez anos. No entanto, é importante saber que a pessoa contaminada, mesmo não apresentando sintomas, pode transmitir o vírus.

Assim, além do cuidado com vírus, é sugerido que as demais pessoas devam se afastar de quem o possui, pois quem o carrega, como enfatiza o livro, é a “pessoa contaminada”, como meio de contaminação e transmissão, oferecendo risco aos demais. No mesmo livro é ainda advertido que:

A pessoa com AIDS está sujeita uma série de infecções, como pneumonia, toxoplasmose, micoses, tuberculoses, etc. Surgem também certos tipos raros de câncer, como sarcoma de Kaposi, que provoca lesões na pele, intestino e estômago. Finalmente, podem se manifestar problemas no sistema nervoso, perda de memória e coordenação dos movimentos (GEWANDSZNAJDER, 2005, p.71).

O livro “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p.115), sugere que o tempo de incubação do vírus, “geralmente leva anos” e que,

(...) quando a AIDS se manifesta, os principais sintomas são: diarreias frequentes, aumento dos gânglios linfáticos, grande perda de peso, falta de ar, febre persistente com calafrios e suores, lesões na boca, câncer, pneumonia.

A “fase mais avançada da AIDS”, é detalhada apresentando sintomas como: “apatia, retardo psicomotor, incapacidade de concentração, de articular palavras, alterações no comportamento” (JENNER, 2005, p. 116). Mais uma vez o foco é o indivíduo, “a pessoa contaminada”, alvo de cuidados e isolamento, sendo que no fim “não lhe resta mais nada, apenas seu corpo apresenta sua invalidez visível à sociedade, uma “morte civil e social” (SONTAG, 2007). Social por não pertencer a essa sociedade, como cidadão e civil, “no sentido de cercear as possibilidades da vida civil do portador do HIV” (SEFFNER, 1995, p.11), e, além disso, a vida sexual, o desejo, o prazer, também lhe são retirados, como apresentado no livro “Vivendo Ciências”, de Luz & Santos (2002, p. 104), “quem tem sintomas de alguma da AIDS ou está em tratamento pelo vírus HIV não deve manter relações sexuais”.

O livro “Coleção Ciências e interação”, de Costa (2008, p. 80), por outro lado, não precisa o tempo de manifestação dos sintomas, afirmando que “nem todas as pessoas infectadas pelo HIV manifestam os sintomas da AIDS imediatamente, porém mesmo sem sintomas, essas pessoas tornam-se transmissoras do vírus”. Nomeando e identificando, portanto, as “pessoas transmissoras” como alvo de risco às demais. Apresenta ainda como sintomas:

(...) cansaço, febre, surgimento de pontos vermelhos na pele e fortes dores de cabeça, e em estágios mais avançados, doenças

oportunistas que acabam levando o indivíduo à morte.

Um longo e penoso caminho sem volta, que levará o indivíduo até a morte. O livro “Ciências: atitudes e conhecimento”, de Figueiredo & Condeixa (2009, p.144) informa que:

No início podem ocorrer ínguas, febre, mal-estar, confundindo-se com os sintomas da gripe. Depois podem desaparecer por vários anos. Quando voltam, aparece febre, suor, emagrecimento e diarreia, podem surgir outras infecções e câncer.

Um vírus que pode se escamotear, enganar, “confundindo-se com os sintomas da gripe” e que “depois podem desaparecer por vários anos”. Os demais 8 livros não apresentam informações quanto ao tempo de incubação do vírus ou dos sintomas fases da AIDS.

É interessante perceber como a maioria dos sintomas são relacionados a questões visíveis ao corpo, como inchaços, caroços, lesões na pele e na boca, emagrecimento ou suor, na tentativa de materializar no corpo o estigma AIDS. A estética da doença se revela diante do olhar público, o corpo não lhe pertence, é consumido pela doença e pelos seus estigmas. A culpa pelo não cuidado socialmente adequado com o corpo, seja pelo uso de drogas ou por relações sexuais, denuncia e castiga o/a “portador/a” do HIV. A preocupação e o medo para com os sintomas da doença sobre o corpo são os fardos a se carregar, “mostrar a pele é uma maneira de sugerir o desarranjo

do sistema imunológico no interior do corpo” (CORBIN & VIGARELLO, 2009, p.34).

A imagem da “morte anunciada²⁵” requer a vigilância com a aparência, já que daria indício dos sintomas inscritos no corpo do sujeito “portador” do HIV/AIDS, amedrontado pelos seus “sinais corporificados” (GOFFMAN, 1982, p. 70). Entre a vida e a morte, o seu emagrecimento é um dos sinais denunciadores da doença, representado visualmente, como um corpo que vai definhando, “o emagrecimento é visto como sinal de má saúde e indica dificuldade em se recuperar de alguma infecção oportunista” (SEFFNER, 1995, p. 400). Exemplo disso, foi a grande repercussão que teve no país a capa da Revista Veja, de 26 de abril de 1999, e posteriormente, o filme “Cazuza”, de 2004, que o retrataram com o corpo altamente fragilizado pela doença, o uso de drogas e uma “vida desregrada”. Segundo BASTOS & GONZÁLEZ (1996, p. 185).

É sob a pele que se voltam os olhares, a epiderme que denuncia a cara da morte, alvo de “arranhões, agulhas e perfurações, é à flor

²⁵ Morte anunciada designa o processo vivido pelo indivíduo a partir do anúncio da soropositividade, que pode transcorrer de forma encoberta -unicamente o sujeito sabe que é portador -, ou de forma pública, quando então estaremos diante da possibilidade de emergência da morte civil. A emergência da morte civil -redução progressiva dos direitos e possibilidades de cidadania do indivíduo -, não elimina os efeitos da morte anunciada. Situações de morte civil e morte anunciada são vivenciadas por inúmeros outros indivíduos na sociedade brasileira, independente de serem portadores do vírus da AIDS ou não, sendo de considerar que existem situações de morte anunciada e morte civil bastante anteriores àquelas provocadas pela AIDS, e com forte repercussão social, como as derivadas da fome, do analfabetismo, da miséria e da mortalidade infantil (SEFFNER, 1995 a, p.156).

da pele que se localizam as marcas mais visíveis desse confronto entre o domesticado e imprevisível.

Figura 30 - Cazuzu. Uma vítima da AIDS agoniza em praça pública



Fonte: Capa da Revista Veja, 26/04/1999.

Regra geral, os livros didáticos analisados reforçam que é preciso nomear, identificar não só os sinais, sintomas, mas quem os porta e, para isso, apresentam os termos científicos atribuídos às pessoas com HIV/AIDS. A busca por essa identificação, seja ela no âmbito da saúde ou social, está presente nos termos utilizados pelo livro “Nosso corpo”, de

Gewandsznajder (2000, p.224), onde encontramos a seguinte informação, “É possível identificar uma pessoa portadora do HIV, ou seja, uma pessoa HIV-positiva, por meio de testes de sangue”. O termo portador é explicado no livro “Ciências Naturais do dia-a-dia” de Jenner (2005, p.115) da seguinte forma:

Durante o período em que a pessoa carrega o vírus, mas não manifesta seus sintomas é portador²⁶.O portador não apresenta sinais físicos da infecção; muitos nem imaginam que estão contaminados.

O livro “Coleção Ciências e interação”, de Costa (2008, p. 80) apresenta o termo portador da seguinte forma: “Quanto antes a pessoa souber que é portador do HIV, mais cedo pode iniciar o tratamento e aumento o tempo de sobrevivência”. E no livro “Ciências: atitudes e conhecimento”, de Figueiredo & Condeixa (2009, p. 220); “O portador perde a resistência a defesa contra qualquer outra doença”. O “portador”, portanto,

²⁶ Para esclarecimento, a pessoa que porta o vírus pode não apresentar sintoma algum. Ou seja, nem todo/a portador/a do vírus apresentará sintomas doença, mas há o risco dela se manifestar. O ser soropositivo ao HIV, o agente causador da AIDS, significa ter estado em contato com o vírus e estar infectado por ele. Ser soropositivo não quer dizer necessariamente estar doente de AIDS imediatamente. O mesmo não acontece com as pessoas soronegativas ao HIV, que, mesmo entrando em. Em 1989, profissionais da saúde e membros da sociedade civil criaram, com o apoio do Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, a Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da AIDS. Disponível em:

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/010525_aidetico.shtml

seria, pois, a porta de entrada e, ao mesmo tempo de saída, para doenças e infecções, ele levaria consigo as dores, os odores da doença e “sobreviveria” apenas por algum tempo. Tornar-se portador, seria torna-se marginalizado, inferior, desacreditado, mesmo que ainda em sinais não-revelados, “destruindo a possibilidade de qualquer forma de relação e contato corporal que não passe pela doença” (SEFFNER, 1995, p. 394).

O livro “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”, de Canto (2011, p.211), apresenta o termo soropositivo vinculado aos/as portadores/as do HIV:

Dizemos que um indivíduo é soropositivo²⁷ quando é detectada a presença de tais substâncias em seu sangue. Ser soropositivo não é o mesmo que ter AIDS.

Este discurso remete a alguém que deve ser evitado do convívio social, afastado, um sujeito sem nome, posto que sua identidade é nomeada pela doença. Um sujeito que necessita de confinamento por causar risco e perigo ao convívio social, já que há todo um “estado clínico, que tem como consequência todo um espectro de doenças, a presença de outras doenças, chamadas infecções e malignidades oportunistas” (SONTAG, 2007, p.21).

A respeito de outras informações relevantes como a existência de remédios para o tratamento dos sintomas e

²⁷ O termo soropositivo é utilizado para o HIV positivo, há também o soropositivo assintomático (portador do vírus que ainda não desenvolveu nenhum sintoma da doença), doente de AIDS (indivíduo que já desenvolveu infecções oportunistas) (SEFFNER, 1995, p.393).

prolongamento da vida dos soropositivos²⁸, como o AZT, DDI e 3TC que são inibidores do vírus; o livro “Nosso corpo”, de Gewandsznajder (2000, p. 223), traz a seguinte informação:

O uso de uma combinação de medicamentos pode prolongar a vida do doente, retardando o aparecimento de sintomas e melhorando sua qualidade de vida. Para isso são usados antibióticos e outros medicamentos que atacam os germes oportunistas, além de remédios, como AZT, DDI e o 3TC e os chamados inibidores de proteases; enzimas que combatem o HIV.

O livro “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p. 116), informa que:

Nos últimos anos, o avanço na pesquisa sobre o vírus HIV, e sobre medicamentos para combatê-lo, tem mudado a cara da doença em todo o mundo. Muitos dos doentes recuperaram a qualidade de vida que haviam perdido, com o desaparecimento de qualquer sintoma. No entanto, os medicamentos são caros e o tratamento é difícil com vários efeitos colaterais.

²⁸ Desde 1996, o Brasil distribui gratuitamente o coquetel anti-aids para todos que necessitam do tratamento. Segundo dados de dezembro de 2012, 313 mil pessoas recebem regularmente os remédios para tratar a doença. Atualmente, existem 21 medicamentos divididos em cinco tipos. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/quais-sao-os-antirretrovirais>.

Com o uso do medicamento a imagem dos sintomas da doença, materializados no corpo do/a doente, seriam minimizados, como é abordado no seguinte trecho de Jenner (2005, p.116): “Muitos dos doentes recuperaram a qualidade de vida que haviam perdido, com o desaparecimento de qualquer sintoma”. O trecho também traz a informação de que os medicamentos são caros, não informando, contudo, que no Brasil são distribuídos desde 1996, pelo Sistema Único de Saúde (SUS)²⁹.

No livro “Ciências a vida na terra”, de Gewandsznajder (2005, p. 71), consta que: “Com o auxílio de medicamentos, contudo, os portadores de AIDS podem levar uma vida relativamente normal por vários anos”. Em “Vida e ambiente”, de Valle (2004, p.53), a ideia da proximidade da morte, de viver sempre no limite, está presente no trecho: “O tratamento dos doentes envolve a administração de diversos medicamentos, que podem aumentar as chances de sobrevivência” e em “Ciências: atitudes e conhecimento”, de Figueiredo & Condeixa (2009, p.220), a informação sobre “um coquetel de remédios³⁰” remete a ideia de uma bebida alcoólica, que causa forte efeito sobre o corpo. Por fim, o livro

²⁹ A partir de 2015 outro avanço foi a respeito da profilaxia antirretroviral pós exposição à infecção pelo HIV, que passou a atender os pacientes pelo SUS com a distribuição de medicamentos e cuidados em até 72 horas após a exposição. Disponível em: <http://www.unasus.gov.br/tags/hivaids>.

³⁰ São 19 tipos de drogas indicadas para inibir o avanço do vírus HIV sobre as células CD4 do sistema imunológico. Os compostos e a dosagem variam de acordo com o estágio da doença. Um paciente em fase inicial da AIDS toma três medicamentos por dia, mas a conta pode triplicar se ele estiver muito debilitado. Disponível em: <http://coquetelhiv.com.br/>.

“Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”, de Canto (2011, p. 275), adverte:

Até o momento não há notícia de cura definitiva para a AIDS, mas medicamentos recentes têm possibilitado reduzir os sintomas e retardar o progresso da infecção, aumentando a qualidade e a expectativa de vida de quem apresenta a síndrome.

Os outros 8 livros didáticos, não abordam a questão dos medicamentos, novos estudos e ou pesquisas para a melhora da condição do/a doente e da expectativa da cura. Informações a respeito dos testes para identificação do vírus são dadas em apenas 3 dos 16 livros analisados. O livro “Nosso corpo”, de Gewandsjader (2000, p.224), informa que:

É possível identificar uma pessoa portadora do HIV, por certos testes de sangue. É necessário fazer pelo menos dois testes diferentes, para confirmar o resultado. Há também testes que detectam o vírus de forma rápida pelo sangue, saliva ou urina.

Já o livro “Ciências Naturais no dia-a-dia” de Jenner (2005, p. 118), traz informações mais detalhadas, como o nome dos testes usados, ELISA e Western Blot. Também informa que “Os anticorpos que indicam a presença do vírus só aparecem cerca de 90 dias após a contaminação”. A informação do período conhecido como “janela do vírus”, também está presente em “Ciências a vida na terra”, de Gewandsjader (2005, p. 71), que atualiza sua edição de 2000 afirmando que:

Os testes mais comuns precisam de certa quantidade de anticorpos no sangue colhido para acusar a presença do vírus. Em geral, isso acontece por volta de três meses depois do contato com o vírus.

Ainda que desconstruídas e restritas, fica aqui a reflexão e o alerta de estarmos atentos às próximas edições dos livros didáticos de Ciência, antes mesmo da sua escolha, sobre quais conceitos, informações, trazem ou não sobre o HIV e a AIDS e de que forma o vírus, o corpo do/a soropositivo são nos apresentados, pois tanto as imagens como linguagem empregada para abordar o conteúdo da AIDS, trazem representações que não se restringem apenas ao conceito do vírus, mas das práticas, dos cuidados, dos medos acerca da doença e dos sentimentos dos sujeitos soropositivos, suas expectativas e esperança diante do vírus.

4 GRAMÁTICA DE PREVENÇÃO: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS RELACIONADAS AO RISCO DE CONTAMIANÇÃO

Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo-senão será um depravado. Você será significante e significado, intérprete e interpretado-senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado-senão você será apenas uma vagabundo (DELEUZE & GUATARRI, 1996, p.22).

O cuidado com a saúde do corpo tornou-se um forte dispositivo pedagógico a partir do final do século XIX no Brasil, quando

... médicos, higienistas e sanitaristas, investidos da autoridade da ciência, apresentar-se-ão como os mais abalizados artífices-detentores de um saber capaz de dar respostas às necessidades de higienização da cidade, de crescimento econômico do país e de formação de trabalhadores saudáveis, física e moralmente (ROCHA, 2002, p. 6).

Através das análises nutricionais, antropométricas, do ensino e da prática da higiene, da educação física, dos hábitos alimentares, das formas de prevenção de doenças, etc., o discurso médico-higienista contribuiu para a produção de dispositivos de atenção, cuidado e controle dos corpos na

escola, com vistas a formação de um “indivíduo responsável que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida a procura da saúde e do corpo perfeitos, e o desvio aos riscos” (ORTEGA, 2004, p.4):

O automelhoramento individual autodisciplinado na procura da saúde e perfeição corporal tornou-se a forma dos indivíduos exprimirem a sua capacidade de agência a autonomia em conformidade com as demandas do mundo competitivo (ORTEGA, 2003, p.91).

No século XX a saúde tornou-se, segundo CRAWFORD (1980, p. 381) “não só uma preocupação, tornou-se também um valor absoluto ou padrão para julgar um número crescente de condutas e fenômenos sociais”. A autoconsciência do ser saudável pelo cuidado e controle do corpo, tornou-se uma utopia da nova sociedade. Um controle biopolítico cada vez mais penetrável, dilacerante sobre a carne e seus desejos é investido pelas tecnologias de controle da vida, sejam elas científicas, médicas, farmacêuticas, biológicas, anatômicas, pedagógicas, etc. “A vida e o corpo tornaram-se elementos políticos que precisam ser administrados, calculados, geridos, normalizados” (VASCONSELOS; SEFFNER, 2015, p. 267) para se evitar riscos à saúde.

Para Foucault (2008) é a partir da metade do século XVIII que a biopolítica passa a operar o controle da vida dos indivíduos e da população pelas práticas governamentais, tecnologias sociais que visavam controlar a sociedade, a higiene, a natalidade, a longevidade, o sexo, etc., visando a medicalização e a normalização, culminando no ato da disciplina de corpos produtivos e necessários, seja no âmbito

econômico, social ou cultural. Para e efetivação do governo biopolítico as tecnologias de si capturam os sujeitos e sua relação consigo e com os outros, em seu autoconhecimento, autocontrole e autovigilância, um “projeto governamental” que oferta uma maquinaria pedagógica disciplinar formadora de condutas e comportamentos, onde, “gestos são inscritos nos corpos, processos de ensino-aprendizagem ali se tecem, organizando corpos, constituindo sujeitos” (VASCONCELOS; SEFFNER, 2015, p. 271).

Regras e normas que incorporadas, produzem dispositivos disciplinares de si, modos de falar, olhar, transar, tocar e ser tocado, vestimentas, acessórios, cuidados, hígienes que permitem o reconhecimento do corpo e do sujeito sociais. A sexualidade dos corpos, nas suas mais diversas formas de expressão, principalmente a partir do século XIX, tornou-se o foco desses dispositivos disciplinares, seja para desvelar, acobertar, excluir, punir, violentar, modificá-los ou aperfeiçoá-los. O “governo das condutas” (FOUCAULT, 2008, p.315), através do investimento das pedagogias disciplinares incorporou no espaço escolar diversas táticas que inscrevem regras, tentam padronizar as sexualidades e a saúde do sujeito aluno/a. Nessas pedagogias corporais,

O corpo aparece, como construto político-cultural, e o fazer em saúde como instância pedagógica por meio da qual se imprimem marcas nos corpos, incluindo-se marcas de gênero, sujeitando-os, organizando-os, fazendo-os governáveis (VASCONCELOS; SEFFNER, 2015, p.275).

O investimento no controle da saúde dos corpos, através da medicalização da anormalidade, dos desvios, das

doenças, constitui-se numa estratégia biopolítica, que tenta a todo instante normalizar e gerenciar os riscos dos indivíduos no âmbito social, “o corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica” (FOUCAULT, 1979, p.80). Nesse investimento, o livro didático teve um papel bastante importante.

4.1 Corpos vigiados: gramáticas prescritivas relacionadas ao risco

O discurso médico tenta a todo o momento inferir práticas de auto-cuidado, de observação e de vigilância, através de ações centradas na prevenção³¹, em práticas seguras e na responsabilidade individual pela manutenção da segurança sócia. Com relação à AIDS, conforme Scott & Williams (1991, apud Petersen & Lupton, 1996, p.65),

Administrar sua própria relação com o risco tem se tornado um importante meio pelo qual os indivíduos podem expressar seus *selves* éticos e cumprir suas responsabilidades e obrigações como bons cidadãos.

A noção do risco está na penumbra, ronda e amedronta os sujeitos, ganhando corpo nos discursos que agem como dispositivos sociais, culturais, educacionais, médicos, com

³¹ Em 1998 a Coordenação Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde, publicou um manual com ações norteadoras para profissionais da saúde junto à população alvo com ações preventivas com relação à prevenção do HIV/AIDS, intitulado, “AIDS no Brasil: um esforço conjunto governo-sociedade”.

testes e exames médicos, onde ao se deparar com um resultado positivo, o sujeito é suprimido por ter falhado no “cumprimento das diretivas médicas recebidas para abater os riscos, situação a partir da qual pode ser punida ou estigmatizada” (MITJAVILA, 2002, p. 140). Um termo também que abrange significados diversos como algo que é incerto, abstrato, medido por probabilidades, perigoso, com consequências catastróficas e irreversíveis (GIDDENS, 2001) e ao mesmo tempo, desconhecido, desafiador, tentador. A gestão de riscos é um dos eixos do discurso da promoção da saúde moderna. Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS - o risco é considerado, “a probabilidade de ocorrência de um resultado desfavorável, de um dano ou de um fenômeno indesejado” (OMS apud DONINI, 2003, p.40).

No mundo contemporâneo, as construções de corpo, de vida saudável e dos modos ou estilos de vida considerados benéficos ou prejudiciais são permeados pela noção de risco. Identificar, quantificar, qualificar, medir e reduzir os riscos, “seja na profilaxia de doenças, seja na técnica terapêutica, são os principais objetivos da saúde pública” (AYRES, 2009). O controle do que era considerado a disfunção da ordem social, com relação ao comportamento e a saúde, carrega o termo risco em sua justificativa para isolar, excluir ou estigmatizar bairros, cidades, populações, instituições, sujeitos, em torno dos anos de 1920. Já os estudos epidemiológicos acerca da identificação dos grupos populacionais portadores da AIDS, principalmente a partir dos anos de 1990, passaram a utilizar de forma mais abrangente o termo risco, conferindo-o e demarcando-o como

uma identidade, materializada nos denominados grupos de risco³² (AYRES, 2009, p.393).

Como medidas de controle epidemiológico destes chamados grupos de risco, está o discurso do isolamento sanitário e, portanto, o da exclusão social, do preconceito e de sentimentos como medo e culpa, além da falta de maiores esclarecimentos das formas de prevenção da AIDS. Além disso, estava presente a representação de que os/as doentes de AIDS faziam parte de um grupo específico, no caso, *gays*³³, usuários de drogas injetáveis e prostitutas, sendo estes os culpados por sua promiscuidade sexual, carregando em seus corpos o fardo de um comportamento sexual pervertido, irresponsável e pecaminoso.

As primeiras campanhas de prevenção vinculadas pela mídia no Brasil, por exemplo, estabeleciam a ligação entre sexo enquanto comportamento de risco, pelos chamados grupos de risco, onde a punição seria o castigo pela relação da síndrome com a morte (GIAMI,1997). O emprego da ideia de grupo de risco é também uma tentativa de localizar um “lugar” para a AIDS, um lugar no qual não nos vemos inseridos e, por isso, estamos supostamente protegidos. Esse posicionamento, ao mesmo tempo em que promove uma aparente proteção, reitera o preconceito em relação a quem está com o HIV. E, dentro da categoria portadores do HIV, a sociedade criou

³² Ao tentar identificar em 1982 quem eram as pessoas doentes de AIDS o Centro de Controle de Doenças (CDC) dos Estados Unidos caracterizou o grupo de risco composto por: homossexuais, hemofílicos, haitianos e usuários de heroína (AYRES, 2009, p.392).

³³ A primeira matéria publicada no Brasil sobre a AIDS intitulava-se, “Câncer em homossexuais é pesquisado nos EUA”, no Jornal do Brasil do Rio de Janeiro em 03/09/1981.

“culpados” e inocentes, como crianças que nascem com o vírus, pessoas enganadas pelos seus parceiros, ou seja, vários mecanismos que culpabilizam e reificam estereótipos e representações acerca da AIDS e de seus/suas doentes.

Como consequência, Janet Hanan (1994, p.35), afirma que a denominação “grupos de risco” foi responsável pelo falso sentimento de proteção nos discursos dos que não se dizem pertencentes à categoria homo e nem bissexuais, usuários de drogas injetáveis e prostitutas.

A expressão “grupos de risco” originou-se de observações epidemiológicas, que produziram uma forma específica de leitura das estatísticas, reforçando estigmas e a própria vulnerabilidade à doença e o aumento da transmissão por contato heterossexual, principalmente por mulheres, por exemplo, no caso do Brasil. Os grupos de risco tentavam enquadrar os que seriam “culpados, situando-os como vetores da morte, produzindo pânico acerca da figura estereotipada do sujeito aidético” (GUIMARÃES, 2001, p.48).

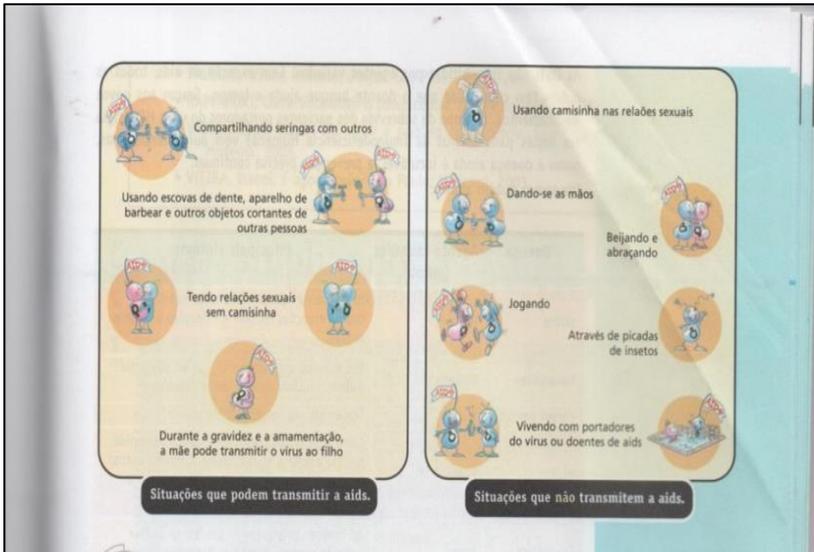
Em dois dos 16 livros didáticos analisados foi encontrado o discurso da homossexualidade relacionada a AIDS. Um discurso excludente e homofóbico, atrelando a homossexualidade a desvios de toda a sorte, o que é preocupante, sobretudo pelo fato de que no Brasil a cada quatro dias um homossexual é morto, uma estatística que coloca o país como campeão mundial em assassinatos de homossexuais, por conta da homofobia (FERRARI; SEFFNER, 2009, p. 196). Além disso, os livros utilizam o termo “homossexualismo”, palavra cujo uso desde 1985 (10 anos antes de sua publicação) foi desaconselhada, justamente pelo fato de estar relacionada a patologia e doença, sendo substituída por homossexualidade, referente às diferentes sexualidades dos sujeitos.

Comportamentos categorizados como desviantes com relação a AIDS estão presentes desde o início da incidência de casos da doença no Brasil, onde,

Fazer parte do grupo de risco significava acima de tudo ser o agente responsável pela contaminação. Eram enquadrados como parte dos grupos de risco, os homossexuais, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis, que possuíam comportamentos considerados como transgressores, dentro de um espectro de regras sociais compartilhados. A homossexualidade, por ferir a heterossexualidade, a prostituição pela promiscuidade e as drogas pela ilegalidade (AMORIM, 2009, p.51).

Outro exemplo está no livro “Ciências Naturais” de Santana & Fonseca (2006, p.199), que ilustra, a partir de desenhos, formas de transmissão da AIDS:

Figura 31 - Formas de contágio da AIDS.



Fonte: Ciências Naturais. Santana & Fonseca (2006, p.199).

Ao representar situações em que a AIDS pode ou não ser transmitida são apresentados dois quadros. O da esquerda refere-se a “Situações que podem transmitir a AIDS e o da direita a “Situações que não transmitem a AIDS”. Chama a atenção a terceira linha do primeiro quadro, referente a situação: “Tendo relações sexuais sem camisinha”, em que são apresentadas figuras de dois bonecos do mesmo sexo e dois do sexo oposto se abraçando e se beijando. Já a ilustração do quadro a direita que se refere as “Situações que não transmitem a AIDS”, representa dois bonecos do sexo oposto se beijando e se abraçando com a legenda: “Usando camisinha nas relações sexuais”, não sendo apresentada, como no primeiro quadro, a

opção dos dois bonecos do mesmo sexo na mesma situação, o que parece sugerir ao leitor/a que pessoas do mesmo sexo somente realizam sexo sem proteção e, conseqüentemente, são mais suscetíveis ao contágio do vírus. Nos dois exemplos, as formas de abordar a sexualidade certamente contribui para a manutenção de valores homofóbicos e equivocados com relação a AIDS, reforçando padrões heteronormativos.³⁴.

Acerca da definição do termo risco, o livro “Ciências Naturais. Aprendendo Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”, de Canto (2011, p.211) afirma tratar-se de um “termo utilizado para designar algumas práticas que aumentam significativamente a chance de contrair alguma doença”, legitimando, desse modo, certas práticas sexuais como corretas em detrimentos de outras. Nesse sentido, acaba por fazer um investimento disciplinar no que seriam considerados comportamentos relacionados às práticas sexuais tidas como seguras e, conseqüentemente, aceitas socialmente para a produção do sujeito considerado saudável e “correto”.

Regra geral, o discurso sobre o risco nos livros didáticos analisados, é marcado pela abstração, algo não palpável, invisível, mas que, ao mesmo tempo, dependendo da conduta do sujeito, pode se proliferar, como nas frases a seguir: “A AIDS deve ser considerada uma enfermidade muito grave, que todos devem se esforçar para evitar Jenner, 2005, p. 116-119); “Pessoas infectadas pelo vírus, mesmo que não apresentem sintomas, podem transmitir a doença”, “Nunca é

³⁴ A heteronormatividade refere-se à concepção predominante em nossa cultura de que a heterossexualidade é natural e única forma “correta” de se vivenciar à sexualidade. Nesse sentido, a cultura das instituições sociais possui um conjunto de estratégias que são responsáveis por tornar a heterossexualidade o padrão.

demais lembrar que, por enquanto, a AIDS não tem cura. Por isso, a única solução é se proteger!”, em “ Ciências a vida na terra” (GEWANDSZNADER, 2005, p. 223); “Infelizmente a AIDS não tem cura é preciso se proteger!”, em “ Nosso corpo” (GEWANDSZNADER, 2000, p. 224). E ainda, sentimentos como culpa, responsabilidade individual e medo podem ser evidenciados como nas frases presentes no livro “ Ciências Naturais” de Santana & Fonseca (2006, p. 200): “O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer”, de Albert Einstein e no livro “ Ciências Naturais no dia-a-dia” de Jenner, et.al. (2005, p.2005), “Enquanto a cura e a vacina não chegam, o melhor remédio é evitar o mal”.

Discursos como estes acabam por prescrever determinados estilos de vida, categorizando-os como saudáveis ou não, exercendo práticas de vigilância e regulação social, além de produzirem efeitos na construção e transformação do conceito da AIDS e nos modos sociais e culturais de se lidar com ela.

Com o crescimento e a diversidade de pessoas infectadas (homens, mulheres, pessoas da terceira idade, jovens) um novo conceito instrumentalizou as práticas preventivas, o denominado comportamento de risco, que,

(...) ao universalizar a preocupação com a epidemia, o conceito também buscou estimular o envolvimento ativo das pessoas com a prevenção, por meio da busca de transformação de seus comportamentos (AYRES, 2009, p.395).

Nesse sentido, o sujeito deve estar consciente de sua responsabilidade³⁵ sobre seus hábitos e comportamentos com relação às práticas de prevenção, tendo a vigilância sobre seu corpo e suas vontades, algo constante para manutenção da sua saúde e dos demais,

À medida que uma pessoa se infecta com o HIV, tende-se a lhe atribuir a reponsabilidade pela infecção, por não ter aderido a um comportamento seguro (e não arriscado), por ter falhado nos esforços de prevenção (AYRES, 2009, p. 395).

O termo comportamento de risco também representa a prevenção em uma prática individualizada, onde os sujeitos tornam-se “vulneráveis à epidemia do que outros, tais como questões econômicas, acesso a informação, existência de serviços de saúde e aconselhamento” (SEFFNER, 2002, p.1). A vigilância discursiva e prática com referência ao comportamento sexual produziram regras, cuidados, objetos, tornado o sexo algo perigoso e observável, sob o discurso da prevenção, sob o estigma do comportamento de risco, onde passe-se “das identidades para as práticas sociais de risco” (GUIMARÃES, 2001, p.49).

Nos livros didáticos analisados o termo “comportamento de risco” foi encontrado em “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano” de Canto (2009, p.

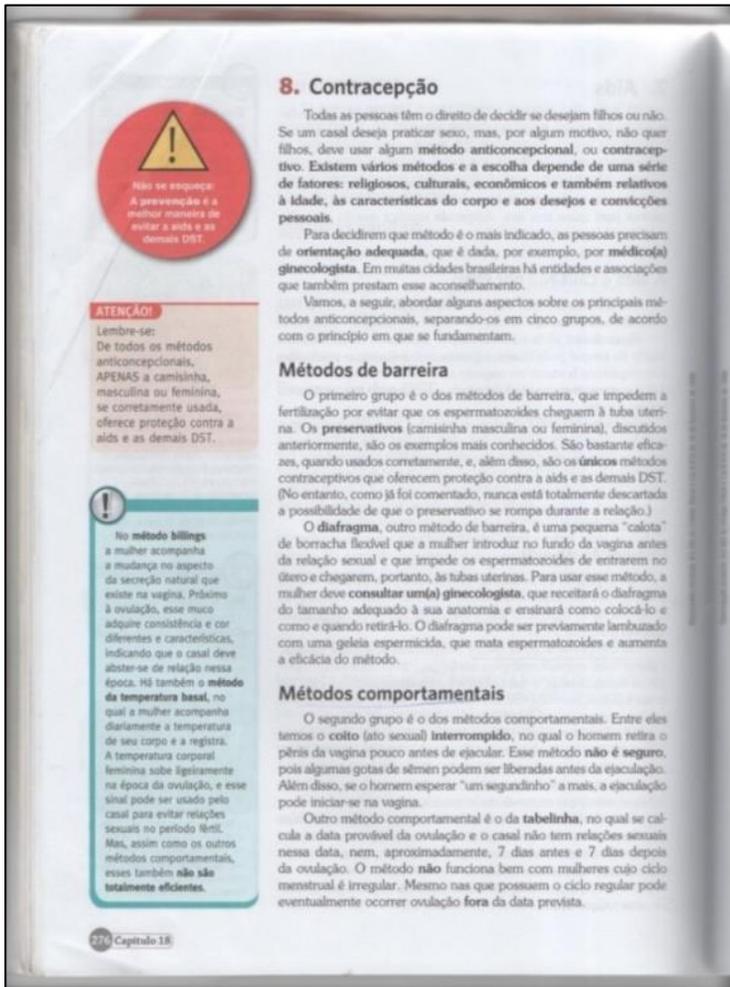
³⁵ Kinsman (1996, p.395), refere que a responsabilização é uma das maneiras de envolver os sujeitos na própria operação de regulação que pretende regulá-lo, de forma a fazer com que essa operação seja mais eficaz.

275), Canto (2011, p. 200) e Canto (2012, p.211), referindo-se às práticas que devem ser evitadas para se contrair o vírus. O investimento discursivo do comportamento sexual relacionado às estratégias de regulação e controle da prática sexual baseada na prevenção do corpo como um todo, foi encontrado em 7 livros, da seguinte forma: “Deve-se limitar o número de parceiros sexuais” em “Vivendo Ciências”(LUZ, 2002, p.104); “Uma das medidas de prevenção é a de reduzir o número de parceiros sexuais” em “Ciências Naturais no dia-a-dia” (JENNER, et. al, 2005, p.118); “É preciso que os dois saibam dos riscos e das consequências que uma relação sexual envolve” em “Ciências a vida na terra” (GEWANDSZNAJDER, 2005, p.217); “Deve-se limitar o número de parceiros” em “ Vivendo Ciências” (LUZ, 2002, p.104) “Para evitar a AIDS deve-se diminuir o número de parceiros sexuais” em “Ciências a vida na terra” (GEWANDSZNAJDER, 2005, p.72); “O uso de preservativos é o único modo de se proteger do HIV em uma relação sexual” em “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”(CANTO, 2009, p.275;CANTO, 2011, p.275); “As relações sexuais, de modo geral, oferecem risco de contágio” em “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano (CANTO, 2011, p.212).

Além do discurso prescritivo e regulatório, estes discursos apresentam um conteúdo limitado e equivocado, como o de que com a relação sexual se contrairia a AIDS, sendo que o correto seria o vírus em primeiro lugar; o HIV é o vírus que causa a doença AIDS, sendo que uma pessoa pode ser infectada pelo vírus por muitos anos antes que desenvolva a AIDS. E também a informação de que o vírus seria transmitido apenas por via sexual, não abordando outras formas de transmissão.

A relação perigosa entre sexo e AIDS presente nos conteúdos apresentados, infere formas biopolíticas sob o corpo e seus prazeres, através de normatização e controle das práticas sexuais dos/as alunos/as sujeitos, reforçadas por frases que intitulam seções acerca do estudo sobre a AIDS e prevenção, tais como: “Métodos de abstinência”, em “Ciências vida na terra” (GEWANDSZNAJDER, 2005, p.208); “Métodos comportamentais”, em “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano” (Canto, 2009, p.276; 2011, p.277). Nestas seções é bastante frequente a colocação de figuras em espaços estratégicos das páginas, no canto superior ou inferior, sempre do lado esquerdo, o que segundo os *insights* dos pesquisadores/as da Gramática Visual, é o primeiro lugar a ser olhado ao se folhear as páginas de um livro, como pode ser constatado nos livros “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano” de Canto, edições de 2009, 2011 e 2012:

Figura 32 - Atenção



Atenção

Não se esqueça: A prevenção é a melhor maneira de evitar a aids e as demais DST.

ATENÇÃO!

Lembre-se: De todos os métodos anticoncepcionais, APENAS a camisinha, masculina ou feminina, se corretamente usada, oferece proteção contra a aids e as demais DST.

!

No método billings a mulher acompanha a mudança no aspecto da secreção natural que existe na vagina. Próximo à ovulação, esse muco adquire consistência e cor diferentes e característicos, indicando que o casal deve abster-se de relação nessa época. Há também o método da temperatura basal, no qual a mulher acompanha diariamente a temperatura de seu corpo e a registra. A temperatura corporal feminina sobe ligeiramente na época da ovulação, e esse sinal pode ser usado pelo casal para evitar relações sexuais no período fértil. Mas, assim como os outros métodos comportamentais, esses também não são totalmente eficientes.

8. Contraceção

Todas as pessoas têm o direito de decidir se desejam filhos ou não. Se um casal deseja praticar sexo, mas, por algum motivo, não quer filhos, deve usar algum método anticoncepcional, ou contraceptivo. Existem vários métodos e a escolha depende de uma série de fatores: religiosos, culturais, econômicos e também relativos à idade, às características do corpo e aos desejos e convicções pessoais.

Para decidirem que método é o mais indicado, as pessoas precisam de orientação adequada, que é dada, por exemplo, por médico(a) ginecologista. Em muitas cidades brasileiras há entidades e associações que também prestam esse aconselhamento.

Vamos, a seguir, abordar alguns aspectos sobre os principais métodos anticoncepcionais, separando-os em cinco grupos, de acordo com o princípio em que se fundamentam.

Métodos de barreira

O primeiro grupo é o dos métodos de barreira, que impedem a fertilização por evitar que os espermatozoides cheguem à tuba uterina. Os preservativos (camisinha masculina ou feminina), discutidos anteriormente, são os exemplos mais conhecidos. São bastante eficazes, quando usados corretamente, e, além disso, são os únicos métodos contraceptivos que oferecem proteção contra a aids e as demais DST. (No entanto, como já foi comentado, nunca está totalmente descartada a possibilidade de que o preservativo se rompa durante a relação.)

O diafragma, outro método de barreira, é uma pequena "calota" de borracha flexível que a mulher introduz no fundo da vagina antes da relação sexual e que impede os espermatozoides de entrarem no útero e chegarem, portanto, às tubas uterinas. Para usar esse método, a mulher deve consultar um(a) ginecologista, que receitará o diafragma do tamanho adequado à sua anatomia e ensinará como colocá-lo e como e quando retirá-lo. O diafragma pode ser previamente lubrificado com uma geleia espermicida, que mata espermatozoides e aumenta a eficácia do método.

Métodos comportamentais

O segundo grupo é o dos métodos comportamentais. Entre eles temos o coito (ato sexual) interrompido, no qual o homem retira o pênis da vagina pouco antes de ejacular. Esse método não é seguro, pois algumas gotas de sêmen podem ser liberadas antes da ejaculação. Além disso, se o homem esperar "um segundinho" a mais, a ejaculação pode iniciar-se na vagina.

Outro método comportamental é o da tabelinha, no qual se calcula a data provável da ovulação e o casal não tem relações sexuais nessa data, nem, aproximadamente, 7 dias antes e 7 dias depois da ovulação. O método não funciona bem com mulheres cujo ciclo menstrual é irregular. Mesmo nas que possuem o ciclo regular pode eventualmente ocorrer ovulação fora da data prevista.

176 Capítulo 18

Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2011, p.276).

As figuras assim colocadas tem cores fortes, geralmente vermelho e amarelo, o que remete ao perigo e ao risco. Nos dois casos acima, no centro do círculo vermelho é colocado um triângulo com um ponto de exclamação, sinal utilizado em sinais de trânsito e também na informática para significar alerta, advertência ou erro no sistema. A frase abaixo do triângulo, “Não esqueça: A AIDS e as DST devem ser prevenidas”, reforça e marca a ação do cuidado e da prevenção cotidianos, onde a vida sexual dos/das jovens leitores/as do livro didático passa a ser reforçada pela preocupação de diminuir os riscos de infecção pelo HIV.

Tais figuras são certamente estratégias dos/as autores/as para que os/as alunos/as fixem, incorporem com mais firmeza os discursos veiculados. O mesmo acontece com as atividades propostas no final dos capítulos sobre a AIDS de 4 dos 16 livros analisados. No livro “Ciências a vida na terra”, de Gewandsznajder (2000, p.225), sob o título “Trabalhando com as principais ideias do capítulo”, encontramos, dentre outras, a seguinte questão: De que modo podemos reduzir o risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis e o HIV?”. Em “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p.121) com o título “Aplicando os conhecimentos”: “Crie uma bula, explicando a utilização da camisinha”. No livro “Ciências Naturais”, de Santana & Fonseca (2006, p. 171): “Faça uma lista dos cuidados que devemos tomar para nos prevenirmos contra a AIDS”. Nos livros “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”, de Canto (2009, p.279; 2011, p. 278), sob o título, “Use o que aprendeu”: “Faça uma lista de condutas que previnem o contágio com o HIV” e em “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”, de Canto (2011, p.214), sob o título “Use o que aprendeu”, são propostas as seguintes atividades:

2. Usando o que você aprendeu ao longo deste capítulo, faça uma lista de comportamentos de risco. Leia os itens que você listou com seus colegas e juntos elaborem uma única lista. Com base nessa nova lista, discutam sobre o que se deve fazer para não se expor ao risco de contaminação. Discutam, também, que atitudes individuais ajudam a conscientizar a população em geral sobre os comportamentos de risco que devem ser evitados.

Palavras como “esforço”, “evitar”, “proteger”, “limitar”, “reduzir” enfatizam as práticas e comportamentos desejáveis em relação a prevenção e ao cuidado, sempre demarcando o que não deve ser feito, o que é proibido. E para que essa assimilação seja eficaz, são propostas atividades com gêneros textuais específicos, onde o sujeito deve criar bulas, receitas, listas, algo a ser memorizado e ao mesmo tempo relacionado a uma prática medicamentosa,

Assim, segundo os mesmos discursos que instaram esses modos de (se) governar através do risco, aqueles sujeitos que não se engajam nessa tarefa infinita de “se cuidar”, “se prevenir” e “se amar”, segundo dadas prescrições, são vistos como não exercendo um cuidado adequado com seu corpo e sua saúde (LUPTON, 1999, p. 91).

Outra imagem relacionada a atenção ao risco foi encontrada no livro “Ciências Naturais”, de Santana & Fonseca (2008, p. 199):

Figura 34 - Folheto de prevenção à AIDS



Fonte: Ciências Naturais. Santana & Fonseca (2009, p.199).

Trata-se de uma imagem apresentada por uma campanha divulgada pelo Ministério da Saúde no carnaval de 2002, a qual teve por objetivo de sugerir a confiabilidade no produto central da imagem, a camisinha. A imagem passa sentimentos de tranquilidade e de bem estar por conta da relação feita com um aquário, habitat de um peixe e de plantas aquáticas, que movimentam-se lentamente. O *slogan* “pela camisinha não passa nada” remete ao sentimento de segurança, as cores chamativas, como o laranja e o amarelo, dão a sensação de alegria, festa, verão, diversão e carnaval. Por outro lado, a imagem da camisinha fechada, amarrada na ponta,

também pode inferir uma ideia de que algo que está “preso”, fechado, “sufocado” ou seja, o próprio desejo e o prazer.

Imagéticos ou textuais, os conteúdos presentes nos livros didáticos, tem um importante papel na construção do imaginário social sobre a síndrome, atuando na construção de subjetividades, sexualidades, condutas sexuais, comportamentos, cuidados de si, inferindo estratégias de prevenção determinadas, pois, são “os meios que carregam significados porque eles operam como símbolos, os quais afirmam ou representam o significado que nós desejamos comunicar” (HALL, 1998).

Com o auxílio da biopolítica, é possível compreender essas estratégias dentro de uma historicidade e, ao mesmo tempo, compreender os discursos produzidos para que o sujeito se (re) conheça através do controle de seu corpo, e de uma *gramática prescritiva* presente nos livros didáticos que captura, define, constitui, práticas eficazes que evitam o adoecimento dos corpos e, conseqüentemente, da moral.

Como mediar o prazer com a intervenção de um dispositivo como o preservativo? Como lembrar em um momento de intenso prazer, que existe risco de se infectar com o vírus HIV? Como ser racional e pensar nas probabilidades no momento de prazer que se sente? (ARRAES, 2015, p. 297).

4.2 A feminização da AIDS nos livros didáticos de Ciências

Com a estigmatização dos chamados grupos de risco, sendo a AIDS socialmente compreendida como doença de um “outro” com práticas e comportamentos marginalizados, sejam eles no uso de drogas ou no âmbito sexual, houve a compreensão de que a AIDS estava fortemente relacionada ao universo masculino, grupos homossexuais e de risco. Nesse sentido, as mulheres acabaram ficando em segundo plano nos índices, em sistemas de saúde, nas formas de prevenção, o que lhes causou um alto preço a pagar. Sem informação ou preparo, acabaram por ser infectadas por seus companheiros tornando-se parte de altos índices de contaminação pelo vírus. Além disso, as mulheres que integram o aumento destes índices não são as consideradas de grupos de risco, tais como as “garotas de programa”, mas donas-de casa, que em sua maioria casadas adquiriram o vírus dentro de seus lares (VARELLA, 2005).

Em 1998 já faziam parte de 61% dos casos de AIDS na população do Brasil (BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO, 1998, p. 35), sendo que, os dados de 2008, por exemplo, já indicavam 6 homens com o vírus para cada 10 mulheres (UNAIDS, 2007). Em 2010, a faixa etária que exibiu maior aumento de casos foi a de 35 a 39 anos e de 50 a 60 anos para as mulheres, sendo em maior número na Região Sul do Brasil, encabeçada por Porto Alegre/RS com 99,8% e seguida de Florianópolis/SC com 57,9% dos casos (SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE SANTA CATARINA, 2010).

A partir da década de 1990, com o aumento gradativo de mulheres soropositivas, ocorreu uma crescente “feminização da AIDS”, momento em que as mulheres tornaram-se alvo das campanhas de prevenção; principalmente através de campanhas

televisivas, como por exemplo, “Quem se ama se cuida: DSTs” (informe/Hebe Camargo, 1995); “Direitos” (depoimento/Sandra Bréa, 1996); “Canções de Carnaval: viver sem AIDS só depende de você” (convocação/Regina Casé, 1999), (BORELLI & SOARES, 1998).

Nos livros didáticos analisados as mulheres começam a aparecer a partir de 2000, tanto na linguagem destinada á elas na mídia escrita, como em imagens pela mídia televisiva; enquanto responsáveis ou culpadas pela transmissão do vírus, cabendo a elas o conhecimento de seus corpos, controle dos mesmos e ações de prevenção, tais como: “As mulheres devem consultar um ginecologista uma vez por ano para fazer exames. Esses exames podem diagnosticar doenças sexualmente transmissíveis”, em “Nosso corpo” livro para 7^a série (GEWANDSZNAJDER, 2000, p.221). As imagens abaixo vinculadas nos livros analisados, também reforçam a responsabilidade da mulher em procurar regularmente consultas com especialistas a fim de ser orientada e cuidada acerca do vírus, com medidas prescritivas e preventivas:

Figura 35 - Doenças sexualmente transmissíveis



Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2009, p. 273).

Figura 36 - Ir ao médico periodicamente



Fonte: Ciências a vida na Terra. Gewandsznajder (2005, p. 72).

O corpo da mulher, historicamente foi alvo de estudos, mistérios e mitos sobre seus desejos, sexualidade, fluídos, sangue, recebendo inúmeras intervenções e cuidados desde cedo em busca de seus sinais e sintomas, seja através de conselhos ou cuidados de especialistas que a orientarão com medidas e práticas de vigilância, “conhecer o próprio corpo, incluindo as partes mais íntimas e secretas, implicaria no conhecimento de uma verdade sobre si mesmo” (GOMES, 2003, p.273).

A necessidade do contato e da presença dos especialistas em saúde, para legitimar saberes e práticas acerca das formas de prevenção da AIDS, também é sugerida em atividades presentes nos livros didáticos, tais como: “Convide um médico para dar uma palestra sobre AIDS e doenças sexualmente transmissíveis aos alunos de sua turma” no livro “Nosso corpo” (GEWANDSZNAJDER, 2000, p. 225 e 2005, p.226).

São identificadas, ainda, diversas afirmações que sugerem a mulher como possível responsável pela transmissão do vírus, como por exemplo, a informação veiculada no livro “Ciências Naturais no dia-a-dia” (JENNER, 2005, p.116 de que, “as mulheres são assim mais facilmente contaminadas em uma relação heterossexual”, cabendo, portanto, a ela a ação para se proteger e também a incumbência de contar, confessar a sua contaminação, enquanto “portadora” do vírus. Nesse sentido, a figura abaixo é bastante contundente:

Figura 37 - Veja o que uma pessoa portadora do vírus da AIDS deve fazer



Fonte: Ciências a vida na terra. Gewandsznajder (2005, p.72).

O quadro intitulado “Veja o que uma pessoa portadora do vírus deve fazer” apresenta uma moça e um rapaz se olhando, e é da boca dela que sai um balão com a imagem do vírus. Abaixo do quadro encontra-se a frase: “Informar à pessoa com quem teve (ou pretende ter) relação sexual”, que sugere que a moça está contando ao rapaz que é portadora do vírus. A mulher ocupa nessa imagem o lugar do risco, talvez do promíscuo, que sob o olhar do outro, ao se confessar, busca regeneração. A condição de soropositiva confere desconfiança em relação a sua conduta, sua sexualidade passa ser suspeitada e taxada como desviante ou perigosa, tendo sido castigada através da contaminação, pois, “um exame laboratorial não informa apenas a sorologia reagente à portadora do HIV, ele

também atesta que ela descumpriu sua função de cuidadora da saúde” (CORREIA, 2008, p.5).

A frase contida em no livro “Coleção Ciências e interação”: “Uma das principais medidas contra a contaminação do HIV é conscientizar mulheres portadoras do HIV a respeito do risco da contaminação para o filho durante a gravidez” (COSTA, 2008, p.81)”; também refere-se aos riscos e consequências que uma mulher soropositiva deve estar ciente ao engravidar:

O desejo da mulher com HIV/AIDS de ter ou não ter filhos fica encarcerado sob o olhar do outro, um outro externo e internalizado. A imagem que ilustraria o que dizemos é a seguinte: ante a gravidez indesejada, a mulher infectada pelo HIV confronta-se interna e externamente com um dedo em riste e muitas advertências (CRUZ e BRITO, 2000).

Desta forma, a sexualidade das mulheres com AIDS torna-se algo reprimido, algo anormal, que deve ser punido e evitado, mesmo diante dos dados divulgados em 2010 pelo Boletim Epidemiológico AIDS/DST, onde é afirmado que a transmissão do HIV de mãe para filho caiu quarenta e quatro por cento nos últimos dez anos. Essa informação bem como os avanços no tratamento com remédios às mulheres grávidas portadoras do vírus também não foi identificada nos livros pesquisados.

A questão da contracepção também é abordada nos livros didáticos com relação ao papel da mulher na negociação do uso do preservativo com seu parceiro. Sendo que, esta representação é apresentada nos livros como sendo de única responsabilidade da mulher, como na imagem abaixo:

Figura 38 - Cartaz do Dia Mundial de Luta Contra a AIDS de 2005.

POR UMA NOVA ATITUDE

Aids e racismo

1. Explorar o problema

Leia a seguinte reportagem:

“Pela primeira vez, o Boletim Epidemiológico de Aids do Ministério da Saúde traz informações sobre a epidemia, segundo cor e raça, revelando que a epidemia vem crescendo entre a população negra e parda. [...]”

De acordo com o boletim, a população branca continua sendo o maior grupo de infectados (51,35%). Negros e pardos somam 33,44% do total de casos, e os índios, apenas 0,17%.

“Essa tendência de aumento (entre negros e pardos) também está associada à transmissão heterossexual e à condição de escolaridade”, acrescentou o diretor do Programa Nacional de DST/Aids, Pedro Chequer.

[...] Apesar dos números ainda se manterem em um patamar elevado, os dados indicam que a epidemia de aids está em processo de estabilização. Pedro Chequer disse que, apesar da redução de casos em alguns grupos, como usuários de drogas e homossexuais, ainda não se pode falar em controle da doença.”

Fonte: JORGE, Cecília. Brasília: Agência Brasil, 30 nov. 2004.

2. Analisar o problema

“Genebra, 21 de novembro de 2005 — Há novas evidências de que as taxas de infecção pelo HIV em adultos caíram em certos países e que mudanças no comportamento para prevenir a infecção — como aumento do uso de preservativos, retardamento da primeira experiência sexual e menos parceiros sexuais — desempenharam papel-chave nessa redução. O novo relatório das Nações Unidas também indica, entretanto, que tendências gerais na transmissão do HIV ainda estão crescendo e que esforços muito maiores na prevenção do HIV são necessários para conter a epidemia. [...]”

Houve mais de cinco milhões de novas infecções em 2005. O número de pessoas vivendo com HIV no planeta atingiu seu maior nível, com cerca de 40,3 milhões de pessoas — eram aproximadamente 37,5 milhões em 2003. Mais de três milhões de pessoas morreram de doenças relacionadas à aids em 2005; dessas, mais de 500 mil eram crianças. [...]”

O relatório reconhece que o acesso ao tratamento do HIV melhorou significativamente nos últimos dois anos. Mais de um milhão de pessoas em países de baixa e de média renda agora vivem vidas mais longas e melhores porque estão em tratamento anti-retroviral, e cerca de 250 mil a 350 mil mortes foram evitadas neste ano graças ao acesso expandido ao tratamento do HIV. [...]”

Novos dados mostram que, na América Latina, no leste da Europa e particularmente na Ásia, a combinação de uso de drogas injetáveis e trabalho sexual está estimulando a disseminação da epidemia, e os programas de prevenção estão falhando na forma de lidar com essa combinação. [...]”

Disponível em: <http://www.unaids.org>. Acesso em: 21 nov. 2005.

80

Fonte: Projeto Araribá. Cruz (2008, p.80).

A imagem em tamanho grande e com cores fortes, localizada no plano acima da página, chama a atenção do olhar com relação ao que está disposto ao seu redor na página, cujo

fundo está em um tom mais claro, o azul. A figura de uma jovem negra, de roupa vermelha e penteado afro, é delicada e suficientemente neutra para que a frase na cor branca no centro de seu corpo ganhe destaque: “Você tem o direito à informação. À prevenção e ao tratamento da AIDS. Não importa sua cor”, nas laterais da frase estão desenhos representando símbolos que remetem à cultura africana, como tatuagens tribais. A moça aparece com dentes brancos que destacam seu sorriso, onde seguindo uma linha vertical encontram-se as mãos simetricamente juntas, segurando uma embalagem do que seria um preservativo masculino.

Trata-se de um cartaz da campanha do Dia Mundial da AIDS publicada pelo Ministério da Saúde, “Mulher, sua história é você quem faz”, de 2005. O texto referente à imagem no livro aborda os índices da AIDS relacionados à cor e raça no país de 2000 a 2004, indicando o ano de 2003 como o de maior alta na taxa de casos de AIDS, tanto de homens como de mulheres. Mas é a imagem de uma mulher que foi selecionada, de uma mulher que simpaticamente, “como cabe ao gênero feminino”, oferece o preservativo, o que certamente contribui para reforçar o discurso presente, direta ou indiretamente, nos demais livros analisados de que à mulher cabe a responsabilidade pela prevenção do vírus, seja cobrando o uso de preservativos do parceiro, ou seja, ela própria tomando medidas de precaução, convencendo-o dos riscos e da frequente necessidade de cuidado, silenciando, portanto, questões quanto à negociação desigual no que se refere ao uso do preservativo masculino:

(...) a responsabilidade do autocuidado é apresentada de forma descontextualizada, sem levar em conta os limites da vontade pessoal em um espaço que é eminentemente relacional

e, no caso de um grande número de mulheres, caracterizado pela desigualdade de poder (SANTOS & OLIVEIRA, 2006, p.9).

Imagens desse tipo, colocam na mulher a responsabilidade do cuidado de si e do outro, do “governo das mulheres através da saúde” (SANTOS, 2002), silenciando questões quanto à negociação desigual no que se refere ao uso do preservativo masculino. Sem considerar ainda, o contexto histórico e das desigualdades de gênero, raça, economia vivenciados por muitas famílias, mulheres, jovens, mães, a colocam em desvantagem na hora de negociar com o parceiro o uso do preservativo, jovens mulheres que integram o contexto escolar e têm contato com este tipo de discurso e imagem.

Além disso, a escolha da imagem de uma mulher negra para a ilustração do livro, pode evidenciar o reforço da imagem da mulher negra como sendo mais “vulnerável” a se infectar pelo vírus HIV, além do fato de produzir a representação da vulnerabilidade feminina associada às mulheres negras, alvos de discriminação e exclusão social, cultural e econômica, reforçando discursos de preconceito e segregação³⁶:

Em todas as sociedades, em todo o mundo, mulheres assumem, com graus variados de consciência, passividade ou resistência, seu papel na reprodução de todos nós. Defrontam-

³⁶ Essa questão da discriminação quanto às mulheres portadoras do HIV/AIDS também atinge mulheres lésbicas, com pouca informação sobre as formas de prevenção a ONU têm notificado aumento do número de casos entre essas mulheres (REDE FEMINISTA DE SAÚDE, UNIFEM, 2003).

se quase sempre com escolhas difíceis, com poucas alternativas. Tomam decisões tendo que lidar com, ou mesmo enfrentar, médicos ou parteiras, preconceitos ou desinformação, crenças religiosas, dificuldades materiais e psíquicas, com riscos para a própria saúde, com consequências para o resto de suas vidas. (AMADO apud CARVALHO, 2003, p.114).

Também no livro “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”, de Canto (2009, p. 264), encontramos outra imagem da mulher negra ilustrando o capítulo dedicado a AIDS:

Figura 39 - Reprodução humana e responsabilidade



Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2009, p.264).

Trata-se de uma imagem de abertura do Capítulo intitulado “Reprodução humana e responsabilidade”, onde é demarcado o papel da mulher na promoção da família, bem como a sua responsabilidade para com a perpetuação da espécie, seus deveres e cuidados. A mulher negra, sozinha na ponte, com uma sombrinha vermelha, parece carregar o peso dessa responsabilidade, dos riscos, da dúvida quanto as suas escolhas e comportamentos, as quais, se não forem corretas, a levarão a morte, representada pela cor vermelha destacada em vários tons da imagem, a qual parece sugerir o seu sangue contaminado. Há um pequeno detalhe que parece especialmente importante: em uma das mãos ela traz uma bolsa preta e um pequeno papel branco dobrado, que poderia ser o resultado de um teste do HIV. Ela está só, ao lado da imensidão da água que a cerca.

No que diz respeito a falta de políticas públicas no que se refere a saúde da mulher, não foram encontrados registros nos livros analisados, apesar dos índices demonstrarem que elas têm sido as mais atingidas pelo vírus, tanto brancas como negras³⁷; principalmente as com pouca escolaridade, as desempregadas ou as que vivem rígidas ou violentas relações conjugais, com pouco acesso à programas de saúde, como pode ser evidenciado nos índices de Florianópolis/SC de 1996 a 2006, onde 30% das mulheres soropositivas exerciam ocupações como trabalhadoras nos serviços domésticos, nos serviços gerais, babás e no lar, com predomínio de mulheres casadas e de menor escolaridade (BASTIANI, et. al., 2012).

³⁷ Em 2013, segundo dados divulgados pelo Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, o país registrou 12 mil mortes em decorrência da AIDS, sendo que 17% eram mulheres negras e 14% homens negros.

Estes são dados importantes a serem pensados, já que o público alvo dos livros didáticos analisados são jovens entre 11 a 15 anos, de escolas municipais de Florianópolis³⁸, localizadas em bairros com grande vulnerabilidade social, violências, desprovidos de atividades de lazer, culturais, com dificuldades de atendimento na área da saúde. Filhos e filhas de mães solteiras, com pouquíssima escolaridade, em sua maioria jovens, desempregadas, domésticas, cozinheiras, trabalhadoras de serviços terceirizados de limpeza, que muitas vezes mantém sozinhas o sustento da família, tendo em sua maioria mais de dois filhos. Jovens que tem, muitas vezes, no livro didático, a única fonte de informação disponível sobre a AIDS/HIV.

O fato dos livros didáticos analisados responsabilizarem a mulher no que se refere as formas de contracepção e de prevenção no que diz respeito a AIDS, certamente influencia o processo de construção das identidades femininas e as formas das meninas/mulheres vivenciarem suas sexualidades, seus desejos, prazeres, dúvidas e conflitos, corpos que ainda travam lutas contra preconceitos, estigmas, para que não sejam mais “objetos de controle e vigilância, midiática ou espetacular, mas sujeitos da experiência e da ação” (ORTEGA, 2008, p.180).

³⁸ Dados disponíveis pelo censo escolar das escolas divulgados pela Prefeitura Municipal de Florianópolis em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/>.

5 GRAMÁTICA DO TERROR: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E IMAGÉTICAS PARA A PRODUÇÃO DO MEDO

*Senhoras e senhores
 Trago boas novas
 Eu vi a cara da morte
 E ela estava viva
 Eu via cara da morte
 E ela estava viva- viva!
 (Boas Novas- Cazuza, 1988).*

Feridas, sangue, tosse, catarro, vômitos, suor, dor, choro, a cara da morte. Os soropositivos, segundo os livros didáticos de Ciências analisados, veem a cara da morte. Seus corpos são retratados como aqueles nos quais não pulsa mais vida, fadados a uma morte sombria, vergonhosa e solitária, resultado de sua indisciplina, promiscuidade e desvios sociais,

O ato sexual não inquieta porque revela o mal, mas sim porque perturba e ameaça a relação do indivíduo consigo mesmo e a sua constituição como sujeito moral: ele traz com ele, se não foi medido e distribuído como convém, o desencadear das forças involuntárias, o enfraquecimento da energia e a morte sem descendência honrada (FOUCAULT, 1984, p. 124).

A relação direta entre a AIDS e a morte teve grande evidência a partir do final da década de 1980, através de

campanhas publicitárias vinculadas pela mídia do país e do mundo com *slogans* do tipo: “AIDS mata” e “AIDS não têm cura e mata”, representadas por imagens de casais fazendo sexo em cima de caixões ou com escorpiões, utilizadas, por exemplo, em campanhas da mídia na França entre 2004 e 2005³⁹ (GARCIA, et. al.,2011), uma alusão ao seu veneno fatal, num claro intuito de produzir sentimento como medo da doença e da morte (ARRAES, 2015, p. 144). A concepção da AIDS, como sendo a última fase da doença e, portanto, a mais grave e avançada, é traduzida, nos livros didáticos analisados, pelo seu caráter irreversível (SONTAG, 2007, p.94), como finitude vergonhosa, dolorida e estigmatizada como uma das piores moléstias da humanidade,

Existe uma história do sofrimento. Esta história das doenças conhece a febre conjuntural das epidemias. É uma história dramática que revela através dos tempos uma doença emblemática unindo o horror dos sintomas ao pavor de um sentimento de culpabilidade individual e coletiva: lepra, peste, sífilis, tísica, cancro e, num pequeno território fortemente simbólico, a SIDA (LE GOFF, 1997, p. 8).

Discursos que vinculam o sentimento do medo e da morte com relação à AIDS são encontrados amiúde nos livros didáticos de Ciências analisados, sempre reportando a ideia da AIDS como uma doença incurável e, portanto, sem saída. No livro “Nosso corpo”, de Gewandsznajder (2000, p. 223), a frase: “Infelizmente, não há vacina contra a AIDS”, dá o tom

39

de lamento de algo que não pode ser modificado. Nessa mesma linha foram publicadas reportagens na mídia e campanhas de prevenção sob o *slogan*: “A AIDS não tem cura, previna-se”, em 2005, 2012 e 2013. Atribuindo ao vírus todo o seu poder e potência de ação, tirando qualquer tipo de esperança ou possibilidade de cura mesmo ao longo prazo, o autor adverte:

Um dos problemas que dificultam o desenvolvimento de uma vacina é a grande capacidade que o vírus tem de sofrer mutações, produzindo novas variedades, contra as quais a vacina pode não ser eficiente (GEWANDSZNAJDER, 2000, p. 224).

Nessa mesma linha, em “Ciências Naturais no dia-a-dia”, Jenner (2005, p. 118) afirma que: “É exatamente por isso que toda a população deve ser conscientizada sobre o perigo desta terrível doença”; e mais adiante que “Infelizmente temos visto vários casos de fracasso dos medicamentos” (Id. *ibid.*, p. 120); “Enquanto a cura e a vacina não chegam, o melhor remédio é evitar o mal” (Id. *ibid.*, p. 121). Em “Ser humano e saúde”, de Valle (2005, p. 53), consta que “É extremamente importante prevenir-se contra a síndrome, pois ainda não foi descoberta a cura nem tampouco desenvolvida vacina contra o HIV”, e na atividade proposta aos/as alunos no livro “Ciências a vida na terra”, de Gewandsznajder (2005, p. 225): “Cite uma das razões que dificultam a produção de uma vacina eficiente contra a AIDS”, enfatizando a descrença na possibilidade da cura por vacinas ou medicamentos, já que não há cura/salvação para quem infringir as normas e convenções morais.

O sentimento de finitude da vida que a última fase do vírus representa é constantemente evidenciado mediante o uso

da palavra “morte⁴⁰”, como pode ser exemplificado no excerto abaixo, retirado do livro “Coleção Ciências e interação”, de Costa (2008, p. 80),

Em estágios mais avançados da síndrome, surgem diversas doenças oportunistas, que acabam levando o indivíduo à morte. O organismo fica tão debilitado que até mesmo infecções simples podem levar à morte.

Ou em frases do tipo: “Por que a AIDS mata tanto?”, presente em “Ciências: atitudes e conhecimento”, de Figueira & Condeixa (2009, p. 146); “Atualmente, um coquetel de remédios mantém a vida do doente, mas a AIDS continua sendo fatal”, encontrada em “Ciências: atitudes e conhecimento, de Figueira & Condeixa (2009, p. 220), fatalidade que sugere que os soropositivos estão “condenados a morrer, verdadeiros mortos em vida” (SOARES, 2002, p. 49). Tirei a frase, não tinha sentido, era contrária ao que se diz até então.

O sentimento da morte certa também aparece com força nas imagens selecionadas para compor as páginas dedicadas a AIDS nos livros didáticos, como na figura 42:

⁴⁰ Sobre o conceito de morte e sua relação com a doença, Machado (2001, p.56) destaca: “É o espaço discursivo do cadáver, considerado como interior desvelado, que agora faz ver a doença, é a clareza da morte que dissipa a noite viva da doença, permitindo o conhecimento das formas e das etapas das doenças. Foi quando a morte se integrou epistemologicamente à experiência médica que a doença pôde se destacar da contra natureza e ganhar corpo no corpo vivo dos indivíduos”.

Figura 40 - Doenças sexualmente transmissíveis: DSTs

Atividades de estudo de texto

1. Faça um levantamento entre seus colegas de sala para saber se nasceram por meio de parto normal ou por parto cesáreo. Qual foi o método mais comum?
2. Escreva a sequência de eventos do desenvolvimento intrauterino de um futuro bebê.
3. Identifique quais as funções para o embrião e depois para o feto das estruturas placenta, cordão umbilical e bolsa amniótica.
4. Escreva a sequência de eventos de um parto normal desde os primeiros sinais até o nascimento.
5. Quais são os riscos na gestação de adolescentes?

Antes de ler o texto, os alunos observam a tabela e verificam se conhecem algumas doenças descritas. Estimule-os a relatar o que já sabem sobre elas.

Doenças sexualmente transmissíveis: DSTs

As DSTs são causadas por organismos (protozoários, bactérias, vírus ou fungos) que vivem nas mucosas macias e úmidas do corpo humano, como boca, órgãos sexuais ou ânus. Esses organismos só conseguem sobreviver alguns segundos fora desse ambiente, por isso é difícil a transmissão de uma dessas doenças por meio de privadas, assentos de ônibus, piscinas, ou seja, fora do contato sexual íntimo. A maioria é conhecida há séculos, de algumas há relatos na Bíblia.

Nas últimas décadas do século XX, surgiu uma nova doença, ou síndrome, isto é, um conjunto de sintomas e doenças: a Aids. Ainda sem cura, mata anualmente milhares de pessoas, principalmente na África. A Aids, como é conhecida, ou a síndrome da imunodeficiência adquirida, é causada pelo vírus HIV. Como não

Laços vermelhos colocados na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, para marcar o Dia Mundial de Luta contra a Aids, 1º de dezembro. Segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids, desde 1981, quando surgiu o doença, a Aids já matou cerca de 25 milhões de pessoas no mundo.

Capítulo 7 Reprodução e saúde sexual

Unidade 2 – REPRODUÇÃO E SEXUALIDADE 143

Fonte: Ciências: atitude e conhecimento. Figueira Condeixa (2009, p.143).

A imagem com cores fortes e contrastantes, em verde e vermelho, localizada na parte inferior da página, refere-se a campanha realizada no Dia Mundial de Luta contra a AIDS no Brasil no ano de 2006. Nela aparecem laços vermelhos presos a

pequenos paus cravados na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, representam o número de pessoas que morreram de AIDS até 03/11/2006. O laço vermelho foi escolhido como símbolo da luta contra a AIDS, por sua ligação com o sangue e sua relação com a paixão⁴¹, diferente dos países da África, onde o mesmo laço significa o acolhimento, algo que se fecha como em um abraço a pessoas soropositivas. Os laços presos a paus cravados na grama verde, faz alusão à imagem de um cemitério e a linha do horizonte no final da imagem, onde aparece à ilustração em um ângulo menor, produz o sentido de imensidão dos laços fincados no chão.

A opção pela imagem de um cemitério em um pátio aberto, onde as pessoas caminham e se cruzam diariamente, parece querer provocar no/as leitores/as a ideia de um espetáculo a céu aberto. A partir do século XVIII, em nome da higiene, os cemitérios não mais foram localizados no centro da vida social das cidades, nas praças públicas, em meio ao burburinho dos transeuntes, foram levados para locais mais reservados, afastados (ARIÈS, 2012, p. 151), o que contribuiu para produzir sentimentos relacionados ao medo dos mortos, dos cemitérios, questão frequentemente representado nas telas dos cinemas.

Outra imagem já apresentada no capítulo anterior, mas cuja análise também cabe aqui, é representada pela figura 43, abaixo:

⁴¹ Para saber mais sobre a história da escolha do laço vermelho acesse: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,3132>.

Figura 41 - Reprodução humana e responsabilidade.



Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2009, p.264).

Mais uma vez o laço símbolo da luta contra AIDS está em destaque na imagem, onde ao fundo, no centro, vê-se apenas uma cruz como destino. A mulher caminha carregando uma bolsa preta em uma ponte sem início e sem fim, podendo-

se aludir que estaria sem saída, sem rumo, sob o infinito e as águas do rio. A cor sanguinolenta, utilizada no fundo, na sombrinha e no laço tomam conta da imagem, representando o sentimento de pânico, pavor e de preconceito relacionados a AIDS, o qual associado à figura da mulher caminhando só, parecem indicar o isolamento social e a vivência clandestina a que estão fadados os soropositivos. A imagem da ponte, também pode representar a metrópole, a cidade em movimento, sendo a ponte o limite desse caminho em transição e a mulher em cima dela o fim desse caminho, da sua própria trajetória. O cenário da ponte, do laço e da cruz ao centro dão, ainda, indícios da possibilidade de suicídio, pois como aborda Marquetti (2014) em seus estudos sobre os locais escolhidos para suicídios públicos na cidade de São Paulo,

As cenas suicidas organizam-se em torno do eixo comum, ou seja, todos os eventos ocorrem em cenários situados em ruas ou outros espaços públicos que são limites geográficos da metrópole (MARQUETTI, 2014, p.169).

A ideia de morte associada à AIDS frequente nos livros didáticos analisados, evidencia a tentativa histórica de reforçar a relação do erotismo, do prazer, do sexo como algo pecaminoso e perigoso, devendo a libido ser constantemente controlada e disciplinada com vistas a manutenção da vida,

Nota-se, então, que a importância atribuída ao ato sexual e às formas de sua rarefação se deve não somente aos seus efeitos negativos sobre o corpo, mas ao que ele é, nele mesmo e por natureza: violência que escapa à vontade, dispêndio que extenua as forças, procriação ligada à morte futura do indivíduo. O ato sexual

não inquieta porque releva do mal, mas sim porque perturba e ameaça a relação do indivíduo consigo mesmo e a sua constituição como sujeito moral: ele traz com ele, se não for medido e distribuído como convém, o desencadear das forças involuntárias, o enfraquecimento da energia e a morte sem descendência honrada (FOUCAULT, 1984, p.124).

Com o surgimento da AIDS a sexualidade passou a ser vinculada a possibilidade da morte eminente. Geiling (1995), adverte que as campanhas da AIDS tem sido usadas para amedrontar os jovens em relação a sua iniciação sexual, trazendo, regra geral, como *slogan* o incentivo à abstinência sexual como forma de punição. Nesse mesmo sentido, Venturi (1992) alerta que a consciência da letalidade da síndrome, é de longe, o principal fator gerador do medo de contraí-la, o que indica que só com a descoberta da cura e, principalmente de uma vacina, poderão despencar as taxas de temor até hoje observadas. O autor chama a atenção da relação do medo da doença, sobretudo por conta da questão social: “o medo em função da marginalidade a que são relegados os portadores do HIV, como a assistência médica, discriminação social e familiar”.

De acordo com Rodrigues (2006, p.82), a concepção do morto e da morte relacionada a AIDS desestrutura, é a antiestrutura que a sociedade não pode suportar:

A morte do outro é o anúncio e a prefiguração da morte de si, ameaça da morte do nós. Ela mutila uma comunidade, quebra o curso normal das coisas, questiona as bases morais da

sociedade, ameaça a coesão e a solidariedade de um grupo ferido em sua integridade.

Esse desvio, torna-se perigoso e ameaçador à ordem na medida em que revela o que é considerado letal e negativo às sociedades, questões polêmicas como o uso de drogas, sexo, prostituição, sexualidades escapam e vem à tona para serem ouvidas e tornarem-se visíveis, segundo Rodrigues (2006, p. 60):

Assim, tudo o que representa o insólito, o estranho, o anormal, o que está à margem das normas, tudo o que é intersticial e ambíguo, tudo o que é anômalo, tudo que é desestruturado, pré-estruturado e antiestruturado, tudo o que está a meio do caminho entre o que é próximo e predizível e o que é longínquo e está fora de nossas preocupações, tudo o que está em nossa proximidade imediata e fora do nosso controle, é germe de insegurança, inquietude e terror: converte-se imediatamente em fonte de perigo.

Uma das formas utilizadas pelos livros didáticos de Ciências, na tentativa de colocar o fora do padrão como maligno, é justamente reforçar a sua malignidade. Ao mesmo tempo, por não ter sido ainda erradicada, por escapar do “controle” e das formas de disciplinamento, a AIDS carrega todo o estigma negativo de uma doença, caracterizado pela utilização de termos como “fatal” ou “incurável”,

A AIDS configurou-se como a primeira entidade mórbida na qual a construção biomédica, simbólica e social aconteceram de

forma conjunta, colocando em evidência a problemática das relações estabelecidas entre o processo de simbolização e a adoção de práticas e comportamentos cotidianos (OLIVEIRA, 2013, p.3).

Materializada nos discursos textuais e imagéticos acerca dos corpos e dos comportamentos sexuais, a questão da morte relacionada a AIDS se faz presente nos livros didáticos, as vezes sutil, outras não tão sutilmente como comprovam os excertos apresentados.

5.1 Epidemia quantificada: a AIDS em números

O perigo e o risco do vírus da AIDS, ganham precisão ao serem apresentados através de dados que a quantificam, buscando chamar a atenção para o seu elevado malefício. Os números são anônimos, não tem um rosto, podem ser ou atingir qualquer um, uma tecnologia de poder aliada para produzir o discurso da prevenção e do autocuidado de um vírus que agora está cada vez mais próximo. Trata-se de estatísticas que ao mesmo tempo “sustentam os padrões da normalidade e produzem normatizações de posturas, de condutas, costumes, comportamentos e desejos, através de um verniz científico” (SENA, 2013, p. 157). A busca por informar através de dados, tabelas, gráficos, cada vez mais exatos com relação às doenças em geral, age como uma tecnologia de governo, dentro da qual os indivíduos são representados por números e classificações, onde o foco são os anormais, fora da ordem, desajustados,

mortos vivos, que compõem a “epidemia de números” (ABICHEQUER, 2007, p.26).

Para tentar controlar uma possível proliferação da epidemia e tentando cada vez mais localizar, quantificar, conhecer e controlar os sujeitos tidos como “contaminados” pelo vírus, os livros didáticos também lançam mão de gráficos, índices e tabelas, onde os números são a estratégia e o recurso dessa probabilidade sentenciada pela morte, como podemos observar nas seguintes informações: “Hoje existem diversos subtipos do vírus HIV e calcula-se que haja cerca de 100 milhões de pessoas infectadas”, veiculada no livro “Nosso corpo”, de Gewandsznajder (2000, p. 223); “Somente entre junho e agosto de 1997, houve um aumento de 5.808 casos de AIDS no Brasil. Segundo o Ministério da Saúde de 1998, até março de 2001 o Brasil registrou cerca de 210.447 casos de AIDS”, extraída de “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p.119); “Hoje aproximadamente 600 mil pessoas são portadoras do vírus HIV no Brasil”, de “Ciências Coleção e interação”, de Costa (2008, p.81), a informação veiculada no livro. Em “Projeto Araribá” de Cruz (2008, p.80),

Houve mais de cinco milhões de novas infecções em 2005. O número de pessoas vivendo com HIV no planeta atingiu seu maior nível, com cerca de 40,3 milhões de pessoas. Mais de três milhões de pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDS em 2005, dessas mais de 500 mil eram crianças.

Ou ainda, a informação veiculada no livro “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”, de Canto (2009, p. 275):

Em 2007 o UNAIDS estimou que 33,2 milhões de pessoas estavam infectadas com HIV em todo o mundo. Nesse mesmo ano, 2,1 milhões de mortes foram decorrentes da AIDS e ocorreram 2,5 milhões de novas infecções pelo HIV. Assim, a cada dia de 2007, cerca de 6.800 pessoas foram infectadas pelo HIV e 5.700 pessoas morreram em decorrência da AIDS.

Tais dados revelam números que não são controlados, extrapolam-se a todo o instante, escapam a uma quantificação exata, multiplicando-se a cada segundo. A tentativa de relacionar esses números aos sentimentos de medo, de risco e da morte, também é utilizada através de figuras e ilustrações, de modo a tornar evidente aos olhos dos/as jovens alunos/as a possível devastação que a AIDS, projetada em números, produz nos sujeitos, como sugere a imagem extraída de “Ciências: atitudes e conhecimento”, de Figueira & Condeixa (2009, p.97):

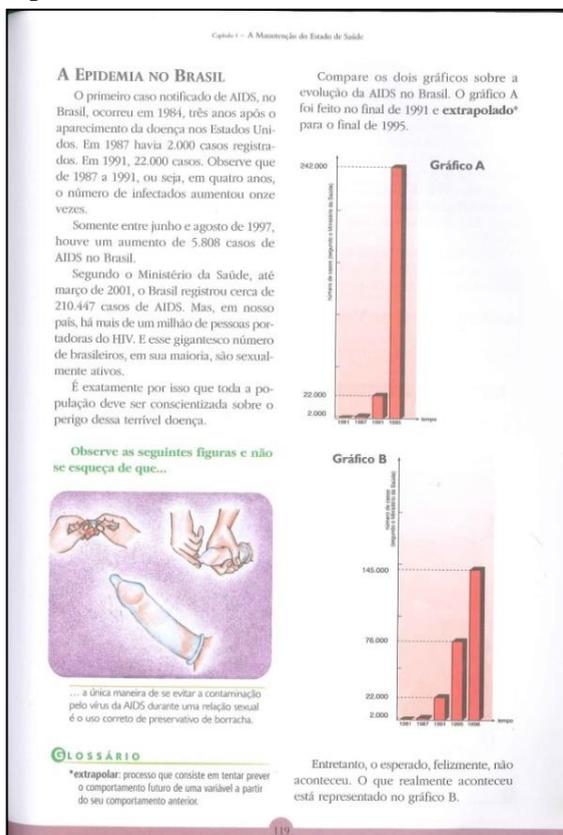
Figura 42 - Adultos e crianças vivendo com HIV em 2007



Fonte: Ciências: atitudes e conhecimento. Figueira & Condeixa (2009, p.97).

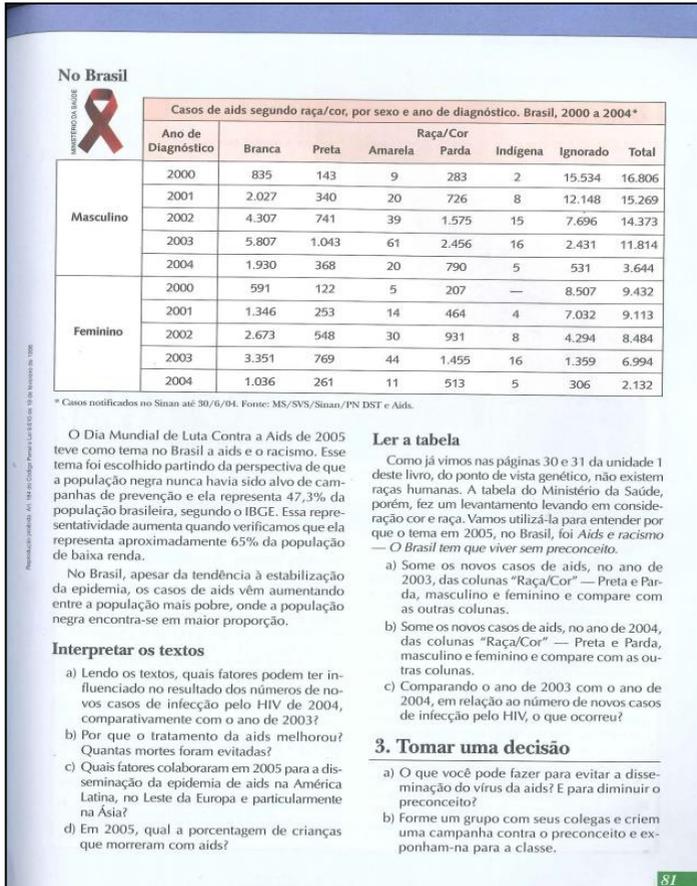
As tabelas e gráficos aparecem com frequência nos livros didáticos analisados, ilustrando o crescimento da AIDS no Brasil e no mundo, sempre utilizando-se de cores fortes, principalmente a vermelha, tanto para chamar à atenção do/a leitor/a na página, como para remeter à ideia do sangue derramado pelo número de mortes registadas pela AIDS:

Figura 43 - A epidemia no Brasil



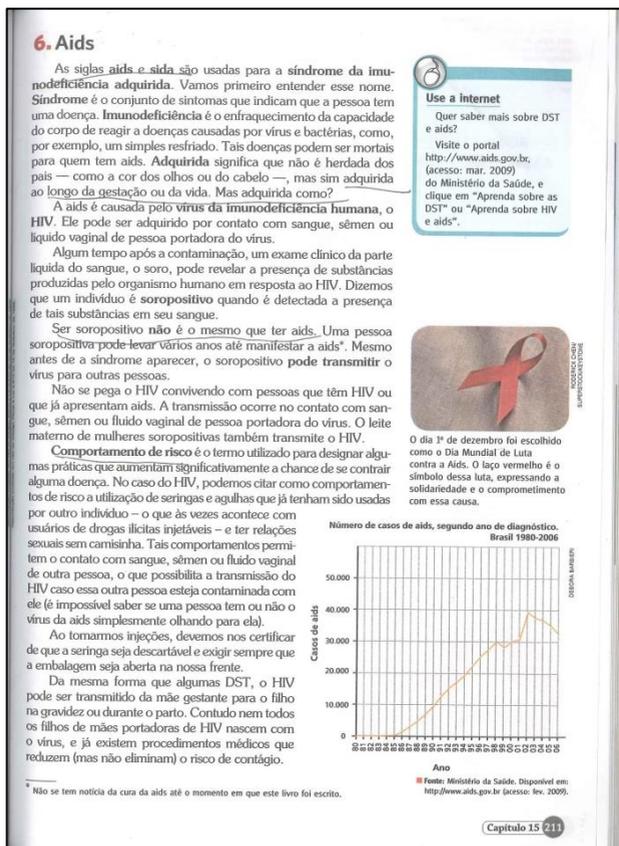
Fonte: Ciências Naturais no dia-a-dia. Jenner (2005, p. 119).

Figura 44 – Dados da AIDS No Brasil



Fonte: Projeto Araribá. Cruz (2008, p. 81).

Figura 45 - Número de casos da AIDS, segundo diagnóstico Brasil 1996-2006



Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2011, p. 211).

Nota-se que seja elas através de gráficos ou de tabelas, os números e o seu gradativo aumento é que ganham destaque. Não são dadas informações importantes e significativas para o/a leitor/a como, por exemplo, os números por idade e ou localidade. Apenas a tabela do livro “Projeto Araribá”, de Cruz (2008, p.81) apresenta os casos por raça/cor e sexo, mas de uma forma muito limitada, apenas masculino /feminino e adultos/ crianças. Essa tentativa de fixar o quantitativo, também pode ser evidenciada nas atividades sugeridas nos livros didáticos. O livro “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p. 120) apresenta a seguinte atividade: “Quantas pessoas poderão estar com AIDS, no Brasil, no ano de 2005, caso a evolução da doença se mantenha proporcional?”. “Vivendo Ciências”, de Luz & Santos (2002, p. 104), traz a seguinte atividade: “Quais os motivos que levaram ao aumento do número de infectados pela AIDS?”. O livro “Projeto Araribá”, de Cruz (2008, p. 81), tem como atividades:

- Lendo o texto, quais os fatores que podem ter influenciado no resultado dos números de novos casos de infecção pelo HIV de 2004, comparativamente com o ano de 2003?; - Em 2005, qual a porcentagem de crianças que morreram com AIDS?; - Some os novos casos de AIDS, no ano de 2003 e compare com as outras colunas.

“Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano”, de Canto (2011, p. 214), faz aos/as alunos/as o seguinte questionamento:

- Desde seu aparecimento no país, o número de casos da AIDS diagnosticados cresceu **sem**

parar até que ano?; - Qual foi o ano (de 1980 a 2006) com maior número de casos de AIDS diagnosticados no Brasil?.

Nota-se neste último exemplo que a expressão “sem parar” está em negrito, enfatizando a falta de controle em relação a disseminação da doença no Brasil, reforçando, desse modo, “a visão do HIV como um fenômeno epidemiológico sem mediação, no qual os sujeitos tornam-se simples elementos fatoriais de uma equação universal (GUIMARÃES, 2001, p. 17). A força dos gráficos e tabelas está justamente na ameaça em relação a possibilidade do risco a que todos/as de uma forma ou de outra estão submetidos e ao medo de vir a fazer parte destas estatísticas, o que traria o estigma, o preconceito e a morte.

5.2 Corpos em batalha contra o vírus: a gramática da guerra

Ao lado dos sentimentos relacionados ao medo da morte que os discursos textuais e imagéticos veiculados nos livros didáticos de Ciências pretendem produzir nos/as alunos/as do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental no que se refere a AIDS/HIV, encontra-se a gramática da guerra, seja a do corpo contra o vírus, seja a do vírus contra o corpo, guerra na qual o vencedor é sempre o vírus. A invasão da doença no corpo, de forma agressiva e incontrolável, é apresentada aos/as alunos/as através de palavras-chave relacionadas à guerra e ao combate, como por exemplo, “destruição”, “ataque”, “defesa”,

as quais reforçam sentimentos de medo e terror frente à doença, como no excerto de autoria de Gewandsznader:

O vírus HIV se liga a certas células do corpo humano. Entre essas células está um tipo de linfócito, que comanda uma série de reações de defesa do corpo. Uma vez dentro do linfócito, formam-se novos vírus que saem da célula e vão atacar outras células. Aos poucos, o vírus destrói o sistema imune, que defende o organismo de outras infecções. Com isso, a pessoa poderá ser atacada facilmente por diversos outros tipos de germes (2000, p. 223).

Vê-se nesse pequeno excerto, diversas expressões que representam a batalha entre um corpo “sem defesas” e um “vírus destrutivo”, como por exemplo: “defesa”, “atacar”, “destrói”, “defende”, “atacada”. Termos como “invasor” e “ataque” também foram encontrados na unidade “As armadilhas do vírus”, do livro “Ciências Naturais no dia-a-dia”, de Jenner (2005, p. 115):

A célula hospedeira, nesse caso, passa a viver, não em função de seus interesses vitais, mas em função das ordens recebidas do vírus invasor. Ao final do processo, ela é destruída e novos vírus são liberados, indo parasitar outros leucócitos. Após invadir o organismo, o vírus da faz AIDS notar sua presença, na forma de doenças secundárias, que atacam o seu hospedeiro.

Trata-se de uma nítida “tática de guerra” arquitetada pelo vírus. Tática também presente em “Vida e ambiente”, de Valle (2004, p. 55): “O HIV usa estratégias para sobreviver aos ataques. O vírus invade a célula, ordenando que ela produza cópias dele”. Nesse sentido, a ilustração incluída em “Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano” de Canto (2011, p. 214) é emblemática:

Figura 46 - Sátira

Trecho de folheto

2. Em um folheto informativo sobre aids afirma-se que “é crucial de comportamento de risco qualquer atitude que favoreça a contaminação pelo HIV”.

Usando o que você aprendeu ao longo deste capítulo, faça uma lista de comportamentos de risco.

Leia os itens que você listou para você e seus amigos e juntos elaborem uma lista única de do. Com base nessa nova lista, discutam com quem se deve fazer para não se expor ao de contaminação. Discutam, também, atitudes individuais ajudam a conscientizar população em geral sobre os comportamentos de risco que devem ser evitados.

Gráfico

As atividades 3 a 7 se referem à interpretação do gráfico da página 211.

3. Desde seu aparecimento no país, o número de casos de aids diagnosticados (detectados por médicos) cresceu **sem parar** até que ano?

4. A partir de então, esse número caiu até que ano?

5. Depois disso, o número de casos volta a subir **sem parar** até quando?

6. Qual foi o ano (de 1980 a 2006) com o número de casos de aids diagnosticados Brasil?

7. Tente propor uma explicação para o aumento do número de casos de aids.

Sátira

8. A imagem ao lado satiriza George Walker Bush, que foi presidente estadunidense de janeiro de 2001 a janeiro de 2009.

a) A sátira dá a entender que ele estava preocupado com que tipo de ameaça?

b) Que elemento presente na imagem justifica sua resposta anterior?

c) Na imagem, o que está tratando pessoas?

d) Qual é a mensagem que a sátira pretende transmitir?

AUTH



SEU APRENDIZADO NÃO TERMINA AQUI

Se restarem dúvidas, procure seu professor de Ciências e pergunte a ele o que tem interesse em saber. Ele poderá responder ou indicar fontes de informação apropriadas.

É importante buscar fontes adequadas de informação para aprender corretamente e usar o conhecimento para viver melhor.

Há revistas que tratam do tema sexualidade, mas nem sempre veiculam informações corretas ou verdadeiramente saudáveis. Há, também, certos programas de tevê e páginas da Internet que tratam o tema com sensacionalismo e induzem as pessoas a comportamentos de risco com relação às DST e à aids. Esteja atento a isso. Seja uma pessoa crítica.

214 Capítulo 16

Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2011, p.214).

Aproximando a imagem podemos percebê-la em seus detalhes.

Figura 47 - Sátira



Fonte: Ciências Naturais. Aprendendo com o cotidiano. Canto (2011, p.214).

Ao fundo, atrás de um homem segurando um míssil, está a figura da morte em preto, representando a AIDS, como se estivesse à espreita, esperando o melhor momento para atacá-lo. O míssil seria a arma de que o homem dispõe para defender-se, posto que ao seu lado, em um quadro branco lê-se: “Eu me preocupo com as possíveis ameaças” (CANTO, 2011, p.214). Ao lado da imagem, encontram-se quatro questões para

os/as alunos/as responderem, que no caso do livro do professor são assim respondidas:

1. Qual ameaça está presente na sátira?

Resposta: a guerra.

2. Que elemento presente na imagem justifica sua resposta?

Resposta: Os mísseis.

3. Na imagem, o que está matando as pessoas?

Resposta: A AIDS.

4. Qual a mensagem que a sátira pretende transmitir?

Resposta: Muitas pessoas morrem de AIDS no mundo.

A imagem da AIDS é diretamente relacionada à guerra e a morte, sendo o sujeito o responsável por isso, de acordo com suas escolhas e comportamentos. O uso da metáfora da guerra foi utilizado de forma mais ampla a partir do início da Primeira Guerra Mundial e do período pós-guerra, em campanhas publicitárias relacionadas à sífilis e à tuberculose. De acordo com Susan Sontag (2007, p. 86):

A metáfora dá forma à visão de uma doença particularmente temida como um “outro” alienígena, tal como o inimigo das guerras modernas; e a transformação da doença em inimigo leva inevitavelmente à atribuição de culpa ao paciente, muito embora ele continue sendo encarado como vítima. A ideia de vítima sugere inocência. E inocência, pela lógica inexorável que rege todos os termos relacionais, sugere culpa .

A autora do livro “As metáforas da imunologia: guerra e paz”, Ilana Löwy (1996), apresenta um levantamento da utilização da metáfora da guerra pelos/as pesquisadores/as da área da Imunologia, na construção do conhecimento imunológico desde o início das pesquisas nessa área até a atualidade. Segundo a autora, houve uma popularização do conhecimento imunológico que passa pela imagem da guerra, como por exemplo, a apresentação dos glóbulos brancos em livros científicos e didáticos como “sentinelas vigiando a chegada do inimigo”. Segundo Lowy, a associação da Imunologia à metáfora da guerra tem origens na “ciência pasteuriana⁴²”, sob a imagem do corpo que combate invasores estranhos e ameaçadores. O próprio termo imunidade contra doenças infecciosas, também foi emprestado da linguagem militar, invocando ainda a existência de hierarquias e diferenças entre os sujeitos.

A predominância das imagens de guerra na descrição das doenças infecciosas não foi sempre aceita por todos, o médico polonês Wladyslaw Bieganski, por exemplo, partidário de uma percepção funcional da doença, criticou vigorosamente, em seu livro “Problemas gerais da teoria das ciências médicas”, de 1897, a linguagem de guerra então em voga:

Se a doença é uma perturbação das funções induzida pela ação de um estímulo patológico,

⁴² A associação da linguagem da guerra com a imunologia se estabeleceu em 1890, quando Pasteur convidou o zoologista russo Iliá Metchnikoff a se instalar no *Instituto Pasteur* a fim de se dedicar aos estudos sobre os mecanismos de resistência às doenças infecciosas (LÖWY, 1996, p.20).

é totalmente desprovido de sentido falar sobre este tópico como luta, tanto quanto é desprovido de sentido expressar dessa maneira a nossa compreensão de um fenômeno fisiológico. Ninguém afirmará que a digestão é uma luta do organismo contra a comida; ninguém deveria afirmar que a inflamação é uma luta... A doença não é, portanto, uma luta, mas uma reação do organismo aos estímulos, e a diferença entre luta e reação é enorme. Nós não teríamos feito nenhuma objeção à uma utilização puramente metafórica da palavra “luta” para a compreensão das doenças. Entretanto, este não é o caso. A doença é descrita como uma verdadeira luta, e mesmo como uma batalha planejada entre uma armada de fagócitos e as bactérias (LÖWY, 1996, p.21).

Desde o século XIX à atualidade, a concepção da Imunologia oscila entre as metáforas da guerra, que descrevem os mecanismos de imunidade como uma arma defensiva, e as representações do “sistema imunológico” como um mecanismo fisiológico de base do organismo. Mesmo com o advento da “nova Imunologia” e da percepção da imunidade como um sistema fisiológico mais complexo, a visão da imunidade como uma ‘luta do organismo contra as doenças’ ainda perdura no imaginário e registros médicos e científicos da área (ANDRADE, 2001).

A AIDS, grave imunodeficiência, foi percebida inicialmente como uma síndrome complexa e multicausal. A descoberta de que ela seria de fato uma nova doença infecciosa promoveu a proliferação da imagem da guerra, o que tornou a AIDS o resultado do ataque de um vírus particularmente virulento. Estas imagens induziram descrições populares da

doença pela mídia e também orientaram as representações profissionais desta doença. A patologia da AIDS foi analisada como resultado de uma agressão direta das partículas virais contra o sistema imunológico e o sistema nervoso. Essa concepção da AIDS, como o resultado de uma interação complicada entre fatores externos e internos, não aboliu a imagem anterior da doença, como consequência de um ataque de uma força hostil e algumas estratégias de terapia e prevenção, continuaram fundamentadas sobre a imagem da guerra (ANDRADE, 2001).

O uso da metáfora da guerra foi e continua sendo amplamente utilizado pelos/as pesquisadores/as da área da Imunologia e, como vimos, pelos/as autores/as dos livros didáticos de Ciências, que devem basear-se nas obras científicas de referência para elaboraram seus livros didáticos.

No que se refere especificamente aos inimigos, ou seja, aos causadores da AIDS, Arraes (2015, p. 253), aponta a tese construída nos anos 1980, nos Estados Unidos, de que foram os imigrantes haitianos os culpados pela disseminação do vírus do HIV e por “terem posto a nação capitalista em perigo”. Nesse sentido, foi publicada pelo congresso dos Estados Unidos, durante o governo *Ronald Reagan*, uma lei que proibia a entrada de imigrantes que tivessem o vírus HIV no país. Estabeleceu-se, assim, a relação do vírus como sendo o resultado e problema das atitudes de um “outro”, o “estrangeiro”, fora dos padrões sociais que “invade” a cidade e os corpos com a sua “impureza” e a contamina.

Incorporada aos livros didáticos de Ciências analisados, a gramática da guerra traz subjacente o discurso de que na batalha travada pelo corpo, o vírus sairá sempre vencedor. Nela o corpo é retirado do sujeito e torna-se o palco de outros significados,

Definido como o sistema de confronto, metaforizado por defesa e ataque, simbolizado por exércitos e soldados, auxiliares e comandantes, sentinelas, inimigos, invasores, mensageiros, sejam eles, visitantes indesejados, bactérias, parasitas, micróbios, vírus (BASTOS & GONZÁLEZ, 1996, p. 185).

Esquecem-se, porém, os/as autores/as destas obras de informar ao seu leitor/a que tal metáfora é apenas uma ferramenta utilizada para explicar um conceito teórico e abstrato, a qual tem sua origem nos estudos da área da Imunologia, como apresentado anteriormente. Sem qualquer informação acerca disso, a compreensão e o sentimento produzido nos/as alunos/as acerca da guerra travada vai depender do tipo de informação que eles/as tiveram anteriormente a respeito do que seria uma guerra, uma batalha, ou uma luta, e do que isso representa para eles/as, no seu dia a dia. Irá depender, sobretudo, da abordagem dada pelo/a professor/a na sala de aula. Para Bachelard (1996, p.48), “uma ciência que aceita imagens é mais que qualquer outra, vítima de metáforas”, por conta disso, defende que “o espírito científico deve lutar sempre contra as imagens, contra as analogias, contra as metáforas”.

Diante de tais discursos é no mínimo paradoxal o fato de que a despeito do forte investimento dos livros de Ciências do 6º ao 9º ano na questão do terror associado à AIDS cada vez mais jovens tornam-se portadores do vírus do HIV a partir dos 13 anos de idade no Brasil, conforme o Boletim Epidemiológico de 2013, já citado. Se cruzarmos esse dado com o quadro de frequência do endereçamento do conteúdo da AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano

utilizados na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, vemos que 13 anos é a idade em que geralmente o/a aluno/a do ensino fundamental encontra-se na 7ª série, período em que os conteúdos relacionados a AIDS são veiculados com mais frequência nos livros de Ciências, conforme o quadro abaixo:

Quadro 6 - Frequência do endereçamento do conteúdo da AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano (2000 a 2011)

2000 a 2011	6ª série	7ª série	8ª série/ano	9º ano
Frequência do conteúdo da AIDS	5	7	2	2

Fonte: produção da própria autora com base em levantamento realizado nos livros didáticos analisados.

Tais conteúdos não estariam tendo o efeito de desejado? Os sentimentos relacionados ao medo e a morte certa não estariam subjetivando-os? Ou, ao contrário, estariam estimulando-os ao perigo e ao risco? Segundo Szajdenfisz & Sadala (2010, p. 256), a fase do adolescer se caracteriza por momentos de escolhas, de dúvidas e de descobertas:

A adolescência tem sido valorizada como uma categoria que exige atenção especial, considerando-se as mudanças subjetivas que se colocam para o jovem por ocasião das transformações pubertárias em que se vê enredado e das transformações sociais que ensejam novas construções para esse universo adolescente.

O século XXI tem exigido dos adolescentes atitudes cada vez mais rápidas, baseadas no consumo volátil de objetos, de sensações e de relações amorosas. Nesse ritmo cada vez mais frenético, eles/as buscam incessantemente por novidades, sem medo do risco e do perigo. Para Le Breton (1991), o jogar com o risco, com a morte entre os/as adolescentes é uma forma de afirmar a própria existência, um estímulo para à continuidade da sua existência.

O próprio “medo da AIDS” vem diminuindo entre os jovens, como pode ser verificado nos títulos das reportagens da “Revista ISTOÉ” e no jornal “Folha de São Paulo”, publicadas entre 2013 à 2015: “A AIDS não é mais a mesma”; “Por que os jovens não usam camisinha”; “A turma que não tem medo da AIDS”. Mais recentemente, surgiram programas no canal *Youtube*⁴³, onde jovens relatam de forma “divertida” e em um tom despreocupado, como convivem com a AIDS.

O fato é que para o adolescente expor-se ao risco, ao perigo, ao proibido enfim, oferece forte atração. Seja através de práticas sexuais sem uso de camisinha, da prática de esportes radicais ou do uso de drogas cada vez mais potentes e desconhecidas, expor-se ao perigo configura-se, segundo Ortega, “como uma resposta à obsessão por comportamentos e estilos de vida sem risco” (2008, p.33). Assim,

Como mediar o prazer com a intervenção de um dispositivo como o preservativo? Como lembrar em um momento de intenso prazer, que existe risco de se infectar com o vírus HIV? Como ser racional e pensar nas

⁴³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQjsktE0UR4>.

probabilidades no momento de prazer que se sente? (ARRAES, 2015, p. 297).

A sociedade criou a ilusão da liberdade de escolha, da autonomia, e ela mesma criou os limites, as regras e normas para essa suposta liberdade que, ao serem transgredidas, trazem a punição. Em entrevista à Agência de Notícias da AIDS, o Jornalista Leonardo Sakamoto relatou que em conversas com grupos de jovens, constatou que para a maioria deles a camisinha não previne de forma eficaz as doenças sexualmente transmissíveis, e que a AIDS não é mais algo tão preocupante, pois acham que conviver com ela é fácil, devendo-se apenas fazer o uso da medicação (20/02/2015).

Outra pesquisa realizada pelo psicólogo Renato Caio dos Santos, da Faculdade de Saúde Pública da USP, apresentada à Agência de Notícias da AIDS concluiu que os casos da HIV vêm crescendo no Brasil entre jovens, principalmente nas regiões Sul e Sudeste do país (03/11/2015). A cada hora, 10 pessoas são infectadas com HIV na América Latina, e o Brasil é responsável por metade dos casos, sendo um terço dessas novas infecções entre jovens de 15 a 24 anos, segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015). Em 2004 haviam sido identificados cerca de 9,5 casos de HIV entre jovens de 15 a 24 anos para cada 100 mil habitantes e em 2014 esse número subiu para 13,4 casos por 100 mil habitantes, com alta de 41% (Id. Ibid.)

Esses dados comprovam o quanto é importante produzir estratégias didáticas e tecnológicas que se aproximem das realidades desses/as alunos/as para a aprendizagem necessária enquanto política de prevenção, já que o conhecimento adquire significado quando é baseado em um contexto social próximo e

cotidiano, onde se possa posicionar-se frente a ele com atitudes e práticas favoráveis de prevenção, “associando a AIDS com o lúdico, o prazer, e a partir daí internalizar uma cultura de prevenção e cuidado” (SEFFNER, 1998, p.57).

Nesse sentido, faz-se necessário rever os discursos veiculados nos livros didáticos de Ciências, avançando para além de uma abordagem apenas biomédica, prescritiva, punitiva, excludente e ou heteronormativa, em direção a um discurso alicerçado em uma relação de confiança, diálogo e acolhimento.

Como no título da música “Trago boas novas”, de Cazusa, um dos primeiros artistas brasileiros a confessar que tinha AIDS, é preciso um diálogo e uma informação positiva a respeito do vírus do HIV e da AIDS, um olhar sem estigmas, preconceito, que perceba a vida.

6 EXPECTATIVAS E POTENCIALIDADES: CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CONTEÚDO DA AIDS PRESENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Senhores, A razão que me leva a apresentar-vos esta obra é tão justa- e quando conhecerdes seu desígnio, estou certo de que tereis o também justo desígnio de tomá-la sob vossa proteção - que penso nada melhor poder fazer, para torná-la de algum modo recomendável a vossos olhos, do que dizer-vos, em poucas palavras, o que me propus nela (DESCARTES, 1962, p. 105).

Essa pesquisa teve como objetivo analisar uma série de 16 livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, adotados pelas escolas da região norte do município de Florianópolis, entre 2000 e 2011, com o intuito de problematizar e desentranhar as gramáticas que os discursos selecionados, através das imagens, textos e atividades presentes em tais livros acerca do conteúdo da AIDS, pretendem produzir nos/as alunos/as, muito particularmente as relacionadas aos sentimentos e as emoções.

De acordo com as perspectivas teóricas da análise dos discursos, do *Affective turn*, e da gramática visual, foi possível identificar os discursos veiculados por estes livros através de gramáticas da AIDS, seja a partir de uma gramática do risco, de uma gramática do medo ou de uma gramática da guerra, as

quais enunciam práticas de prevenção, normatividade e controle dos corpos para a produção do sujeito saudável.

Inicialmente foram discutidas as políticas educacionais relacionadas ao livro didático firmadas a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), dando-se especial ênfase ao direito de escolha dos livros didáticos concedido aos professores/as a partir de 1988, o que implicou em tensionamentos políticos e econômicos envolvendo, principalmente as grandes editoras do mercado editorial brasileiro, com relação a sua compra e formas de distribuição gratuita a partir de 1993.

Nesse sentido, verificou-se o quanto o investimento das editoras nos projetos dos livros didáticos envolve múltiplas questões - políticas, econômicas e editoriais - as quais são marcadas por intenções bastante particulares, que podem ser percebidas, por exemplo, nas modificações que o conceito de ciência teve ao longo dos anos nos livros analisados - desde uma ciência exata, com ênfase no caráter biológico do corpo, até uma concepção de ciência preocupada com as relações do homem com o ambiente - ou nas capas escolhidas para os livros, com forte conteúdo emocional, mesclando sentimentos entre o medo do desconhecido, o risco e a proteção. As estratégias das editoras, contudo, se estendem para além destes quesitos, conforme verificado, influenciando na seleção feita pelos/as professores/as, a partir de visitas prévias de seus representantes às escolas, onde são apresentados as obras.

Após esta análise inicial sobre o périplo dos livros até chegar as escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, debruçei-me sobre os discursos veiculados nos capítulos e unidades dedicadas a AIDS/HIV, buscando desentranhar as gramáticas neles subjacentes, gramáticas

entendidas como enunciadoras de práticas, saberes e sentimentos que interpelam os sujeitos.

O primeiro passo em relação a este intento foi o de verificar o espaço reservado ao conteúdo da AIDS nos livros didáticos e o quanto este estava relacionado ao espaço que a síndrome teve na mídia no período estudado. Nesse sentido, foi constatado que o número de páginas destinadas ao conteúdo da AIDS nos livros didáticos do 6º ao 9º ano analisados sofreu uma queda a partir de 2009, ano em que as campanhas midiáticas de prevenção a AIDS sofreram uma significativa diminuição no país, tendo em vista o discurso generalizado de que a síndrome estaria controlada. No mês de dezembro de 2012, por exemplo, foram publicadas pelos jornais “O Globo” e a Folha de “ São Paulo”, inúmeras reportagens com títulos do tipo: “O fim da AIDS no Brasil” ou “Brasil pode ser o primeiro país a derrotar a AIDS⁴⁴”, respectivamente. Discursos como estes, que abundaram na mídia escrita e falada entre os anos 2010 e 2012 certamente influenciaram os/as autores/as dos livros a diminuir a sua preocupação com a questão, o que pode ser constatado na redução, regra geral, das três páginas até então reservadas ao tema para apenas uma.

Constatou-se, não obstante, que essa despreocupação em relação a questão por parte dos/as autores/as dos livros, estava em desintonia com os dados apresentados pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIVAIDS

⁴⁴ Seguindo esse discurso, em 2015, houve uma avalanche de informações veiculadas pela mídia, como por exemplo, “ Governo afirma que a epidemia da AIDS está relativamente estabilizada”, publicada pelo estado do Rio de Janeiro em 2015; “Pesquisador espanhol afirma que a epidemia da AIDS está perto de ser controlada”, publicada no *site* Terra em Julho de 2015; “Mundo detém a AIDS”, publicada no *site* Terra em Julho de 2015.

(UNAIDS), de 2011, os quais apresentavam um aumento bastante preocupante de pessoas que haviam contraído vírus HIV em todo o mundo. Estava também em desarmonia com os dados publicados no mesmo ano pelo Boletim Epidemiológico do Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde brasileiro, o qual denunciava que a taxa de casos de AIDS entre a faixa etária de 13 a 19 anos no Brasil teve um aumento expressivo, passando de 2,9% em 2002 para 6,7% em 2014, no que se refere ao sexo masculino e de 1,2% em 2002 para 4,2% em 2014, em relação ao sexo feminino⁴⁵.

Quanto ao conteúdo prescritivo e normativo identificado nos títulos dos capítulos e das unidades relacionados à temática, bem como as imagens selecionadas para a abertura dos/as mesmos/as, observou-se o trato da sexualidade e dos desejos como algo perigoso e a se prevenir a todo instante em nome de padrões de comportamento considerados saudáveis e desejáveis. Os desejos do corpo, as suas descobertas e a sexualidade são colocados sob risco e vigilância, através de um discurso direcionado ao controle do corpo e de seus impulsos.

A respeito das diferentes abordagens do conteúdo da AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano, percebeu-se a presença de “sintomas” de discursos estigmatizantes e, em alguns casos, equivocados. Há nos 16 livros analisados diferentes entendimentos sobre o surgimento da síndrome, sobre a sua conceitualização, formas de transmissão, contágio e prevenção, sendo em geral, veiculado o

⁴⁵ Dados disponíveis em:

http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2015/58534/boletim_aids_11_2015_web_pdf_19105.pdf.

entendimento da AIDS como uma doença e não como uma síndrome, ou seja, como um conjunto dos sintomas adquiridos pela AIDS.

Ademais, é reforçado peremptoriamente, o entendimento da AIDS como consequência de comportamentos desviantes e de riscos constantes. A culpa, o medo e o terror são sentimentos que afloram dos discursos veiculados, sedimentados no entendimento de que o corpo precisa ser constantemente controlado, vigiado e disciplinado por práticas preventivas de modo a produzir uma gramática prescritiva sobre os sujeitos. Ao mesmo tempo, a AIDS é atrelada a uma morte dolorosa e sem esperança, cujos sintomas evidenciariam as consequências de uma vida e, muito particularmente, de práticas sexuais consideradas desviantes, marginais.

Há, ainda, nos capítulos e ou unidades relacionados a AIDS/HIV um forte discurso homofóbico, que culpa direta ou indiretamente um “grupo de risco” pela epidemia, utilizando termos e imagens que a relacionam a atitudes consideradas desviantes ou fora do padrão, onde a homossexualidade é identificada como o “outro”, considerado “estranho”, do qual deve-se manter distância por causar risco e ameaça ao padrão heteronormativo.

A feminização da AIDS nos livros didáticos de Ciências foi uma das principais revelações desta pesquisa, representada não só através de discursos textuais mas sobretudo imagéticos. Nesse sentido, chamou a atenção a preferência dos autores/as dos livros pela veiculação de imagens de mulheres para representar a síndrome, seus sintomas, formas de prevenção e risco, uma gramática que coloca a mulher como responsável pela disseminação da doença, seja porque a ela caberia a tarefa de prevenir o contágio - através da decisão sobre o uso da camisinha - seja

porque o seu corpo é tido como objeto de maior facilidade para a transmissão da AIDS.

A gramática do medo atrelada a do sangue e a da morte foi constatada pela presença significativa de imagens que reforçam a questão da morte, seja pelas ilustrações e as cores nelas utilizadas – geralmente o vermelho, que remete a ideia de sangue - seja pela linguagem demarcada por tons sombrios e apocalípticos com relação à AIDS. A linguagem obscura e negativa infere ao corpo uma situação de fragilidade, impotência e letalidade diante de um vírus que torna-se cada vez mais potente e fora de controle. Nesse sentido, a utilização da metáfora da guerra para referir-se a síndrome, através de palavras relacionadas ao ataque, a defesa, a disputa, a invasão e ao inimigo, concorrem para produzir gramáticas que anulam qualquer possibilidade de sobrevivência do corpo ao vírus, o que não é verdadeiro.

Diante das conclusões obtidas, aponto ser urgente a revisão e aperfeiçoamento do sistema de avaliação adotado pelo PNLD no sentido de rever, e atualizar os conteúdos sobre a AIDS veiculados nos livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental. Faz-se necessário, dentre outros, desconstruir discursos relacionados a sexualidade ligada ao sexo enquanto reprodução, ao gênero e a estereótipos quanto ao papel das mulheres nas relações sexuais e em relação ao seu próprio corpo, a homossexualidade, bem como possibilitar aos leitores/as os direitos garantidos aos soropositivos e, ainda, disponibilizar conhecimentos sobre os avanços dos estudos sobre a síndrome, muito particularmente sobre os medicamentos contra o HIV/AIDS.

Não pretendi com esta pesquisa tentar descobrir uma verdade que estaria encoberta ou escondida a respeito dos discursos sobre a AIDS nos livros didáticos de Ciências do 6º

ao 9º ano, mas dar pistas à novas possibilidades de se olhar para os objetos e materiais utilizados no contexto escolar. Creio que os saberes prescritos pela escola e seus artefatos de poder devem ser, permanentemente contestados, subvertidos, desafiados, demonstrando que tanto as identidades quanto as subjetividades são mutáveis e históricas.

É necessário reconhecer que os discursos, textuais e ou imagéticos veiculados nos livros didáticos são polissêmicos e sujeitos a múltiplas leituras através da perspectiva das quais são olhados/lidos. Textos e imagens polissêmicas, revestidos de detalhes e códigos que permitem um olhar multidisciplinar sobre eles, a partir de concepções do afeto, da ciência, da biologia, das sexualidades, das relações de gênero.

Conforme vem sendo divulgado pelas fontes governamentais como IBE, OMS, está havendo no país um aumento gradativo do número de casos de AIDS entre jovens, na faixa dos 13 aos 24 anos, cabendo à escola, o desafio de informar para a prevenção sem que se imponham práticas comportamentais, discursos estigmatizantes, excludentes e ou preconceituosos, que contribuem, por exemplo, para legitimar a heteronormatividade. entre os jovens, pelo contrário, aumenta de forma gradativa.

O ensino de Ciências, da saúde e da sexualidade envolve conflitos, rupturas e (des)construções entre a linguagem cotidiana, a científica e a abordada nos livros didáticos. Nesse sentido, professores e professoras precisam estar atentos/as aos discursos textuais e imagéticos legitimados pelos livros didáticos. É preciso combater as metáforas e gramáticas do medo, do terror e da morte associadas a síndrome da AIDS, é “necessário desmascará-las, criticá-las, desgastá-las” (SONTAG, 2007, p. 150). É preciso compreender

o corpo vivo, pulsante, que foge, escapa, que com toda sua força busca o tempo todo permanecer vivo.

Por fim, desejo que as conclusões obtidas com esta pesquisa auxiliem os/as professores/as de Ciências do Ensino Fundamental nas suas escolhas dos livros a serem adotados nas salas de aula, que possam causar (des) construções acerca dos discursos que são veiculados sobre a AIDS/HIV nas escolas, através dos livros didáticos de Ciências, tais como doença e medo, doença e terror, doença e guerra, morte certa, sexualidade e risco, homofobia, feminização da AIDS, discursos que consideram o outro, o diferente, o estrangeiro como causador de riscos a tranquilidade normalizada. Que possibilitem a construção do respeito as diferentes formas de se vivenciar as identidades e as sexualidades, subvertendo práticas e discursos excludentes e discriminatórios.

Que a caneta localizada na capa desta tese, representando uma seringa - cujo líquido vermelho remete a ideia de sangue - tão presente nas imagens dos livros didáticos analisados - possa “contaminar” de forma positiva e diferente da apresentada nos livros didáticos analisados. Que com ela os/as leitores/as possam rabiscar, desenhar e ensaiar novas linhas de fuga e percursos como prática de liberdade e artistagem.

REFERÊNCIAS

ABICHEQUER, Aline. **Só se pega essa doença quem quer?:** tramas entre gênero, sexualidade e vulnerabilidade à infecção pelo HIV/AIDS. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre. 2007.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer:** o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AIDS-BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. **Ministério da Saúde no Brasil.** Brasília, Ano 11, n.03, ago. 1998.

AMARAL, I.A Os fundamentos do Ensino de Ciências e o livro didático In: FRACALANZA, H. e MEGID NETO, J. (orgs.). **O livro didático de Ciências no Brasil.** Campinas: Ed. Komedi. 2006. p. 83-123.

AMORIM, Grazielle Regina. **GAPA:** história e as construções e metáforas da AIDS (1987-1991). Trabalho de Conclusão (graduação) — Curso de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

_____. **Outsiders do bairro Trindade:** “pacto da morte” ou “ganguê da Aids”? Para além da construção de um episódio. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ANDRADE, Beatrice L. **O ensino do sistema imunológico: da metáfora à analogia da guerra.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Ciências da Educação, UFSC. Florianópolis, 2001.

APPLE, M. W. Cultura e comércio do livro didático. In: APPLE, M. W. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 81-105.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da idade Média aos nossos dias.** RJ: Nova Fronteira, 2012.

ARRAES, Grazielle Regina de Amorim. **Entre o desejo e a culpa: a transformação do comportamento sexual e as mudanças da noção de risco nas campanhas de prevenção à AIDS no Brasil (1981-2013) e Estados Unidos durante a década de 1980.** Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em História. UFSC, Florianópolis, 2015.

ARRUDA, Guilhermina M.; SILVA, Carla Maria de S. C. A formação do profissional de Biblioteconomia frente às novas tendências do mercado globalizado. **Encontros Bibli,** Florianópolis, n. 6, p. 1-11, set., 1998. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14700604>>. Acesso em: 06 de dezembro de 2015.

ATHANASIOU, Athena; HANTZAROULA, Pothiti; YANNAKOPOULOS, Kostas. (orgs). Towards a New Epistemology: The “Affective Turn. **Historien,** v. 08, The National Documentation Centre, 2008. Disponível em: <<http://www.historeinonline.org/index.php/historein/issue/view/4>>. Acesso em: dezembro/2013.

AXT, Bárbara. 25 anos de Aids. **Revista Super Interessante**, São Paulo, p. 67-71, mar. 2006.

AYRES, José Ricardo de Carvalho (et al.). Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: Campos, Gastão W. de Souza (et. al.). **Tratado de Saúde Coletiva**. SP: Hucitec, Rio de Janeiro. E. Fiocruz, 2009.

BACHELARD, Gastón. **A formação do espírito científico**. Paris: Librairie Philosophique, 1996.

BADANELLI, Ana Maria. La investigación histórica com manuales escolares: ventajas y limitaciones. **Revista Linhas**. Florianópolis, v.11, n,02, p.46-67,jul./dez., 2010.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. P.47-83.

BASTIANI, Janelice de Azevedo Neves; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. Aspectos epidemiológicos da AIDS em Florianópolis/SC, Brasil. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 569-575, 2012.

BASTIANI, Janelice de Azevedo(et. al.). Pessoas que vivem com HIV/AIDS em Florianópolis/SC, Brasil: ocupação e status socioeconômico ocupacional (1986-2006). **Revista eletrônica Enfermagem**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 579-587, jul./set., 2012.

BASTOS, Cristiana; GONZÁLEZ, Alfredo. Cravado na pele, o hospital. Fronteiras do corpo em dias de SIDA. In: ALMEIDA, Miguel Vale (org.). **Corpo presente**. Treze reflexões antropológicas sobre o corpo. Oeiras, Celta Editora, 1996.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, FAPESP, 1999. p.529-575.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENITO, Agustín Escolano. **El manual como texto**. Pro-Posições. Campinas, v.23, n.3, p.1-9, set./dez., 2012.
BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BORELLI, S.H.S. & SOARES, R.L. Aids e prevenção: balanços e perspectivas das estratégias de comunicação. **Relatório Final do Projeto de Pesquisa Alfa-Educom/Comunidade Européia**. São Paulo: PUC, 1998.

BRASIL. **Ministério da Educação MEC**. Programa Nacional do Livro Didático PNL. 2011, Histórico. Disponível em:<<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 05 abr.2013.

BRASIL, Vera Vital. **Uma experiência de desnaturalização da morte no contexto da AIDS**: a clínica do acontecimento. Impulso. Revista de Ciências Sociais e Humanas. Piracicaba, São Paulo, 2002. p. 109-130.

CANGUILHEM, Geroges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CARVALHO, João Alberto. **O Amor que Rouba os Sonhos.** Um estudo sobre a exposição feminina ao HIV. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CARVALHO, M. M. C.- Manuales de pedagogía, materialidade de lo impreso y circulación de modelos pedagógicos en el Brasil. **Revista Colombiana de Educación**, [s.l.], v.52, p.91-136, 2007.

CASSAB, M. & MARTINS, I. Significações de professores de Ciências a respeito do livro didático. **Ensaio**, [s.l.], v.10, n.1, 2008.

CAZETTA, Valéria. As cores-geo-grafias em pina: para fazer a geografia dançar 1. **Entre-lugar**, Dourados, MS, ano 4, n.7, 1 semestre, 2013, p. 21-31.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis, Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora UNESC, 1999.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e pesquisa.** São Paulo, p.549-566, set./dez., 2004.

CLOUGH, Patricia; HALLEY, J. (org). **The affective turn: theorizing the social.** Durham: Duke University Press, 2007.

_____. The affective turn. In: GRECC, Melissa; SEIGWORTH, Gregory (org.). **The affect theory reader.** Durham: Duke University Press, 2010. p. 206-225.

- CORAZZA, Sandra Mara. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis, Vozes, 2001.
- CORBIN, Jean-Jacques C. & VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar. O século XX.** Petrópolis: Vozes, 2009.
- CORRÊA, Liana Souto. Mulheres com HIV/AIDS: significando gênero, sexualidade e corpo. In: FAZENDO GÊNERO CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., **Anais...** UFSC, Florianópolis, 2008. p.1-8.
- CRAWFORD, Robert. Healthism and the medicalization of everyday life. **International Journal of Health Services**, v.10, n.3, p. 365-388, 1980.
- CRUZ, Elizabete F.; BRITO, Nair. **Fios da vida tecendo o feminino em tempos de Aids.** Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. GIV – Grupo de Incentivo à vida, 2000. Disponível em: <http://www.giv.org.br/fioscapitulo2_04.htm>. Acesso em: 07 jun. 2015.
- CUNHA, Maria Tereza Santos. Das mãos do autor aos olhos do leitor. Um estudo sobre livros escolares: A série de Leitura Graduada Pedrinho e Lourenço Filho (1950/1970). **História (São Paulo)**. v.30, n.2, ago./dez. 2011, p.81-99.
- DAMASIO, Antonio. **Em busca de Espinoza.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Percepto, afeto e conceito. In: **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. 1998. Disponível em: <www.oestrangeiro.net/> Acesso em: abril 2013.

_____. **A imagem-movimento: Cinema 1**. Lisboa: Assírio & Alvin, 2009.

_____. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Vol 3. RJ: Ed. 34, 1996.

_____; PARNET, Clarice. **Diálogos**. Trad. Eliosa Araújo Ribeiro. SP: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 28 de novembro de 1947- Como criar para si um corpo sem órgãos. In:_____;_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v.3, p.9-32.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas. In: DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971. p.229-249.

DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES
VIRAIS.BRASIL. **Previna-se**. Disponível em:
<[http://www.aids.gov.br/
pagina/previnase](http://www.aids.gov.br/pagina/previnase)>. Acesso em: 15 mar. 2015.

DESCARTES. Discurso do método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências In: _____. **Obra escolhida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962

Diretrizes da **IFLA/UNESCO** para Bibliotecas Escolares, 2002, versão em português (Portugal), 2006, trad. Maria José Vitorino. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

DONINI, Ângela A. **Potência Virótica da Vida Afecto, Escrita e Subjetivação**. 2003. Dissertação (Mestrado) – PUC, Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica. São Paulo, 2003.

DUSSEL, Inés. La gramática escolar de la escuela argentina: un análisis desde la historia de los guardapolvos. In: **Historia de la educación**. Anuario Nro. 4 – Buenos Aires: Sociedad Argentina de Historia de la Educación; Prometeo libros, 2003.

_____. A montagem da escolarização: discutindo conceitos e modelos para entender a produção histórica da escola moderna. In: Revista Linhas, v. 15, n.28, Centro de Ciências Humanas, UDESC, Florianópolis, 2014, p. 250-278.

FELDMAN, Daniele. **Uma política de gestão de estoques de informação**: a questão do livro didático. Trabalho de Conclusão (graduação) – Curso de Biblioteconomia. FAED, UDESC, Florianópolis, 2013.

FERRARI, Anderson; SEFFNER, Fernando. “A morte e a morte”... dos homossexuais. **Revista Gênero**. Niterói, vol.10, n.1, 2 sem., 2009, p. 191-217.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **História da Sexualidade 2** -O uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Graal, 1984. ok

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. RJ: Forense Universitária, 2008.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: Foucault, Michel. **Ética, sexualidade, política**: ditos e escritos. RJ: Forense, 2004. p. 245-278.

_____. O sujeito e o poder. In. DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul (orgs.). **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRACALANZA, Hilário; Neto, Jorge (org.). **O livro didático de Ciências no Brasil**. Campinas: Editora Komedi, 2006.

FRASSON, Priscila Carozza. **AIDS, qual o seu significado nos livros didáticos?** 2006. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e o Ensino da Matemática. UEM, Maringá, 2006.

FREITAG, Barbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderly Ferreira da. **O livro didático em questão**. 2. ed. São Paulo: Cortez: 1993.

FUNDO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Ministério da Educação. **Programas**: livro didático. 2012. Disponível em: < <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

GARCIA, Marcelo Leandro, (et. al.). Análise retórica das campanhas sobre HIV/AIDS no Brasil e em outros países. **Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, abril, 2011. p. 76-99.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da história**: livro didático e ensino do Brasil (1970-1990). SP: Edusc; Uberlândia: Edufu, 2004.

GEILING, Kátia. **Essa tal primeira vez**. SP: Moderna, 1995.

GIAMI, Alain. et. al. **Enfermeiras frente a AIDS:** representações e condutas, permanências e mudanças. Canoas. Ed. Ulbra, 1997.

GIDDENS, A. **As consequências da mortalidade.** São Paulo: UNESP, 2001.

GIMENO SACRISTÁN, José. *Materiales y textos: contradicciones de la democracia cultural.* In: GARCÍA MÍNGUES, Jesús; BEAS MIRANDA, Miguel (orgs.). **Libro de texto y construcción de matereales curriculares.** Granada: Proyecto Sur, s.d., p. 75-130.

_____. **O currículo:** uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed, 1998. Cap. 1, p. 13-87.

GODOY, Ana; FERRAZ, Joana; FERREIRA, Juliana e BELCHIOR, Jussara. Experimentações estético-políticas: do corpo condenado ao corpo liberado, a vida como matéria ética. **Alegar**, n.04, 2007, p. 1-13.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOMES, Paola Basso M. B. Genitais femininos e os lugares da diferença. In: Fonseca, Tania Maria G. & KIRST, Patrícia Gomes (orgs.). **Cartografias e Devires:** a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 273-297.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **AIDS no Feminino por que a cada dia mais mulheres contraem AIDS no Brasil?** Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

GURUDI, V. M. ; CAZETTA, Valeria . Alfabetização científica e cartográfica no ensino de ciências e geografia: polissemia do termo, processos de enculturação e suas implicações para o ensino. **Revista de Estudos Culturais**, [s.l.], v. 1, p. 1-16, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

HANAN, Janete. **A percepção social da AIDS**: raízes do preconceito e da discriminação. Rio de Janeiro: Revinter,1994.

HENRICH, Giovana. **AIDS feminina**: um olhar no espelho sem maquiagem. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Serviço Social. PUC, Porto Alegre, 2008.

HÖFLING, Eloisa de Matos. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. **Educação & Sociedade**, v.21, n.70, p. 159-170, 2000.

JACQUES, Paola B. **Estética da ginga**: arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

KINCHELOE, Joe; BERRY, K. **Pesquisa em educação**: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KINSMAN, G. Responsibility as z strategy of governance. **Economy & Society**, v.25, n.3, p.393-409.

KRESS, G.; VAN LEEUWENT, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**. Danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

_____. Tecnologias do eu e da educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes. 1995. p.35-86.

LAWN, Martin. Uma pedagogia para o público: o lugar de objetos, observação, produção mecânica e armários-museus. **Revista Linhas**, v.14, n.26. Florianópolis: UDESC, p. 222-243, 2013.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade. SP: Papirus, 2003.

_____. *Passions du risque*. Métallié, Paris, 1991.

LE GOFF, Jacques. **As Doenças têm História**. Lisboa: Portugal: Ed. Terramar, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Ed. Nacional, 1970.

LIMA, Adriana Araújo de; PERRELLI, Maria Aparecida de Souza. Os processos de escolha e uso do livro didático pelo professor: caracterização das teses e dissertações que abordam essa temática. In: SIPERE - SEMINÁRIO SOBRE IMPACTOS DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS NAS REDES ESCOLARES, 2. SEMINÁRIO SOBRE INTERAÇÃO UNIVERSIDADE/ESCOLA, 1., 2011, Santa Maria - RS. **Anais...** Santa Maria, RS: UFSM, 2011. p.82.

LOPES, Denilson. **No coração do mundo: paisagens transculturais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

LÖWY, Ilana. *Metaphors of immunology: war and Peace*. In: **História, Ciência, Saúde**. Manguinhos, III, (1), Mar./Junh., 1996, p.1-17

LUPTON, Deborah. **Risk**. London; New York: Routledge, 1999.

MACHADO, Roberto. **FOUCAULT, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

MAGALHÃES, Justino. O manual escolar como fonte historiográfica. In: COSTA, Jorge. et al. **Manuais escolares da Biblioteca Pública Municipal do Porto**. Faculdade de Letras, Porto, 2008, p.11-15.

MAHAMUD, Kira. **Adoctrinamiento emocional y socialización política em El primer Franquismo (1939-1959): emiciones y sentimento em los manuales escolares de enseñanza primaria**. Tese (Doutorado) — Departamento de Historia de La Educación Y Educación Comparada. Facultad de Educación. Universidad Nacional de Educación a Distancia. Madrid, 2012.

MALISKA, Isabel Cristina. et. al. A AIDS em Santa Catarina, no Brasil: um histórico dos 25 anos da epidemia. **Cadernos de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.19, n.2, p.147-156, 2011.

MANTOVANI, Kátia Paulilo. **O Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, impactos na qualidade do ensino público**. 2009, 120f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo – Geografia, São Paulo, 2009.

MARQUETTI, Flávia Regina; FUNARI, PEDRO Paulo. **Corpo a corpo**: representações antigas e modernas da figura humana. São Paulo: Fap-Unifest, 2014.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. OLIVEIRA, Marilda O.; HERNÁNDEZ, Fernando (orgs.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007. p.11-30.

MASSEY, Doreen . **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado da identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói: UFF, n.34, p.287-324, 2008. Dossiê: Literatura, língua e identidade.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional do Livro Didático - PNLD**. 2013. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&

view=article&id=12391:pnld&catid=318:pnld&Itemid=668>. Acesso em: agosto 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. BRASIL. **Ministério da saúde divulga dados sobre aids e HIV**. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2015/12/taxa-de-casos-de-aids-por-habitante-tem-maior-queda-em-12-anos-4919971.html>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

_____. **Governo lança nova campanha contra aids e libera autoteste em farmácias**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2015/12/governo-lanca-nova-campanha-contr-aids-e-libera-autoteste-em-farmacias>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

MITJAVILA, Myriam. O risco como recurso para a arbitragem social. **Tempo Social**, Revista Sociologia. USP, São Paulo, v. 14, n. 2, p.129-145, out. 2002.

MONTAGNIER. **Vírus e homens: AIDS: seus mecanismos e tratamentos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MULLIER, Jean-Yves. O manual escolar e a biblioteca do povo. In: **A leitura e seu público no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Dilene R. **As pestes do século XX: tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a

pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.37, n.2, p.607-625, maio/ago. 2012.

OLIVEIRA, Denize Cristina. Construção e transformação das representações sociais da aids e implicações para os cuidados de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Vol, 21. Ribeirão Preto. Jan./Fev., 2013, p.1-10.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery M. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação. IN: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p.279-304.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

_____. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface-Comunic., Saúde , Educ.**, v.08 , n.14 ,p.09-20.set, 2003/2004.

OSSEMBACH, Gabriela. ¿Está agotada la investigación histórica sobre manuales escolares? Consideraciones críticas sobre la investigación em el campo de la manualística, a 20 años de la fundación del Centro de investigación MANES. In: MEDA, Juri; BADANELLI, Ana. (orgs.). La historia de la cultura escolar em Italia y Espana balance y perspectivas. Itália: Macerata, 2013. p.107-118.

_____. Los manuales escolares como fuente para la Historia de la Educación en América Latina. **Madrid: UNED Ediciones, 2001**.

PASTERNAK, Jacir. AIDS: história pessoal de uma epidemia. **Revista USP**, São Paulo, n. 33 mar/maio, 2011. Dossiê AIDS.

PERLONGHER, Nestor. **O que é a AIDS**. SP: Editora Brasiliense, 1987.

PETERSEN, A. & LUPTON, D. **The new public health: and self in the age of risk**. London: Sage, 1996.

PREVE, Ana Maria H.; CORRÊA, Guilherme Carros. Tudo passa pelo corpo. **Revista de Educação Física, Esporte e Lazer Motrivivência**, Florianópolis: ed. da Ufsc, n. 15, p.1-3. , 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento** – política e filosofia. São Paulo: Edição 34. 1996.

REDE FEMINISTA DE SAÚDE, UNIFEM. **Igualdade de Gênero e HIV/Aids: uma política por construir**, [s.l.:s.n.], 2003.

ROCHA, Heloísa H. Pimenta & SOMOZA, Miguel. Apresentação do dossiê Manuais escolares: múltiplas facetas de um objeto escolar. **Pro-posições**, Campinas, v. 23, n.03. p.1-6, set./dez., 2012.

ROCHA, Heloísa Pimenta. Pedagogia da boa higiene: uma leitura do discurso médico-pedagógico nos anos 20. **Educação online**, [s.l.:sn.], p. 28., 2002.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. RJ: Editora FIOCRUZ, 2006.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no Século XXI**. São Paulo, Paulus, 2013.

SAKAMOTO, Leonardo. Ouvir de um aluno que o HIV já não é grande coisa dá frio na espinha. **UNIADIS**: agência de notícias da AIDS. Disponível em: <http://agenciaaids.com.br/home/noticias/noticia_detalhe/23171>. Acesso em: 03 nov. 2015.

SAMPAIO, Rita. **O livro didático e o cânone literário-escolar (1930-1945)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi. O corpo que pulsa na escola e fora dela. In: SWAIN, Tânia et al. **Corpo, gênero e sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.p.80-93.

_____. **Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil**: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção (1986-2000). 2002. Tese (Doutorado) — Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [Porto Alegre], 2002.

SANTOS, Luis Henrique S.; OLIVEIRA, Dora Lúcia C.L. Gênero e risco de HIV/AIDS nas campanhas de educação em saúde através da mídia. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu. **Anais**. Caxambu, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2294>. Acesso em: dez. 2013.

SANTOS, Beatriz R. et. al. As questões de gênero em livros didáticos de Ciências. In: FÓRUM IDENTIDADES E ALTERIDADE, 6. 2013, Itabaiana. **Anais...** Itabaiana: UFS, 2013. p. 1-12.

SANTOS, N. A; PAIVA, M.S. **Representações sociais de mulheres interioranas acerca da infecção pelo HIV/AIDS.** Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.Aidscongress.net/pdf/320.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Cultura Histórica e cultura escolar: diálogos a partir da educação histórica. **História Revista**, Goiânia, v.17. n.1, p.91-104, jan./jun., 2012.

SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE SANTA CATARINA. **Diretoria de vigilância epidemiológica.** 2010. Disponível em:< <http://www.dive.sc.gov.br>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Relatório de Gestão: 2005-2012.** Prefeitura Municipal de Florianópolis, Florianópolis, 2012.

_____. **Matriz Curricular.** Ensino Fundamental de 9 anos. Departamento de Ensino Fundamental. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Florianópolis, 2011.

SEFFNER, Fernando. AIDS, estigma e corpo. In: LEAL, Ondina F. **Corpo e significado.** Porto Alegre: Editora da UFRGS,1995. p.391-416.

_____. **O jeito de levar a vida: trajetórias de soropositivos enfrentando a morte anunciada.** 1995. Dissertação (Mestrado

em Sociologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995a .

_____. O conceito de vulnerabilidade: uma ferramenta útil em seu consultório. **Aletheia**, Canoas: ULBRA, v. 07, p.53-58. jan./jul., 1998.

_____. Oficinas de Avaliação e Planejamento estratégico em Políticas de DST/AIDS no Estado do Rio Grande do Sul. **Vulnerabilidade**. Porto Alegre, 2002. Texto digitado.

SENA, Tito. **Sexualidade, estatísticas e normalidades: a persona numerabilis nos relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

SGNAULIN, India Mara. **Seleção e uso do livro didático de Ciências por professores iniciantes e experientes, da rede municipal de ensino de Campo Grande, Mato Grosso do Sul**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2012.

SIEMONS, H. S. **Discriminações aos portadores do vírus da AIDS**, 2005. Disponível em: <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/revistaspge/revista2/artigo4.htm>>. Acesso em: 08 dez. 2015.

SILVA, Cristiani Bereta & RIBEIRO, Paula Regina Costa. Apresentação. Dossiê Gênero e sexualidade no espaço escolar. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n.2, p. 336, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Um manifesto pós-estruturalista para a educação**. Porto Alegre, [s.n.], 2000. 7p.

Mimeografado.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOARES, Rosana de Lima. Estigmas da Aids: a busca da cura. Impulso. **Revista de Ciências Sociais e Humanas**. Piracicaba, v. 12, n.32. p. 41-56, 2002.

SONTAG, Suzan. **Doença metáfora, AIDS e suas metáforas**. SP: Companhia das letras, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy A. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p.163-189.

SPINOZA, Benedictus. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STRAY, Chris. Quia Nominor Leo: Vers une sociologie historique du Manuel. In: CHOPPIN, Alain (org.). **Histoire de l'éducation**. n58. Manueles scolaires, Etats et socieétés. XIXe-XXe siècles. [S.l.]: Ed. INRP, 1993.

SZAJDENFISZ, Bela Malvina; SADALA, Maria da Glória. O adolescente e suas escolhas. In: **Educação e Realidade**, 35(1), jan./abr., 2010, POA, p. 253-263.

TEIVE, Gladys Mary G. Caminhos teórico-metodológicos para a investigação de livros escolares: contribuição do Centro de Investigação MANES. **Revista Brasileira de Educação**. RBE.

Rio de Janeiro, ANPED, v. 20, n. 63, out.-dez., 2015. p. 827-844.

_____. Grupo escolar e produção do sujeito moderno: um estudo sobre o currículo e a cultura escolar dos primeiros grupos escolares catarinenses (1911-1935). **História da Educação**. ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas, v.13. n.29. Set./Dez., 2009, p. 57-77.

TELLES, Norma. **Belas e feras**. São Paulo: Nat. Editorial, 2007.

UNIAIDS. **Jovens com HIV não usam preservativo nem antes ou depois do diagnóstico**. 2007. Disponível em: <www.agenciaaids.com.br>. Acesso em: 03 nov. 2015.

VARELLA, Drauzio. **Aids Feminina**, 2005 Disponível em:< <http://www.drauziovarella.com.br/artigos/Aidsfeminina.asp>. >. Acesso em: 15 mar. 2016.

VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria; SEFFFNER, Fernando. A pedagogia das políticas públicas de saúde: norma e fricções de gênero na feitura de corpos. **Cadernos Pagu**, [s.l.], v. 44, p.261-297, jan./jun. 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michael Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V. (Org). **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. p.37-72.

_____. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VENTURI, G. **A AIDS: temor, informação e mudança de comportamento**. IN: PAIVA, V. (org.). Em tempos de AIDS. SP: Summes, 1992.

VIÑAO FRAGO, Antônio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n.0, p.63-82, 2 sem. 1995.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L.(org.). **O corpo educado - pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.p.37-82.

WENZEL, Karine. **Casos de aids entre jovens crescem 30% em Santa Catarina**. Jornal Diário Catarinense, Alerta, Florianópolis, 01/12/2015. Disponível em: <
<http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-devida/noticia/2015/12/casos-de-aids-entre-jovens-crescem-30-em-santacatarina4919413.html>.> Acesso em: 01 dez. 2015.

ZORDAN, Paola. Corpo: conceituações e exemplificações com Spinoza. In: PEREIRA, Marcelo de Andrade (org.). **Performances e educação: (des)territorializações pedagógicas**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p.175-189.

ANEXO A - DOCUMENTOS REFERENTES À ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO

GABINETE DO
MINISTRO
PORTARIA
NORMATIVA Nº 7, DE 5
DE ABRIL DE 2007

Dispõe sobre as normas de conduta no âmbito da execução dos Programas do Livro.

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 87 da Constituição Federal, e considerando ser o acesso ao livro um direito constitucional do educando;

-considerando a importância da participação do professor e profissionais da educação no processo de escolha das obras no âmbito dos Programas do Livro;

-considerando que o processo de escolha deve ser realizado de forma transparente com vistas a assegurar ao aluno o acesso a um material didático de qualidade, que contribua para o seu pleno desenvolvimento e para o exercício da cidadania;

-considerando que, em função das diversidades sociais e culturais que caracterizam a sociedade brasileira, bem como do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, a escolha dos livros deve ter

como base o conhecimento da realidade do aluno e da proposta pedagógica que norteia o trabalho da escola;

-considerando a necessidade de aperfeiçoar a regulamentação das formas de divulgação dos livros e demais materiais pelos Titulares de Direitos Autorais, no âmbito dos Programas do Livro;

-considerando, ainda, o disposto no caput do artigo 37 da Constituição Federal e na Lei no 8.429, de 2 de junho de 1992, que versa sobre os atos de improbidade administrativa, resolve

Art. 1º Instituir normas de conduta para o processo de execução dos Programas do Livro.

Art. 2º Participam da execução as seguintes instituições: Ministério da Educação - MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Básica - SEB, Secretaria de Educação Especial - SEESP, e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD; Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE;

Secretarias de Educação dos Estados, Municípios e Distrito Federal; Escolas e

Titulares de Direitos Autorais.

Art. 3º A participação das instituições de que trata o artigo 2º implica na observância das obrigações e proibições, de cada uma delas, conforme a seguir:

§ 1º Constituem-se obrigações do MEC e do FNDE:

I - divulgar a forma e o atendimento dos Programas do Livro por meio do site www.fnnde.gov.br, ou do Diário Oficial da União, ou de correspondências específicas aos participantes dos programas, no que couber;

II - promover e apoiar ações voltadas para a formação docente com vistas à escolha e ao uso do livro nas Escolas;

III - garantir a isonomia do processo de execução, não disponibilizando informações que privilegiem um ou outro Titular de Direito Autoral;

IV - adotar as providências cabíveis no caso de as Secretarias de Educação e os

Titulares de Direitos Autorais que infringirem as normas de conduta;

V - identificar claramente a propriedade do material do MEC/FNDE, na primeira capa dos guias de escolha e nos demais materiais oficiais distribuídos.

§ 2º Constituem-se obrigações dos Titulares de Direitos Autorais ou dos seus representantes, cujas obras inscritas forem selecionadas:

I - imprimir, na primeira capa dos livros utilizados na divulgação, ou na face frontal dos demais materiais de divulgação, o texto: "Material de divulgação da Editora [nome da editora]" em tamanho correspondente a 10% da área de impressão da

respectiva capa ou face, podendo constar o código da coleção correspondente no mesmo espaço.

II - quando se tratar de exemplares de livros utilizados na divulgação, a matéria prima e acabamento (papel, cores, laminação de capa, etc.) deverão respeitar exata e fielmente as especificações técnicas do Edital, e, exclusivamente no caso do PNLD 2008, esses livros não poderão ter características superiores às especificações técnicas mínimas definidas no Edital;

III - imprimir, na quarta capa dos livros utilizados na divulgação, o Hino Nacional e o número do ISBN, deixando em branco a segunda e a terceira capas desses livros.

§ 3º Constituem-se proibições aos Titulares de Direitos Autorais ou aos seus representantes, cujas obras inscritas forem selecionadas:

I - oferecer vantagens de qualquer espécie a pessoas ou instituições vinculadas ao processo de escolha, no âmbito dos Programas do Livro, a qualquer tempo, como contrapartida à escolha de livros ou materiais de sua titularidade;

II - distribuir presentes ou brindes a pessoas ou instituições vinculadas ao processo de escolha, no âmbito dos Programas do Livro, a qualquer título, após a publicação do resultado da avaliação ou a divulgação dos guias de escolha pelo MEC/FNDE, até o final do período de escolha pela internet e pelo formulário impresso;

III - produzir e distribuir catálogo, ou outro material, com características gráficas ou outras características que induzam os professores a acreditar que se trata de material oficial, produzido pelo MEC/FNDE;

IV - utilizar logomarcas oficiais, selos dos Programas do Livro, ou marcas e selos graficamente semelhantes, para efeito de propaganda, publicidade e divulgação, ou qualquer outro que induza ao entendimento de que se trata de material oficial do MEC/FNDE;

V - distribuir exemplares de livros utilizados na divulgação, com textos ou imagens que induzam ao entendimento de que os mesmo são indicados, preferencialmente, pelo Ministério da Educação para adoção nas Escolas, em detrimento de outros;

VI - utilizar, nas formas de divulgação, livros de conteúdo (imagens e textos) diferente dos livros inscritos e selecionados para os programas, bem como livros com especificações técnicas diferentes daquelas estabelecidas no Edital;

VII - utilizar a senha de escolha ou o formulário impresso de escolha enviados pelo FNDE às Escolas;

VIII - realizar pessoalmente a divulgação ou entrega de qualquer material de divulgação dos livros, diretamente nas Escolas, após a publicação do resultado da avaliação ou a divulgação dos guias de escolha pelo MEC/FNDE, até o final do período de

escolha pela internet e pelo formulário impresso, sendo permitida, durante esse período, a divulgação pelo envio de livros, catálogos, folders e outros materiais, exclusivamente por remessa postal, definida como a entrega de materiais de forma impessoal, pelos Correios ou forma equivalente, sem a presença do Editor ou seu preposto ou outrem com vínculo funcional evidente com o Titular de Direito Autoral;

IX - realizar orientação pedagógica nas Escolas ou Secretarias de Educação, após a publicação do resultado da avaliação ou a divulgação dos guias de escolha pelo MEC/FNDE até o final do período de escolha pela internet e pelo formulário impresso; X - imprimir informação na quarta capa dos livros utilizados na divulgação além do Hino Nacional e do número do ISBN, e imprimir qualquer informação na segunda e terceira capas desses livros;

XI - transcrever para os materiais de divulgação, total ou parcialmente, os conteúdos constantes dos guias ou catálogos de escolha dos livros;

XII - patrocinar com qualquer quantia, material de propaganda (brindes, blocos, canetas, guardanapos, etc.), ou qualquer outro benefício, os eventos relativos aos Programas do Livro realizados pelas Escolas ou Secretarias de Educação.

§ 4º Constituem-se obrigações das Secretarias de Educação dos Estados, Municípios e Distrito Federal:

I - recusar vantagens de qualquer espécie em razão da escolha das obras no âmbito dos Programas do Livro;

II - orientar as Escolas quanto ao processo de escolha e utilização dos livros;

III - impedir a participação dos Titulares de Direitos Autorais, autores, ou de seus representantes, nos eventos promovidos pelas Secretarias de Educação relativos à escolha de livros;

IV - garantir a isonomia do processo de execução, não disponibilizando informações que privilegiem um ou outro Titular de Direito Autoral;

V - adotar as providencias cabíveis no caso das Escolas de suas respectivas redes que infringirem as normas de conduta;

VI - recusar vantagens de qualquer espécie dos Titulares de Direitos Autorais ou de seus representantes, a título de doação, como contrapartida da escolha realizada no âmbito dos Programas do Livro;

VII - não disponibilizar espaço público para a realização de eventos promovidos

pelos Titulares de Direitos Autorais, autores ou seus representantes, relacionados aos Programas do Livro.

§ 5º Constituem-se obrigações das Escolas:

I - impedir o acesso, em suas dependências, de Titulares de Direitos Autorais ou de seus representantes com o objetivo de divulgar livros referentes aos Programas do Livro, após a publicação do resultado da avaliação ou a divulgação dos guias de escolha pelo MEC/FNDE até o final do período de escolha pela internet e pelo formulário impresso;

II - não disponibilizar espaço público para a realização de eventos promovidos

pelos Titulares de Direitos Autorais, autores ou seus representantes, relacionados aos Programas do Livro;

III - impedir a participação dos Titulares de Direitos Autorais, autores, ou de seus representantes, nos eventos promovidos pela Escola relativos à escolha de livros;

IV - garantir a isonomia do processo de escolha, não disponibilizando informações que privilegiem um ou outro Titular de Direito Autoral;

V - não solicitar a reposição de livros recebidos, porventura danificados, diretamente aos Titulares de Direitos Autorais ou seus representantes;

VI - recusar vantagens de qualquer espécie, dos Titulares de Direitos Autorais, autores ou de seus representantes, a título de doação, como contrapartida da escolha de obras referentes aos Programas do Livro;

VII - impedir o acesso à senha de escolha ou ao formulário de escolha.

Art. 4º O prazo de escolha das obras dos Programas do Livro, referidos no artigo 3º, quando for o caso, será divulgado, dentre outras formas, no site do FNDE.

Art. 5º Será instituída pelo Presidente do FNDE, por meio de Portaria, a Comissão Especial de Apuração de Conduta para analisar e apurar o descumprimento desta Norma, no caso do recebimento de denúncias.

§ 1º Após análise da denúncia, a Comissão referida no caput deste artigo fará, se for o caso, as devidas diligências, enviará Notificação aos denunciados solicitando razões e justificativas, e, após a devida conclusão dos trabalhos, produzirá Relatório indicando os fatos apurados e recomendações de encaminhamentos e penalidades cabíveis para decisão do Presidente do FNDE.

§ 2º O Presidente do FNDE, após julgamento e decisão, emitirá Notificação ao denunciado comunicando o resultado e, se for o caso, aplicando a respectiva penalidade, sendo permitido ao denunciado impetrar Recurso Administrativo dirigido ao Conselho Deliberativo do FNDE.

§ 3º O Conselho Deliberativo do FNDE, após receber e julgar o Recurso Administrativo apresentado, emitirá, por intermédio do seu Presidente ou substituto, a devida Notificação de Decisão,

acatando integral ou parcialmente, ou não acatando o Recurso Administrativo, e, se for o caso, aplicando definitivamente a penalidade.

§ 4º O descumprimento das obrigações e proibições estabelecidas no art. 3º, §§ 2º e 3º, devidamente analisado, garantido o direito de defesa prévia, acarretará ao denunciado:

I - advertência escrita, a ser aplicada pelo Presidente do FNDE, quando se tratar de infração leve, a juízo e por sugestão da Comissão Especial de Apuração de Conduta;

II - multa de 20% do valor total da aquisição da obra, apurado com base no valor negociado por ocasião do respectivo programa/ano, a ser aplicada pelo Presidente do FNDE, nos casos do descumprimento do artigo 3º, especialmente dos incisos I, II e III do § 2º, e dos incisos IV, V, VI, IX e X do § 3º;

III - multa de 10% do valor total do contrato, apurado com base no valor negociado por ocasião do respectivo programa/ano, a ser aplicada pelo Presidente do FNDE, no caso do descumprimento do artigo 3º, especialmente dos incisos I, II, III, VII, VIII, XI e XII do § 3º;

IV - suspensão da participação do Titular de Direitos Autorais do processo de inscrição e avaliação de suas obras por ocasião Programa subsequente (quando houver nova escolha), nos casos em que for confirmado o descumprimento dos itens I e II

combinados, ou do item V do § 3º, do artigo 3º desta norma, definitivamente julgado.

§ 5º A reincidência, por três anos consecutivos, em infrações que levem à advertência de que trata o item I do § 4º acarretará multa de 1% do valor total do contrato, apurado com base no valor negociado por ocasião do respectivo programa/ano, a ser aplicada pelo Presidente do FNDE.

§ 6º A suspensão referida no item IV do § 4º somente poderá ser aplicada pelo Conselho Deliberativo do FNDE, após recomendação do Presidente do FNDE.

§ 7º O descumprimento das obrigações estabelecidas no art. 3º, §§ 1º, 4º e 5º, será tratado observando a legislação pertinente, regulatória daquelas instituições.

§ 8º As multas referidas nos itens III e IV do § 4º e no § 5º deste artigo, quando julgadas anteriormente à vigência do contrato com o Titular de Direito Autoral relativo ao programa/ano objeto de infração, serão aplicadas no ato da assinatura do respectivo contrato, como condição prévia à sua validação, podendo o infrator, caso não concorde com a pena, desistir da sua participação no certame.

§ 9º Além das medidas estabelecidas nesta Portaria, o FNDE deverá notificar os órgãos competentes, em caso de ocorrência de fato que tenha repercussão nas esferas civil e criminal.

Art. 6º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º Revogam-se as disposições em contrario, em especial a Portaria nº 2.963 de 29 de agosto de 2005, publicada no DOU 167, de 30/08/2005 seção I, página 7, e a

Portaria MEC nº 806, de 28/03/2006.

ANEXO B – CARTA SENHA



FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Carta-Circular Nº 003/2012 –
COARE/CGPLI/DIRAE/FNDE/MEC

Senhor(a) Diretor(a) da(o) <<NOME DA ESCOLA>>

Brasília, abril de 2012.

1. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) está encaminhando dados de **usuário** e **senha** para efetivação da **escolha** dos livros destinados aos alunos e professores dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas de áreas urbanas, e também das escolas de áreas rurais com mais de 100 alunos, para o triênio de 2013 até 2015, no âmbito do **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**.

2. A escolha deverá ser realizada pela escola, com base nas orientações constantes no *Guia de Livros Didáticos*, e a direção deverá designar **um responsável** para realizar o registro dessa escolha, que será **exclusivamente pela internet**, de **15 de junho até 1º de julho de 2012**, pelo

portal do FNDE, em www.fnde.gov.br >> Destaques >> **Escolha PNLD 2013.**

3. Não sendo possível realizar a escolha em sua escola, deve ser utilizado outro local com acesso à internet. É essencial salvar suas escolhas, clicando no botão **GRAVAR** antes de finalizar seu acesso, para que o sistema registre as opções indicadas. Se a escola registrar escolha para alguns componentes e deixar de registrar para outros, apenas receberá os livros que tiver gravado, deixando de receber os demais componentes. Ainda, se a escola gravar sua escolha sem marcar alguma obra em qualquer componente, não serão encaminhados livros.

4. Para registrar a participação dos professores na escolha e dar transparência ao processo, sugerimos que a decisão sobre a escolha das coleções seja documentada por meio do *Registro da Reunião de Escolha dos Livros Didáticos*, constante no guia. Sugerimos também que esse documento e o *Comprovante de Escolha*, impresso via sistema, sejam divulgados para a comunidade escolar e arquivados para eventuais consultas pelo FNDE ou pelos órgãos de controle.

5. Salientamos que a senha é de uso exclusivo dessa direção e que os registros realizados pela internet poderão ser alterados a qualquer momento durante o período de escolha, prevalecendo sempre o último registro efetuado. Aconselhamos, portanto, que essa direção tome os devidos cuidados para que a senha

não seja utilizada para alterações indevidas ou por pessoas estranhas ao processo.

6. O acesso ao sistema de registro da escolha exigirá os dados de usuário e senha, fornecidos abaixo.

Usuário

Senha

7. Para que o processo de escolha ocorra de forma correta e transparente, sobretudo no que se refere à divulgação das obras pelas editoras, recomendamos a observância da Portaria Normativa 7/2007 MEC, referente às *Normas de Conduta dos Programas do Livro*, disponível no portal www.fnde.gov.br >> Livro Didático >> Legislação >> 2007.

8. As escolas dos anos iniciais do ensino fundamental de áreas rurais com menos de 100 alunos passarão a ser atendidas com livros didáticos específicos no âmbito do PNLD Campo, conforme Resolução 40/2011

CD/FNDE. Para essas escolas haverá outro processo de escolha até o final de 2012.

9. Para mais informações, consulte o nosso portal, ou recorra ao Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) pelo telefone 0800 616161, teclando “2” e depois “5” para acessar o FNDE.

ANEXO C – NORMAS DO PROCESSO DE ESCOLHA

1. Compromissos relativos à moralidade e isonomia no processo de escolha: (conforme Portaria Normativa nº 7, de 5 de abril de 2007)

COMPETE À ESCOLA:

- 1.1. impedir o acesso, em suas dependências, de Titulares de Direitos Autorais ou de seus representantes com o objetivo de divulgar livros referentes aos Programas do Livro, desde a divulgação dos Guias pelo MEC/FNDE até o final do período de registro da escolha;
- 1.2. não disponibilizar espaço público para a realização de eventos promovidos pelos Titulares de Direitos Autorais, autores ou seus representantes, relacionados aos Programas do Livro;
- 1.3. impedir a participação dos Titulares de Direitos Autorais, autores, ou de seus representantes, nos eventos promovidos pela escola relativos à escolha de livros;
- 1.4. garantir a isonomia do processo de escolha, não disponibilizando informações que privilegiem um ou outro Titular de Direito Autoral;

- 1.5. não solicitar a reposição de livros recebidos, porventura danificados, diretamente aos Titulares de Direitos Autorais ou seus representantes;
- 1.6. recusar vantagens de qualquer espécie, dos Titulares de Direitos Autorais, autores ou de seus representantes, a título de doação, como contrapartida da escolha de obras referentes aos Programas do Livro;
- 1.7. impedir o acesso dos Titulares de Direitos Autorais, autores ou seus representantes, à senha de escolha.

2. Compromissos relativos à conservação, devolução e remanejamento dos livros: (conforme Resolução nº 60, de 20 de novembro de 2009)

COMPETE À ESCOLA:

- 2.1. promover ações eficazes para garantir o acesso, o uso, a conservação e a devolução dos livros didáticos reutilizáveis pelos alunos, inclusive promovendo ações para conscientização de alunos, pais ou responsáveis; e
- 2.2. promover o remanejamento de obras excedentes ou não utilizadas pela escola para atender a outras unidades com falta de material;

3. Compromissos relativos ao uso, guarda e sigilo da senha e do código de segurança: (conforme Carta Circular nº 002 de 2012)

CONSIDERANDO que a **direção de escola é responsável pela guarda e sigilo da senha da escolha**, enviada pelo FNDE na **carta amarela**.

- 3.1. a Direção deverá designar um responsável para efetuar a escolha do PNLD 2013 na Internet;
- 3.2. o responsável designado deverá efetuar, no Sistema, o registro da escolha de todos os componentes curriculares;
- 3.3. analisar as resenhas contidas no Guia de Escolha do PNLD 2013 e **escolher duas opções (1ª e 2ª), de editoras diferentes** para cada componente curricular.
- 3.4. caso a escola não queira receber livros de algum componente curricular, basta manter a indicação inicial do sistema: **“não desejo receber livros deste componente”**.
- 3.5. a direção da escola poderá registrar o processo de escolha, bem como os títulos escolhidos, no modelo de Registro da Reunião de Escolha, constante no Guia PNLD 2013.

4. Compromissos relativos à transparência no processo de escolha:

4.1. Sugere-se que o **comprovante de registro da escolha** feita pela Internet, e o **registro da reunião a que se refere o item 3.5**, sejam divulgados para a comunidade escolar e arquivados para eventuais consultas pelo FNDE ou pelos órgãos de controle.

**FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA
EDUCAÇÃO**

**ANEXO D - MODELO DE ATA PARA REUNIÃO DE
ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO-FNDE
REGISTRO DA REUNIÃO DE ESCOLHA DE LIVROS
DIDÁTICOS PNLD CAMPO /2013**

_____/_____/_____

(Nome da secretaria)

(Cód. da entidade)

_____/_____/_____
_____/_____ de _____ 2012

(Município)

(UF)

(Data)

► Descrever neste espaço sucintamente como ocorreu o processo de escolha:

► Informar os códigos das coleções

REGISTRO DA ESCOLHA DA COLEÇÃO: 1ª OPÇÃO/2ª OPÇÃO

Nome Completo dos Participantes

Cargo que ocupa

Assinatura

► Transparência no processo de escolha do livro didático:

Sugerimos que esse Registro da Reunião de Escolha de Livros Didáticos seja anexado ao Comprovante de Escolha feito pela Internet, e que estes documentos sejam afixados na secretaria, em local apropriado, público e de fácil acesso para ciência de todos os membros da comunidade escolar.

ANEXO E - CAPAS DOS LIVROS DE CIÊNCIAS ANALISADOS

